ANNO XXIV — N.º 12
Rio, 22 de Março de 1930
PREÇO: 1$500
FON FON

A machina humana

Toda gente sabida e prudente deve, periodicamente, proceder ao expurgo do organismo, submettendo-o a um certo regimen de desintoxicação. As pessôas que não podem sujeitar-se a tal limpeza periodica, obterão optimos resultados, sobretudo no verão, tomando alguns comprimidos Bayer de Helmitol durante o dia.

O Helmitol faz uma verdadeira lavagem, circulante, do organismo.

BAYER

HELMITOL

ESTADOS DE DEPRESSÃO

Muitas vezes sentimos forte sensação de cansaço ou repentina depressão nervosa, sem que atinemos com a causa destas perturbações. Em muitos casos são ellas devidas a perdas de phosphoro e calcio, que os alimentos quotidianos não contêm em quantidade sufficiente para abastecer o organismo. A Candiolina é um producto da Casa Bayer, mundialmente conhecido, e que suppre magnificamente o organismo daquellas substancias, que se apresentam sob uma forma agradavel de tomar e facilmente assimilaveis. Em casos, pois, de fraqueza physica ou de depressão nervosa, devemos aconselhar, sempre, o uso da Candiolina.

UM DENTIFRICIO IDEAL.

DISSOLVA E EXPERIMENTE

Acaba de apparecer um novo dentifricio que está fazendo grande successo. Trata-se do Ortizon Bayer, para uso diario, dentifricio ideal porque perfuma e desinfecta a bocca, protegendo os dentes da carie. Além dessa vantagem accresce que o Ortizon tem a propriedade de branquear os dentes, mesmo dos fumantes.

O Ortizon Bayer, dissolvido em agua, forma uma especie de agua ozonizada, perfumada, muito agradavel para a desinfecção geral da bocca.

E' o mais moderno e util dos dentifricios para uso diario.

O PHAROLEIRO

De Eugenio Rio

(Aos meus dignos patricios, os pharoleiros de Abrolhos, offereço o trabalho que me inspiraram.)

O pequeno bóte ia e vinha do pharol para o navio, descarregando viveres para tres mezes de alimentação dos pharoleiros e em uma das vezes que aproou ao penedo, o pharoleiro perguntou a um dos tripulantes:

— Que é lá isso? Malas? Vamos, afinal, ter um novo companheiro?

— Ainda não sabiam? Vamos trazel-o na proxima viagem do bote.

— E que tal é elle? Gente bôa?

— Calado como um pote e triste que nem um cypreste.

— Sim?! Pois olhe que, si elle vem em busca de alegria aqui nestes penedos, quando se fôr levará menos do que trouxe.

O marinheiro empurrou o "cróque", o barco afastou-se e tomou novamente o rumo do navio; quando regressou novamente aos penedos, desembarcou o novo pharoleiro.

Era um homem moço, typo de nortista bronzeado, de fronte alta e olhar vivo, peito largo e braços possantes; fôra dez annos marinheiro e conhecia de sobra os segredos do mar.

Sobre as pedras que serviam de cáes do pharol, o homem olhava o bote que voltara e era içado para os "turcos" do navio; viu, depois, o navio suspender ferro e partir.

Um dos pharoleiros correu ao mastro de signaes e fez subir ao mastaréo tres bandeiras.

Era o signal de "bôa viagem".

O navio respondeu e tres longos apitos soaram, dizendo o adeus do navio aos que ficavam alli afastados do mundo.

Os tres homens subiram á casa dos pharoleiros e aquelle que havia falado ao marinheiro se dirigiu ao recem-chegado:

— Camarada, eu fiz o ultimo quarto de serviço e agora vou dormir; o nosso companheiro fica encarregado de explicar a maneira de trabalhar aqui; quanto ao resto, quanto é vida de folga essa consiste em dormir, fumar, pescar e comer. Como te chamas?

— Marcos.

— Eu me chamo Sylvestre e o nosso companheiro chama-se Onofre. Até logo, companheiros.

Em pouco tempo, Marcos ficou senhor do serviço do pharol e adaptou-se á vida monotona, uniforme dos pharoleiros. Taciturno e grave, elle limitava-se a pequenas conversações com os companheiros, preferindo encarregar-se dos trabalhos de cozinha e da lavagem da roupa, a estar conversando.

Que haveria dentro daquella alma fechada?

Marcos era bom, corajoso e amigo dos seus companheiros, e estes, apesar da maneira estranha de viver do camarada, o estimavam. Diariamente, á hora regulamentar, os tres homens faziam subir ao mastro a bandeira da Patria e, descobertos, respeitosos, viam desdobrar-se, beijada pela brisa, a imagem da Patria, a quem elles honravam e serviam.

Muitas vezes, os companheiros de Macros viram, nesse momento, duas lagrimas rolarem pela face morena do camarada. Mais de uma vez, o falador Sylvestre tinha procurado desvendar o mysterio que havia na vida do taciturno Marcos; mas em vão. Elle sorria tristemente e dizia:

— E' meu feitio; sempre fui isso mesmo.

Aconteceu que uma noite os tres companheiros, juntos para a rendição de um quarto, encetaram uma conversação, durante a qual Sylvestre falou em amores.

Onofre, por sua vez, contou as suas proezas amorosas e disse que tinha no continente uma noiva que apenas esperava que elle terminasse o seu contracto, para se casarem.

Marcos olhou-o, e perguntou:

— Ha quanto tempo ella está esperando?

— Vae para tres annos.

O nortista sacodiu a cabeça:

— Em tres annos uma mulher tem tempo para enganar cem homens credulos.

Os outros dois entreolharam-se, adivinhando o que havia na alma sombria de Macos.

Sylvestre retorquiu:

— Isso não, camarada! Nem todas as mulheres são falsas; eu amei a mais de uma e não tenho nada que dizer.

— Pois eu amei a uma só e nunca, nunca mais poderei amar a nenhuma outra! Eu era um pobre marinheiro que vagava por esse mar de Deus; nunca temi os furacões nem o mar bravio; nunca tremi deante da morte, que tantas vezes me appareceu; mas, um dia, tremi deante de uma moça, uma criança que me olhou e sorriu para mim! Minha vida mudou e eu, que só pensava nella, nessa mulher feiticeira, tambem esperava a minha

O COMMENTARIO

TODA a semana perdurou nos espiritos a horrivel impressão causada pelo desastre na Estrada de Ferro de Therezopolis, em que perderam a vida pessôas conhecidas e queridas na sociedade carioca, innocentes criancinhas e um joven sportman, cuja bravura philanthropica o conduziu ao tumulo.

Decerto, em toda a parte do mundo ha desastres ferroviarios e nenhuma empreza de transportes, por melhor organizada que seja, pode eximir-se a fatalidades dessa natureza. Entretanto, é forçoso confessar que a via ferrea de Therezopolis sempre foi famosa pela sua desorganização. O pessimo serviço de ligação daquella linda cidade serrana obrigou o governo a encampar a estrada, que era de particulares. Melhorou. Mas esse desastre veio demonstrar que a melhora é mais apparente do que basica. E' tempo, pois, de providencias energicas, afim de se evitarem maiores males.

baixa da Armada para ir levar a minha Jurema ao pé do altar.

Fiz um cruzeiro de dez mezes, e quando, um dia, voltei, soube que Jurema, esquecendo o seu juramento, fugira para a capital com um moço rico, que lhe trazia o dinheiro e o luxo! Eu fugi; vim para aqui, para este penedo isolado, onde ella nunca virá, porque se um dia eu encontral-a, o meu "quicé" irá buscar no fundo do coração della a felicidade que ella me roubou!

Si um dia eu a encontrar, seja até dentro da egreja, deante da hostia consagrada, ella morrerá!

E, deixando os companheiros estupefactos, Marcos sahiu e subiu para o posto de vigia.

. . . .

CINCO annos passaram sobre a data em que Marcos fôra para o pharol. Muitos homens havia se revezado nos postos, porém Marcos nunca sahira do penedo onde se erguia o pharol. Via os seus collegas chegarem e, depois de longos mezes, regressarem ao continente, á vida das cidads ou das pacatas villas do interior, e elle ficava!

— Minha cidade, minha villa, é este penedo no meio do oceano!

Era o que elle respondia, quando lhe perguntavam si queria substituto.

Um dia, uma formidavel tempestade se desencadeou sobre o mar. A's duas horas da tarde era noite, tal a escuridão que reinava; a luz do pharol possante não conseguia atravessar a escuridão e o nevoeiro.

O mar de vagalhões, furiosamente, castigava, rugindo, as penedias negras. O vento uivava sinistramente e a chuva torrencial inundava tudo. Os relampagos succediam-se quasi sem interrupção e os trovões lembravam o canhoneio de mil canhões de grosso calibre.

Os homens do pharol estavam a postos e o grande sino tangia lugubremente, dominando por vezes o fragor da tempestade!

Marcos e seus companheiros ouviram, de repente, a oéste do pharol, os apitos roucos de um navio!

Tres apitos curtos, tres longos e novamente tres curtos.

S. O. S.! O appello de soccorro, o grito angustioso dos navegantes em perigo!

E a tempestade, longe de amainar, recrudescia.

S. O. S. — S. O. S!

Impotentes para ir em soccorro do navio, os tres homens faziam dobrar o sino e com o holophote da torre procuravam varar a escuridão. Durante algum tempo os apitos continuaram, depois cessaram e ás sete horas da noite, amainada a tempestade, as nuvens correram pelo céo e as estrellas apparecendo em um céo puro, o mar acalmado da sua furia faziam parecer que a horrivel tempestade fôra apenas um pesadello!

O CONTO BRASILEIRO

(conclusão)

Os pharoleiros corriam pelos penedos e escarpas das margens, encontrando a cada passo destroços de um navio naufragado.

Um, dois, tres cadaveres de naufragos espedaçados de encontro ás rocas; mais um pendurado á ponta d um penedo, destroços de toda a especie boiando no mar, agora tranquillo, calmo...

Os homens puxavam para a terra os mortos e iam em busca de mais.

— O navio se espedaçou nos recifes de oéste — disse Marcos.

— E era um barco grande.

— Lá na areia da praia, ha mais um cadaver!

Pulando pelas pedras, Marcos chegou á pequena praia onde, na areia, estava atirado um corpo de mulher.

O pharoleiro apalpou-o, encostou o ouvido no peito e gritou:

— Cesar! Aqui depressa! Esta está viva!

Rapidamente, os dois homens levantaram o corpo, e o conduziram para a casa do pharol.

— Depressa, Cesar! Alcool, flanella; vamos ver si conseguimos salval-a!

Marcos deitara a mulher e afastava os cabellos que, molhados e cheios de areia, se agarravam ao rosto da sinistrada.

Elle fitou aquelle rosto, e recuou:

— Jurema! Jurema!

Suas mãos crisparam-se, uma ruga funda dividiu-lhe a fronte e elle avançou de novo, as mãos como garras formidaveis, em direcção ao pescoço della.

Ia acabar com ella, matal-a emfim!

Cesar entrou com o que Marcos pedira.

— E' preciso despil-a, friccionar-lhe o corpo — disse Cesar.

E levou as mãos ao corpete rasgado, de onde apontava um seio moreno.

— Deixa-a commigo! Vae ver se ha mais algum.

Despindo-a, elle começou a friccionar aquelle corpo gelado; tomou-lhe os dois pulsos e começou a mover-lhe os braços, procurando restabelecer a respiração. Depois de vinte minutos desse trabalho, Marcos viu que o peito de Jurema se erguia, e ella respirava; era a vida que voltava!

Elle continuou abrindo e fechando aquelles braços bellos; exhausto, empregava toda a sua energia para dominar o cansaço; somente quando ella respirou francamente é que elle a deixou.

Armado, porém, de uma esponja embebida em alcool, friccionou-a toda.

Ella abriu os olhos e olhou vagamente.

— Jurema! Jurema, estás salva! — disse Marcos.

— Marcos! — murmurou ella, reconhecendo-o.

— Sim, Jurema, sou eu!

— Perdôas-me?

— Sim, sim; socega, não pense nisso agora; estás salva e fui eu que queria te matar, quem te salvou. Espera; vou buscar um pouco de "cognac" para beberes; verás como ficas bôa logo.

— Beija-me, Marcos...

Elle pegou-lhe a cabeça e encheu aquelle rosto de beijos apaixonados e partiu em busca do "cognac".

Voltou correndo, com um copo cheio, ergueu o busto della e o copo cahiu-lhe das mãos.

A cabeça della descahira, o busto dobrára e os olhos semi-cerrados perdiam o brilho!

— Jurema! Pelo amor de Deus, não morras!

Quando os dois companheiros de Marcos entraram na sala, encontraram este de joelhos, chorando copiosamente e beijando apaixonadamente a mão morena da morta.

Na manhã seguinte, oito corpos envolvidos em pannos foram descidos ás sepulturas; um, porém, ficára sobre a terra e Marcos disse aos seus companheiros:

— Amigos: esse corpo é meu. Quero eu só enterral-o.

Depois que os companheiros partiram, Marcos descobriu o rosto da morta e contemplou-o longamente.

Depois, curvou-se lentamente e beijou a face daquelle ente por quem tanto soffrêra. Seus braços herculeos tomaram o precioso fardo, que elle depoz no fundo da cova. Encheu o tumulo de terra e de pé junto delle, com os longos cabellos ao vento, Marcos disse:

— Jurema! Soffri por ti até a ultima; não ha no mundo nada mais para mim. Quando eu fugi do mundo para te esquecer, Deus te encaminhou para meu lado, para me castigar, para que eu tivesse apenas cinco minutos de prazer. Ainda não estou bem punido, o mundo agora está vazio para mim, e a morte me espera! Irei para teu lado; espera-me, Jurema, eu vou já!

Com o cano do seu revolver encostado ao ouvido, elle ergueu os olhos para o céo.

Seu braço afrouxou e a mão deixou cahir o revolver na terra revolvida de pouco.

Marcos olhava, transfigurado, para um trapo verde e amarello que a brisa drapejava no mastro dos signaes e que a tempestade da vespera dilacerára.

— Não! — disse elle. — Não me matarei deante da minha bandeira. Perdôa-me, Jurema, si eu não te sigo.

E, curvando-se para beijar a terra da Patria, Marcos exclamou:

— Patria! Minha terra abençoada, minha Mãe, viverei por ti!

Cêra Pura Mercolized

(em inglez: "Pure Mercolized Wax")

dá a toda mulher uma cutis tão suave e immaculada como a de uma creança.

Essa cutis, em realidade, a possue toda mulher, immediatamente debaixo da que ostenta exteriormente. Mas, como desprender-se a cutis exterior avelhantada, gasta, defeituosa, é um segredo não muito difundido. Em algumas partes as mulheres deixam-se submetter ao

PROCESSO HEROICO DE DESPELLEJAR-SE

que consiste em fazer com que se desprenda a cutis exterior. Tal methodo, não só é muito doloroso, como tambem obriga a uma larga reclusão.

MAS A SCIENCIA TEM PROGREDIDO

a tal ponto que qualquer um, homem ou mulher, pode com absoluta confiança e commodidade fazer que se desprenda sua má cutis exterior sem dôr nem perigo algum. Tudo o que é preciso fazer é adquirir em qualquer pharmacia Cera Pura Mercolized, e applical-a ao rosto e collo.

SÃO PRECISOS APENAS 10 DIAS

para completar felizmente a transformação da cutis o que se effectua de tal modo que só é notado pelo grande melhoramento do aspecto da pelle. Não se limite a pedir cera pura, pois é mister que seja mercolized (em inglez "Pure mercolized wax).

OS TRES FAKIRS

De PIERRE LOTI

No bosque encantador habitam tres fakirs, á margem do caminho, sob um tecto de palha, ao pé de uma collina e deante do espelho de um lago tranquillo.

São tres jovens regularmente bellos, nús e com longas cabelleiras, e empoados da cabeça aos pés com uma cinza pallida, côr de pedra.

Todos os dias e a toda hora, em que se passe por ali, elles estão naquelle local. Ficam sob o abrigo, que nada fecha, sentados no solo, as pernas cruzadas, numa pose buddhica e immoveis deante das aguas frescas, onde se estende a miragem das montanhas, das florestas sombrias e dos palacios do rei de Odaypura.

Por traz da cidade branca, uma vez atravessadas as grandes portas ogivaes, sem transição, começa o bosque silencioso que se vae, por cima dos altos cumes de em torno, reunir-se, mais longe, á floresta, ao mattagal espesso e aos tigres.

As arvores pequenas, os massiços de ramos leves, se assemelham aos nossos, e se esfolham, como acontece entre nós, no fim de cada outomno. Entretanto, aqui é a primavera, a primavera tropical O ar queima. Mas faz um bello tempo no bosque, como no resto da India, e tudo morre com esse bello tempo que dura já tres annos.

Por estar muito perto das portas, esse logar é magnifico de calma; todo o movimento se retirou para o outro lado da cidade, e quasi ninguem passa por essa estrada, deante dos tres fakirs em contemplação.

* * *

No bosque ha javalis, macacos e grande quantidade de aves. Vôos de pombas, tribus de periquitos. Os pavões soberbos passeiam em grupos; entre as arvores mortas, sob os massiços de plantas cinzentas e no solo tingido de cinza, elles correm, alongados em fila, maravilhosos de brilho e semelhantes a metaes em fusão.

Todos esses animaes são livres; mas não são selvagens, porque, nesse paiz, o homem não mata nada: os animaes não têm, por isso, como entre nós, a idéa de lhe fugir. Quanto aos tigres que habitam a outra vertente das montanhas, não ha memoria de que o homem já houvesse andado por lá.

Fazendo-se o contorno do lago, a gente experimenta, primeiramente, o vago pavor do sobrenatural, ao primeiro aspecto desses tres homens de côr de pedra, estranhamente immoveis, á margem do caminho. Differem das estatuas, porque as suas cabelleiras longas, os seus bigodes e as suas sobrancelhas são negros; mas a fixidez dos seus olhos é inquietante.

São homens de vinte annos, esereantes no fakirismo; as macerações e os jejuns ainda não lhes alteraram a forma; as suas pernas, que, com o tempo, se vão mumificar na pose eternamente dobrada, são gordas e um pouco femininas.

Esses desenhos vermelhos, que são pintados para significar Siva, sobre as suas frontes cobertas de pó, deveriam recordar o rosto dos bonecos; mas não se pensa nisso, tão grave é o seu olhar.

Por traz delles, sob o abrigo de palha, vê-se luzir, bem nitidos e em ordem, os utensilios de cobre que servem para as suas abluções matinaes e para o seu jantar frugal. Por cima das suas cabeças, os ramos mortos, que se espalham, são um *rendez-vous* de passaros: periquitos, pombas, pavões magnificos, passarinhos, cantores, emplumados, vêm picotar no chão os grãos de arroz deixados por elles, após o jantar dos tres fanaticos.

* * *

O passante que se detem em face dos tres fakirs e lhes dirige a palavra é muitas vezes convidado, com um gesto e um sorriso distrahido, a sentar-se á sombra do seu tecto; mas a terra está tão bem varrida, que elles pedem que se tirem as sandalias, antes do convidado se aproximar. Em seguida, os seus olhos se perdem de novo no sonho; a gente vae quando quer. Elles não falam mais e deixam mesmo de nos ver.

* * *

Esse lago, no meio do bosque, pertence ao rei d'Odeypura; só os seus palacios é que se reflectem nelle; e tambem alguns velhos templos, de brancuras eternas; nas duas ilhas do meio, ha palacios ainda, e jardins murados; em toda parte, sobre a margem, ha touceiras de plantas, enlaçamentos de arvores. E as altas e abruptas montanhas, tapetadas de florestas moribundas, enfeixam o local por todos os lados, aqui e ali; no cume de algum cimo pontudo, vêem-se o brancor de uma pequena cidadella de outr'ora, um pequeno santuario brahmanico, mais alto que o ninho das aguias...

* * *

Hoje, pela primeira vez, vi um fakir se mover.

Eu havia entrado no bosque encantado, á hora do sol poente, á hora em que, na outra margem do lago, por cima de uma casa abandonada, que pertence ao maharajah, se eleva sempre a mesma columna espessa de fumo. (Um simples turbilhão de poeira, erguido pelo patinar dos javalis dos arredores; vêm centenas delles, todas as tardes, permanecer ali para comer o milho que se atira do alto das janellas, depois que o mattagal começou a recuar...)

Pois um dos tres fakirs se levantou para ir procurar detraz de si um espelho, pó e carmim; em seguida, tendo retomado a sua pose hieratica, as pernas cruzadas, embranqueceu o rosto e pintou, cuidadosamente, o signal de Siva sobre a fronte.

Não havia ninguem, senão os pavões e os pombos, arrulhando e piando pelo jantar. Então, ao cahir o crepusculo, elle se pinta. Para que? Para fazer honra a quem?...

Entretanto, se ouvia lá embaixo, sob a folhagem, o galope, que se aproximava, ás pressas, de uma cavalhada. Ora, era o rei que passava com uns trinta personagens da sua côrte. Lindos cavallos ajaezados de mil côres. Todos os cavalheiros vestidos de branco, talhe esbelto dentro de longas tunicas. Barbas, bigodes retorcidos ao ar, á moda d'Odeypura, semelhante em algo aos gatos.

E o rei galopava á frente da escolta, com uma belleza e uma distincção perfeitas.

Olhando-os se afastarem na alameda sem folhas, podia-se pensar nas cavalgatas da Edade Media occidental; em algum principe ou duque, seguido dos seus cavalleiros e barões, voltando da caça, no outomno, uma bella tarde, nos seculos transcorridos...

SEU GRANDE AMOR...

MARIA Aubry bateu á porta do senhor Musset.

Sua governante, a senhora Adelia Colin, introduziu-a no gabinete de trabalho. Era ao fim de uma triste tarde do inverno de 1848. O senhor Musset escrevia á luz de doze velas, com o senhor Balzac. Ao lado de suas pennas de pato, havia, sobre a sua secretária, uma garrafa de aguardente e um copo.

Quanto custava a Maria Aubry aquelle passo! Mas... ella amava, amava o sr. Musset.

As cortinas, corridas com cuidado, abafavam um pouco os ruidos da rua. Ardia um fogo pallido na chaminé. A senhora Gueston, porteira de Musset, tendo divisado a visitante de chale vermelho subir a escada do poeta, murmura, fechando a porta de seu quartinho:

— Ainda uma mulher!...

O sr. Musset havia puxado uma cadeira. Maria, porém, conservava-se de pé, constrangida.

Não reconhecia mais o joven que em 1840, no Theatro dos Francezes, insistentemente assestara seu binoculo para o camarote em que ella se achava com sua mãe.

Lembrava-se ainda de que elle a acompanhou até á porta de sua residencia, na Avenue Fortunée. Depois, nunca mais o encontrou nem no theatro, nem nas reuniões sociaes e elegantes. A' luz das velas, que emmolduravam sua physionomia num halo avermelhado, esbrazeado, elle apparecia-lhe como um velho, com o olhar sem brilho, a physionomia cansada, as mãos agitadas por tremores continuos...

Antes que Maria lhe expuzesse o motivo de sua visita, elle disse-lhe, causando-lhe grande espanto:

— Como vê, encontra-me occupado em escrever *Louison*, que Mlle. Anais deve interpretar. Sei que se chama Maria Aubry. Talvez não tenha lido a poesia que escrevi outrora, depois de a ter visto: *Une soirée perdue?* ... Vem tarde, agora. Os annos passam depressa!... Não digo isso referindo-me a você, que está na flor da juventude, mas a mim, que estou velho. Ah! Sabia, tinha a certeza de que viria... Porque ellas todas vêm!...

— Senhor — disse Maria Aubry, córando — desejava ver *Louison* e é habito dirigir-se alguem ao autor para solicitar o favor de assistir á primeira representação. Foi com esse objectivo que vim e, ao mesmo tempo, para dizer que admiro muito as suas obras...

Morena, de olhos negros, deslumbrantemente luminosos, Maria era encantadora. No seu *tailleur*, de uma rara elegancia, desenhava-se seu talhe fino, aristocratico; seu rosto conservava ainda o colorido fresco da infancia. O sr. Musset commoveu-se e, para esconder sua emoção, apanhou a garrafa que etava sobre a secretária e encheu um calice de aguardente, que tomou.

— Mademoiselle — disse, bruscamente — com certeza não ignora o meu vicio. Toda Paris o conhece. Tenho necessidade de beber para escrever...

Maria, perturbada por essa franqueza brutal, desviou a vista, e, disfarçadamente, correu o olhar pela sala. Os moveis eram de um bello acajú maciço, arredondados em curvas elegantes. Sobre a chaminé, uma lithographia de Célestin Nauteuil representava, ainda moço, o sr. Musset, com sua barba fina e loira...

Maria poz-se a comparar o bello retrato á physionomia de hoje, sobre a qual a reverberações do fogão punham placas lividas. Nesse instante, o poeta esvasiou, de um trago, seu calice de aguardente: seu olhar illuminou-se e um rictus crispou seus labios. Disse, então, com uma voz um tanto baixa:

— Por que não me conheceu aos vinte annos, na época em que Célestin Nauteuil fez essa lithographia? Eu era bello, então, querido, celebre... Eu a teria levado — quem sabe? — para Robinson, mas não a amaria por mais de um dia.

DE FERNANDO RIVEL

porque sempre fui extremamente volúvel. Ou, talvez, ainda hoje a amasse...

Falára, até então, num tom de voz molle, arrastado, sem calor. Agora, porém, o alcool começava a dar-lhe enthusiasmo, o ardor, encanto. Maria teve a illusão de que o retrato falava e respondeu, sem sahir um só instante de sua attitude de absoluta decencia e correcção:

— Quando o senhor tinha vinte annos, eu era uma criança, que não o poderia ter amado... Vi-o uma vez nos "Francezes", estive para vel-o tambem em Angerville, em casa da sra. Jaubert. Lá estava o sr. Berryer. Ao ser annunciado, porém, o nome do senhor, mamãe puxou-me pelo braço e disse-me que quando entrava o senhor Musset as moças, as donzellas sahiam...

Ella fixava sempre o retrato de Célestin Nauteuil. A imagem da mocidade fizera esquecer a do presente; e era a esta que suas palavras se dirigiam. Mas — eis que, por sua vez, a lastimavel physionomia se anima e torna-se quasi bella:

— Quando eu fiz *Camille et Perdican*, — disse Musset — ninguem quiz comprehender esse rapaz e essa moça, sentados á margem de um regato. Commentava-se que elles perdiam seu tempo a dizer pieguices... No emtanto, as palavras de amor têm mais eternidade do que as physionomias!

— Sim; gostei de Camilla, disse Maria; mas somente depois que o vi. Desejei que Perdican tivesse sido menos timido e que os dois enamorados tivessem tido a franqueza de se amarem.

— Ah! assim Rosita não teria morrido e o que teria sido delles? Teriam casado?...

Riu, ruidosamente, e encheu um segundo calice de aguardente.

— Ah! senhor — disse Maria, emquanto uma lagrima lhe descia pela face — então crê no amor e não póde admittir a eternidade do casamento...

Era o sr. Musset que ella via, agora, e não o retrato. Musset aos trinta e oito annos de edade e que parecia um velho de sessenta. Comprehendia a loucura de seu grande e puro amor e que era tambem já muito tarde para se fazer o anjo da guarda do genio. Mas, ia ella, então, morrer como Rosita?

Emocionado por essa lagrima que desceu pelo rosto da joven, Musset levantou-se, tomou as mãos de Maria e, ajoelhando deante della, derramou muitas lagrimas sobre aquellas mãosinhas puras.

— Maria! Maria! perdôe-me! E volte para a sua mamãe e não lhe diga nunca que esteve aqui!...

— Senhor, disse Maria, presa de uma estranha dôr — minha visita era de interesse. Nada tenho a perdoar-lhe. Poderei ter dois logares para *Louison?* Irei applaudil-o com mamãe...

— Sim — respondeu Musset, recordando-se de *Une soirée perdue*. Não a acompanharei, porém, desta vez, á sahida do theatro, até á rua Beaujon. Fique tranquilla, Maria. Estou velho e bem pouco tempo viverei...

Maria Aubry deixou o sr. Musset. Ao chegar á sua casa, recolheu-se e chorou, chorou muito. Fôra um adeus o que elle lhe dissera! E ella deveria vel-o, pela ultima vez, na *première* de *Louison*, que marcou o declinio do poeta...

AUTHBERTO COSTA (Capital) — O seu soneto não pode ser publicado.

A. C. F. (S. Paulo — Grato pelos elogios que me faz. O seu conto não serve para o *Fon-Fon*.

ENY FAUSTO (Capital) — Respeito muito o seu amor materno, nobre por todos os titulos; mas não posso attender o seu pedido, publicando o soneto que me envia.

Soneto? Mas esse amontoado de exclamações e lamentos não póde ser considerado poesia.

Vejamos o que V. Ex. chama soneto:

A' MINHA FILHA.

Não te esqueças de mim, filha [querida,
Porque de ti nunca posso esque- [cer!....
— Tive o maior prazer de minha [vida,
No dia esperado do teu nascer!...

Julguei, pois, que assim achasse [guarida,
Mas!.... Quantas illusões neste [viver!....
Tiraram-te de mim logo nascida,
Ficando meu coração a soffrer.

Que vale eu viver com a alma [ferida,
Neste mundo aqui de infelicidade,
Se tudo na vida só me intimida?.

DEUS *é* bôm, deixando-me esta [saudade,
Porque morrendo eu, numa hora [florida,
Comtigo irei morar na ETERNI- [DADE!....

Como vê, não basta a minha bôa vontade para que a possa attender: é necessario que me auxilie, fazendo uma coisa passavel. A sua collaboração nem mesmo soffrivel póde ser considerada.

PEREIRA FILHO (Minas) — A sua collaboração em prosa de estylo misto não nos agrada. O poema, si fosse mais cuidado, podia ser publicado. Mas não longe como é: o nosso espaço é diminuto.

Francamente: por maior que fosse o meu esforço, não consegui entender o que o sr. quer dizer com isto:

PYRILAMPOS...

No fundo plumbeo da noite sem luar, uma pequenina estrella bruxoleia...

Visões!....

Castellos gothicos, paizagem de Byzancio.... Poesia de Florença...

... E lá no fundo do parque, o lago azul dormita, azul-violeta, triste, como as cousas azues-violetas.

As flores estremecem!

Ascetério de uma alma de poeta!...

.... e lá no fundo plumbeo do cinzento céu, brilha tristemente outra pequenina estrella....

E a tristeza e o medo descem mais e mais, e um brilho surge na beira das rosas!

Brilho ás vezes azul-celeste, timido, ás vezes rennovado em amarello, em tom mais forte do que o azul tristonho.

Segue no ar!

Ora apaga, ora accende, revoluteando no ar fosco dessa escura noite.

A brisa é leve como crepe "chiffon" ou como sorriso de mulher.

Summiu-se a luz do pyrilampo!...

Lá, no canto escuro do canteiro das violetas, outra luz surge, timida, violeta.. Lá, segue revolvendo o espaço em fóra o tenue pharolzinho.

Outras apparecem!

Paizagem byzantina.... poesia de Florença....

Pyrilampos...

Mulheres....

No fundo escuro de minha vida, no rosal das esperanças, surge, quieta e timida, a figura de uma mulher! Com o tempo, foge!"

Por que não escreve de modo que a gente apprehenda o seu pensamento e as suas intenções literarias? O sr. fala em Tagore. Mas Tagore é de uma clareza e de uma simplicida encantadoras.

MARIA J. (E. do Rio) — Sou muito sensivel á gentileza da sua carta de parabens pelo meu anniversario. E' muito commovedora a certeza de que alguem, que só nos conhece de nome, se interessa por nós a esse ponto. Mais uma vez, obrigado.

LÉA MARIA (R. G. do Sul) — "O Suave enlevo "está á venda na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166, nesta capital. Faça o pedido pelo correio e será attendida.

Quanto á sua graphologia não a faço porque ella não é bôa. Tenho muita pena, mas não é possivel.

MARCIO (Minas) — Os livros que o sr. deseja obter poderá encontral-os na Livraria Odeon, na Avenida Rio Branco. Essa casa dispõe de magnifico sortimento de livros.

COLOMBINA (Capital) — Está muito confuso o seu bilhete. Por que não esclarece mais o seu caso? Que significa aquelle endereço? E aquelle "dolorosa decepção?" E a hora marcada? Palavra de honra, o seu bilhete está enigmatico. Faça o favor de escrever com mais clareza.

OSWALDO (S. Paulo) — Meu caro escriptor. Antes de publicar o seu trabalho quero fazer uma apreciação sobre elle.

Todo escriptor, bom ou mau, possue a sua obra prima. Quer dizer, uma obra, não importa a natureza, que é a melhor de todas que produziu.

Zola, por exemplo, tem os seus quatro evangelhos; Balzac, a "Divina Comedia"; D'Annunzio, "Il Fuoco"; Victor Hugo, "Os Miseraveis"; Mirbeau, "O Calvario"; Eça, "A Reliquia". Ha outros autores que possuem apenas um conto, uma poesia, um soneto, etc. Felix d'Arvers possue o seu famoso "Mon Secret", soneto que é uma obra prima. Malherbe dois ou tres versos, que são aquelles das rosas, que vivem "l'espace d'un matin"... Emfim, são tantos os exemplos que não é possivel estabelecer uma corrente chronologica, entre elles e muito menos estabelecer um parallelismo quanto a altitude dos espiritos.

Ora, o sr. tambem produziu a sua obra prima. Apenas é uma obra prima de tolices. Mas a verdade é que é uma obra prima. Estou certo de que nunca mais o sr. fará coisa melhor em materia de bobagem literaria. O sr. conquistou o 1º premio. E' pena que não me tivesse enviado a sua photo, porque então talvez me fosse possivel publical-a com a seguinte legenda: "Ecce homo!"

Mas não desejo retardar a ansia em que estão as leitoras intelligentes desta secção. Ellas devem estar ansiosa pela sua obra prima. Ella aqui vae, sem tirar nem pôr.

O MEU CANTO DE SAUDADE

Olga, és um sonho que se findou no accaso do dia, assim como a rutila estrella que nos alumia e pouco e pouco esmaece, pouco e pouco empallidece, e após correr entre a bruma fumarenta do outono, precipita-se no abysmo. E assim pouco e pouco eu vejo a tua figura, o teu vulto tão sumido, ir, sempre e sempre sumindo, pouco e pouco fugindo. Irás talvez seje para sempre, nunca mais. Como o sol que passou sobre a terra alumiando com seu solido clarão a natureza em festa, assim passastes em minha vida, oh Olga, alumiando o meu destino

E quando aos ultimos bruxolear do immenso pharol, o sol despede-se num olhar terno e merencoreo, da vida que palpita, da cascata que canta, da agua que murmura; da floresta gigante impavida e profunda, dos prados floridos, dos ninhos engalanados pelo amor, dos corações alvoraçados pela luz, luz que é vida, amor, embriaguez; e pouco aos poucos se some, pouco aos poucos se perde no abysmo que lentamente o traga, tudo na terra fica immerso tristemente, na frialdade insipida da noute. E assim tu irás tambem mulher querida e sem saber talvez, levarás comtigo a alegria intensa da illusão que criei, que alimentastes e que fenece agora implacavel, cada vez mais que te envolve a bruma scismarenta da distancia.

Eu juro como o sr. vae ser homenageado pelas minhas illustres leitoras. Ellas gostam muito de um moço escriptor que "seje" bomzinho como o sr...

J. A. (Capital) — Li os seus versos, que revelam, indiscutivelmente, um poeta. O sr. escreve como sente: naturalmente. E essa é a melhor qualidade de um poeta. Mas, infelizmente, o sr. não realisou bem as estrophes do seu poema "Quando encontrei você". Por que as não aprimora? Ellas são bem acceitaveis. Possuem versos muito defeituosos. Exemplo: "Que eu trago dentro do coração" em desharmonia com o conjuncto, embora esse conjuncto seja plasmado em versos polymetricos.

Outro:

"Porque bastava eu achar alguem
[que me comprehendesse..."

Mais outro:

("Não quiz ou pôde... Eu sei
[bem...")

Releia-os, e verá que estou com a razão.

JULIO FERREIRA CABOCLO (Minas) — Recebi o exemplar da 5ª edição do *Eu*, de Augusto dos Anjos, editado em S. Paulo.

Esse presente, para mim, tem um grande valor, uma vez que admiro o extraordinario e bizarro poeta parahybano.

Creio que não é favor collocar Augusto dos Anjos ao lado de Baudelaire, de Rolinat, Richepin e Antonio Nobre. Todos esses geniaes poetas foram uns torturados da arte e do seu estranho sentir.

E o philosopho do *Eu* não é menor, na sua arte, do que elles. Teve contra si apenas a desgraça de escrever em portuguez. Mas isso não attenúa a altitude do seu portentoso espirito.

MINEIRA (Minas) — Quá! quá! quá! quá! — Achei a graça na revelação que me faz de se julgar muito orgulhosa. E' interessante! Leiamos, porém, a sua carta. Eil-a com todos os seus *ff* e *rr*:

"Sr. Yves. Assidua leitora do *Fon-Fon* e particularmente de sua secção "Saibam Todos" peço-lhe a fineza de fazer meu estudo graphologico. Ha tempos, queria lhe pedir este favor, mas occupadissima com os trabalhos de minha profissão, deixei de o fazer; achando-me ainda em férias, aproveito a opportunidade de lhe dirigir essas linhas e mesmo conversar um pouco com o sr. Desejo ardentemente ter meu estudo graphologico, pois ha momentos que me não comprehendo... A's vezes, orgulhosa, orgulhosa como as proprias montanhas que rodeiam, essas orgulhosas, lindas e encantadoras montanhas de minha Minas Geraes. Outras vezes humilde, submissa... Que sou? Franqueza no caso, pois a lhe falar a verdade, desejo corrigir-me dos innumeros defeitos que, certamente possuo e attingir *quasi* á perfeição maxima do ente humano. Não desejo, entretanto, attingir á *perfeição*, porque é mesmo impossivel. E, por demais gosto muito do *quasi*.

Quero luctar commigo mesma, quero corrigir-me... Quero viver para luctar, e luctar para viver!

Adeus — Agradecimentos, confiante na sua excessiva bondade e... paciencia — *Mineira*.

NB (*Note bem* é proprio das mulheres...) Peço-lhe o favor de, quando fizer a publicação de meu estudo no *Fon-Fon* publical-o com o meu pseudonymo."

Conhece aquella anecdota da moça orgulhosa? Si a não conhece, ella aqui vae de presente.

Havia no interior de Minas uma senhorita muito feia, muito mediocre e enfatuada que se julgava uma princeza.

Era, porém, religiosa, pois, segundo dizia, tinha medo de morrer e ir para o inferno. Resolveu então, confessar-se e foi ter aos pés do padre.

Deu-se então este dialogo entre o confessor e a penitente.

O padre — Filha, conte lá os seus peccados.

Penitente — Ah, seu reverendo! Nem lhe conto! Tenho até uma vergonha do tamanho de um bonde.

O padre — Que o mineiro comprou?

Penitente — Não brinque, padre! O meu peccado é grande de mais.

O padre — Qual é elle?

Penitente — Sou um poço de orgulho! Orgulhosa até alli!

O padre, coçando a cabeça — Mas, filha, diga-me cá: você é muito rica?

Penitente — Não! Sou até muito pobre.

O padre — Descende de familia illustre?

Penitente — Tambem não!

O padre reparando nella — Bonita você não é. E de intelligencia, illustracção, como se arranja você?

Penitente — Mal! Sou quasi de poucas luzes...

Assigno o meu nome, e prompto!

O padre coçando ainda a cabeça — Pois olhe, você não é orgulhosa!

Penitente — Sou, sim!

O padre — Não é! Isso que a faz julgar-se orgulhosa é outra coisa.

Penitente — Que é, então?

O padre — Desculpe, filha. Isso é pobreza de espirito! E' bobagem! E' maluquice!

Penitente — Basta! Basta, padre!

O padre — Mas você entrará no reino do céo. Lá está nos Evangelhos: "Bemaventurados são os pobres de espirito, porque delles é o reino do céo"...

ANNATH (Bahia) — A sua collaboração não serve para *Fon-Fon*.

KIN-FO (S. Paulo) — Os seus versos vão ser publicados.

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Aos nossos leitores! — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

GRAPHOLOGIA — *Condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republicando Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136

FON-FON — 22-3-930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

Uma noite funebre

Conto de CLAUDE JONQUIERE

Eu sabia que, antes de se installar em Rio Negro, meu hospede tinha viajado pelo Baixo-Perú pelo Brasil, pelo Chile, pela Patagonia e talvez por outras regiões. Desconfiava mesmo que elle havia feito, outr'ora, alguma descoberta de oiro, que lhe acelerou a fortuna. Mas, para quem havia visto tanto coisa, não parecia guardar grandes impressões. Pelo menos era pouco inclinado a contar.

— Vamos, disse-lhe, um dia, o senhor deve ter algumas recordações.. Em suas viagens, que foi a coisa que mais o impressionou?

Como bom allemão que era, virou uma meia caneca de cerveja, para dar tempo a reflectir.

— Sabe, disse-me elle, o que é um *chulpa*?

Confessei minha ignorancia. Elle continuou, com voz hesitante:

— Não sei si devo contar essa historia a uma moça. O caso não é alegre, nem tão pouco interessante. E', na verdade, uma historia de fazer medo.

— Ande depressa, disse eu; o senhor me intriga.

Elle bebeu largamente, tossiu, enxugou o barba. Decididamente, a historia não sahia.

— Perdi-me na Cordilheira, começou elle, finalmente. Uma tempestade de neve jogou-me n'uma garganta tão tortuosa, que foi um desespero para sahir d'ali. Um verdadeiro labyrinto. Que sitio medonho! Nunca havia visto nada tão selvagem, tão bizarro. E devo dizer que não me emocionou com facilidade. Mas, n'aquelle dia, mais vale confessar, minha menina, tive medo. A principio, medo de não encontrar mais o caminho

E tinha razão. O acaso podia conduzir-me a uma tribu de indios, que me fizessem, por distracção, mutilar por suas mulheres, ou assar em fogo lento. Podia o acaso jogar-me ao fundo d'um buraco, onde os urubús não esperariam, siquer, que acabasse de morrer de fome. Podia o mesmo acaso têr-me feito devorar vivo pelas aves de rapina, ter-me lançado ao pombal silencioso dos ladrões, ou fazer-me dar a volta á montanha até que o frio, a fadiga e a falta de viveres me jogassem ao chão, moribundo.

"E depois tive medo de um não sei que, que não posso explicar, senão que o nevoeiro, a solidão, o silencio, e, ás vezes, o relincho de afflicção do meu cavallo, juntos ao aspecto fantastico da montanha, n'esse sitio, contribuissem em grande parte para isso.

"Finalmente, o acaso não me levou a nada do que havia eu previsto, mas fez-me desembocar subitamente n'uma especie de encruzilhada accidentada, no meio da qual, eu mais advinhei do que vi, ao cahir da noite, um monumento intermediario entre o obelisco e a pyramide mutilados. Aproximei-me, rodeei-os e acabei descobrindo uma abertura baixa obstruida por vegetação, areia, cascalhos, que afastei com facilidade. Desarreei o cavallo, estendi-lhe por cima a minha manta de viagem para preserval-o do frio da noite, amarrei-o mais ou menos como pude, e puz-lhe aos pés, na falta de forragem toda a magra vegetação que encontrei pelas redondezas. Depois d'isso, metti-me pelo interior do edificio. Muito feliz de me vêr abrigado, merguhei nas trevas e adormeci sem me preoccupar com o resto.

"Sonno agitado, no entanto. Quando, os nervos sacudidos pela emoção, dormimos no chão duro, o corpo soffre, e, no espirito, persiste a intranquillidade. Todo mundo sabe d'isso. Lembro-o simplesmente para explicar em que disposição despertei, de madrugada, para assistir a um espectaculo inesperado. O dia que raiava, entrava por uma trapeira que, no escuro, não havia notado na vespera. Essa claridade diffusa mostrou-me em meio da cellula, parecendo emergir da noite, uns dez personagens sentados em circulo, parecendo que se entendiam pelo olhar, sem nada dizer. "Levantei-me, presa de uma angustia que se póde imaginar.

"Aproximei-me.

"Os idiotas não diziam nada Nem uma palavra lhe sahia dos labios. Dir-se-ia que estavam ausentes e que nada lhes denunciava a minha presença. Ousei apenas olhal-os.

"— Senhores, disse, finalmente, desculpem-me si sou indiscreto...

"Minha voz soava de maneira estranha; parecia vir de longe, trazida pelas abobadas silenciosas. Tive medo.

"Entretanto, uma idéa evitou que eu perdesse inteiramente a razão. Pensava, apesar de tude, n'uma sinistra caçoada. Isso me deu coragem para bater com a palma da mão no hombro d'um d'esses horriveis bugres. Tive a impressão de que tocava na palha da emballagem d'um jarro vazio.

"Então com uma especie de raiva, decidi-me a encarar os meus companheiros. O dia clareava. Mais nenhuma duvida: as suas orbitas eram ocas.

"Soube, mais tarde, que antigas tribus indigenas embalsamavam os seus mortos, fechava-os n'uma especie de sacco trançado de vegetaes, cobria-lhes a cabeça, com uma carapuça do mesmo genero, só deixando á vista o rosto, e depois, os sentavam em circulo, com os pés juntos e solidamente amarrados ao meio. Cada defunto tinha seu ataúde de milho, com suas provisões e utensilios ao lado. Em volta da assembléa macabra, erguia-se um monumento, construido de pedras pezadas: é o *chulpa*.

"Parece que, n'esse dia, tive uma sorte unica, porque acreditava-se que essas mumias houvessem sido todas transportadas, ha muito tempo, para os museus da Europa. Foi preciso que eu me houvesse perdido n'um sitio tão selvagem.

"Mas, no momento, confesso que não apreciei devidamente essa sorte. Quando percebi que essa gente, em cuja casa havia entrado, não pertencia á confraria dos vivos, não sei si as historias de amas, que se gravam na imaginação das creanças, retomaram em mim, direitos ha tantos abolidos; sei que o pavor me gelou, de repente, a raiz dos cabellos. Como um louco, quiz fugir; mas, na minha precipitação, deitei a baixo um dos potes de *chicha* e o barulho que elle fez ao quebrar-se me produziu o mesmo effeito que si uma voz de além-tumulo houvesse, de repente, pronunciado a minha condemnação á morte.

"Póde parecer-lhe idiota. Tanto peor. Mas devo dizer-lhe que, desde então, ha certos ruidos de vasos que não oiço sem tremer. Como vê, ficou-me algo d'essa aventura, como para os antigos soldados que, sacudidos outr'ora por uma explosão, se assustam quando um garoto lhes queima uma espoleta ao nariz.

"Mas ahi está como a menina ficou conhecendo as minhas fraquezas. Teria feito melhor não lhe contando essa historia. Só podia tel-a aborrecido."

— Então, disse-lhe eu, depois de ter quebrado a bilha do morto, que fez?

— Não queria dizer-lhe... A verdade é que não sei. Ignoro como sahi d'ali, como tomei o cavallo, e como retomei caminho. Foi o meu cavallo naturalmente que teve essa inspiração. Eu só

(*Continúa na pag. 67*).

EIS AQUI O LUX!

O PRODUCTO DE FAMA MUNDIAL PARA A LAVAGEM DE TODAS AS ROUPAS FINAS

ESTAS FINAS ESCAMAS PRODUZEM UMA ESPUMA MARAVILHOSA QUE LIMPA SEM NECESSIDADE DE ESFREGAR!

Nos maiores centros de moda, em Paris, Londres e Nova York as senhoras só usam o Lux para a lavagem de suas lindas meias e vestidos de seda assim como da sua lingerie fina. A experiencia ensinou-lhes que, com o Lux, as roupas não correm o menor risco e conservam a apparencia de novas. Ao contrario do sabão vulgar e impuro, o Lux é fabricado sob a fórma de escamas transluzentes e lustrosas. E os tecidos delicados, em vez de serem esfregados, e torcidos, são apenas mergulhados na solução de Lux, cuja espuma se encarrega de limpal-os sem a menor fricção.

Basta algumas colheres de Lux em uma bacia com agua quente para que o milagre se produza. As sedas readquirem a sua primitiva frescura, as meias mais finas não perdem nem a sua côr, nem o seu brilho O Lux é o meio ideal de lavagem para os artigos muito finos que antigamente corriam o risco de se perderem pelos velhos methodos de lavagem. Não hesite — vá comprar o seu primeiro pacote agora.

DE USO FACIL QUATRO PEQUENAS OPERAÇÕES

1 Lançar em agua quente uma quantidade sufficiente de Lux para produzir uma espuma abundante.

2 Remexer a agua até que as escamas se dissolvam — então accrescentar agua fria para que a solução fique apenas tepida.

3 Espremer com cuidado a roupas entre os dedos (mas nunca ESFREGANDO).

4 Passar em agua limpa morna . . . e a lavagem está concluida.

USE O LUX PARA TODA A ROUPA QUE UMA LAVAGEM COMMUM ESTRAGARIA

LEVER BROTHERS LIMITED, PORT SUNLIGHT, INGLATERRA

O meu primeiro "match"

ERA filha de um capitão de longo curso, valente homem que nadava como um peixe e que se via atirar-se ao mar nos bellos dias de verão.

Elle saltava da estacada; e a filha o imitava saltando após elle. E nenhuma sereia mostrava mais encanto ao fender as ondas do canal que leva ao Cabo-Bretão e as aguas do oceano, que se dirigem para o lago de Mossegor ou do oceano que vão para o lago.

Suppunhamos que ella tinha uma certa vaidade nesse exercicio, mas ella era tão desdenhosa e altiva que nenhum de nós se permettia censural-a, mesmo em pensamento.

Humilde personagem do seu cortejo, eu fazia o que todos faziam: acceitava aquella realeza da graça, que será sempre agradavel a um coração francez. E no [illegible] em que o seu olhar caia sobre o meu, com menos desdém, eu me julgava um favorito dos deuses do Olympo.

Essas coisas sempre acontecem; e, entre outras, eu não as evocaria, si não houvesse entrado em uma aventura, cujo resultado foi agradavel ao meu amor proprio.

E' preciso dizer que, nessa época, eu era um joven como outro qualquer, nada differente da massa commum dos jovens do planeta. Nada em minha pessôa attraia a attenção.

Ajunto ainda que a timidez me tirava o espirito, o que fazia com que a filha do capitão e seu pae me tomassem por um idiota.

Eu soffria muito, porque, entre os meus companheiros, alguns mostravam excellentes qualidades moraes e de espirito.

Entretanto, eu não me sentia tão nullo quanto a minha attitude. Na solidão, a minha cabeça escaldava; nenhuma grande proeza me parecia impossivel; eu tomava resoluções que eram de admirar.

Ora, o capitão, para honrar um sport em que elle era notavel, havia organisado, no Cabo-Bretão, um concurso de natação. Eu nado um pouco, mas não era forte em proezas natatorias. Assim, jamais teria pensado em tomar parte no concurso, si a joven não tivesse deixado cair dos seus labios estas palavras desdenhosas:

— O sr. não pensa em assombrar-nos com as suas façanhas?

Todos riram. Ergui para ella os meus olhos inflammados de orgulho:

— E por que não, mademoiselle?

Todos riram mais uma vez, e a conversação se dissolveu. Estava ferido. Toda a noite virei e re-

virei no meu leito, prêso de uma enorme agitação. Parecia que eu ficaria desmoralisado, si não acceitasse o desafio.

Deus sabe o que é um amor-proprio de vinte annos! A's quatro horas da manhã, estava de pé. Dez minutos depois, eu me atirava ao canal e, favorecido pelo refluxo, nadei em direcção ao oceano.

Um mez apenas me separava do dia do concurso.

Todas as noites, eu saía furtivamente, em roupa de banho, da villa onde morava com meus paes, e ganhava a agua. Muitas vezes, pescadores me viram; mas estes são discretos, e nada chegou aos ouvidos da colonia estrangeira.

* * *

Um dia, eu tomava banho na praia, emquanto o capitão, sua filha e dois ou tres amigos se atiraram a agua. Ah! as minhas saidas nocturnas, que poesia tinham para mim! Nas noites quentes, eu ia intrepidamente até ao meio do canal, ao acaso das marés. Tanto nadava contra como a favor da corrente.

Eu rasgava as aguas e sentia a minha alma exaltar-se. Cada vez mais me tornava dextro para affrontar as correntes maritimas. Cortava as

de J. H. Rosny

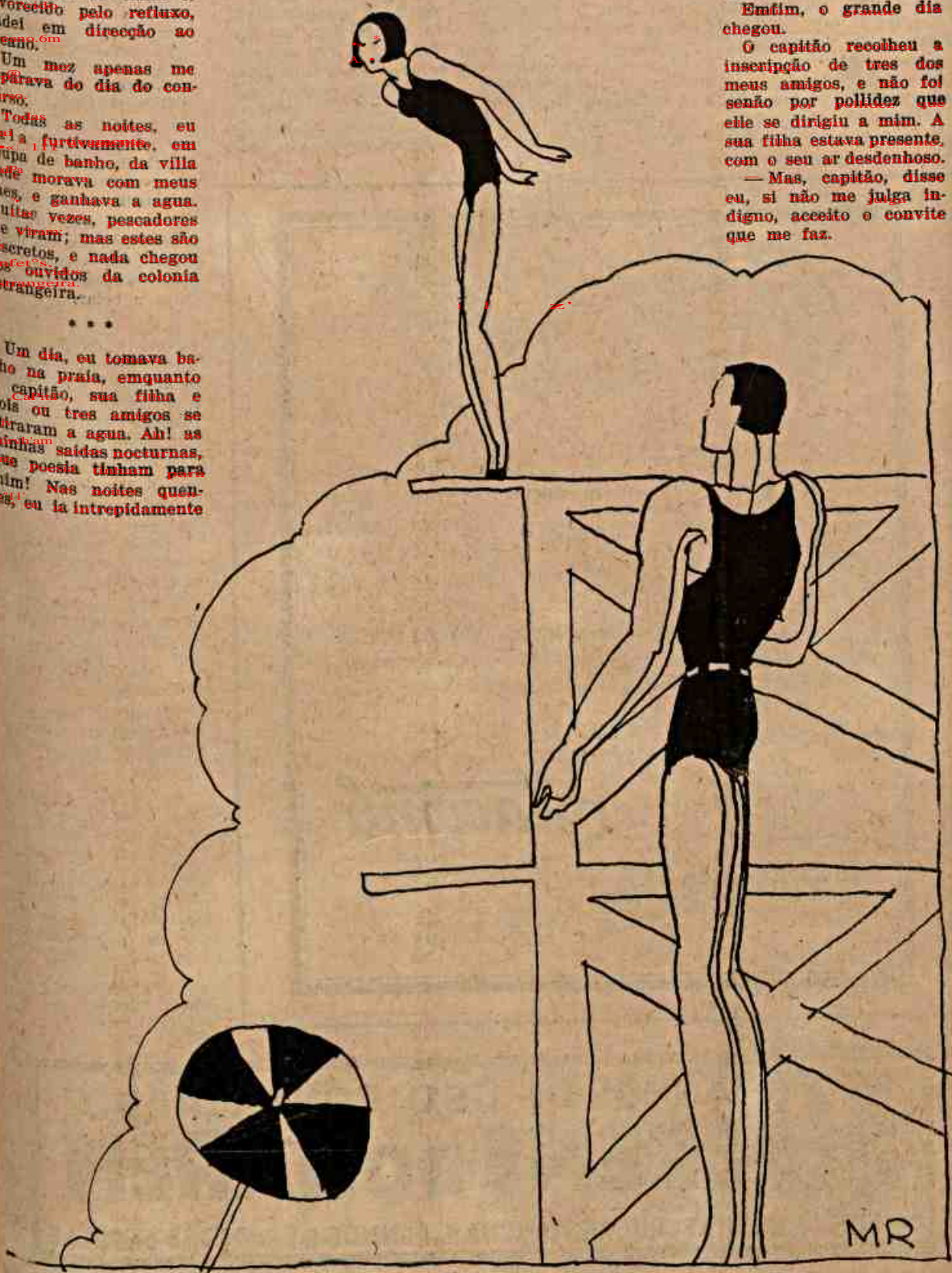
ondas, bracejava sem descanço e com um methodo impeccavel. Ao mesmo tempo, a minha resolução se firmava. O meu instincto não me havia enganado: eu era um homem dotado para a natação, e começava a amar essa arte, cada vez mais.

Emfim, o grande dia chegou.

O capitão recolheu a inscripção de tres dos meus amigos, e não foi senão por pollidez que elle se dirigiu a mim. A sua filha estava presente, com o seu ar desdenhoso.

— Mas, capitão, disse eu, si não me julga indigno, acceito o convite que me faz.

O meu primeiro "match"

(Conclusão)

— Um bom ponto, sr. Duroc, gritou o valente homem.

— Oh! disse eu hypocritamente, é para fazer numero.

Um sorriso da joven me deu a perceber que ella assim pensava. Mas outras preoccupações a assaltaram. Ella concorria, e como seu pae era membro do jury, tinha a certeza de vencer, sem contar com um sueco, sobre o merito do qual ninguem havia prestado attenção. Nas primeiras apostas que se fizeram, eu nem sequer fui contemplado.

Entretanto, a hora chegou. A maré estava calma. A partida devia ter logar na escada do caes. De mais a mais, deveriamos ser contrariados pela corrente contraria.

O capitão dá o tiro de pistola: quinze corpos cáem dentro d'agua; alguns com rumor, outros um salto technico.

Nesse momento, a joven se encontra á frente, com o sueco. Todo o interesse se concentra nelles dois.

Tendo caido no caes, desapparecia e, depois de um longo mergulho, volto á superficie, no meio do canal. Estou agora no pelotão dos retardatarios. Chufas me acolhem porque sustento o meu esforço, tomo logar entre o grupo formado pela joven, o sueco e o pelotão. Dez minutos decorrem; a maré desce. Avanço cada vez mais. O sueco se atraza para a moça. O tempo passa, a corrente se torna forte. Os da rectaguarda se fatigam; o sueco retoma terreno e estou a cinco braças atraz delle.

Então, a joven se volta e eu vejo nos seus olhos uma surpreza que é a recompensa da minha pertinacia. Uma força soberana enche o meu peito. Estamos perto do lago. A corrente se torna mais violenta. O pelotão luta mais. O capitão, da sua barca, nos encoraja. Mas o sueco não pode mais: elle cançou, por fim. Abandona a corrida e entra a boiar.

Estou agora quasi na mesma linha da joven. Nado com uma sciencia consumada. Ella cança. Avançamos com uma lentidão extrema. Em fim, passo a minha rival e, triumphante, eu a fito.

— Muito bem, mademoiselle, que diz agora de mim?

— Que dissimulado que é o sr.! murmurou ella num suspiro.

— Não; eu sou um timido. Eis tudo!

— O sr. não ganhará!

— Não! basta que assim deseje.

Eu havia respondido com tal doçura e uma tal abnegação que ella enrubeceu.

— O sr. merece ganhar duas vezes, disse ella: eu não sou senão uma tola. Queira perdoar-me!

Com essas palavras, ella se deu por vencida. Qual é o coração sensivel que se pode contentar com tal humilhação?

No emtanto, nunca nenhum successo me causou tal prazer.

O que nem todos sabem

No Museu Alberto e Victoria, da Inglaterra, está guardada a maior perola do mundo. Pesa tres onças, e sua forma é bastante irregular.

Outra magnifica perola é a conhecida pelo nome de "Pellegrina", exemplar que se encontra no Museu de Zosima, em Moscou. Veiu da India e pesa 28 quilates.

*

Os jornaes italianos fallam do perigo de que está ameaçada a Torre de Pisa, construida entre os seculos XII e XIII e um dos monumentos mais celebres do mundo. A torre está, como se sabe, inclinada. A differença entre a linha perpendicular e a obliqua é de 14 pés.

Durante muitos annos, discutiu-se si a torre foi construida assim ou se tombou depois. Prevaleceu a ultima hypothese. A torre é, além disso, celebre, porque Galileu a utilizou para suas experiencias.

No anno de 1907 deu-se o primeiro alarma quanto á estabilidade da torre e nomeou-se, então, uma commissão especial, formada pelo deputado Ciappi, os professores Giovannini, Bacci, Ciccoletti, os engenheiros Sapino e Canevari e o commendador Berini, os quaes, depois de longos estudos, concluiram que não existia differença na inclinação da torre em comparação com as medidas tomadas 150 annos antes.

A mudança foi tão imperceptivel, que não foi mesuravel, não podendo haver, portanto, perigo immediato. A commissão notou, entretanto, que a torre está construida em terreno de alluvião e não tem alicerces. Ha um seculo o engenheiro Gheradesca fez excavações nos arredores da torre para encontrar os alicerces e não os encontrou.

A torre está, entretanto, cheia de infiltrações de agua, tanto nos cimos como nos pavimentos. A commissão foi de opinião que é necessario fazer obras para evitar a accumulação de agua e de estabelecer uma vigilancia quanto á sua inclinação. Essas medidas serão sufficientes para conservar o monumento.

A construcção de alicerces seria a melhor garantia, mas isso exigiria obras custosas e demoradas.

*

Na Revolução Franceza morreram na guilhotina dezoito mil seiscentos e tres pessoas, por sentença do Tribunal Revolucionario.

*

O jornal de Berlim "Berliner Tageblatt" renunciou aos caracteres gothicos em favor dos caracteres latinos. E' uma pequena revolução, contra a qual os nacionalistas protestaram.

Essa guerra á escriptura gothica originou-se na Suissa allemã. Na Allemanha os meios mais favoraveis a essa alteração notavel são os dos negociantes que julgam preferivel imprimir as suas circulares e os seus annuncios em caracteres mais accessiveis aos estrangeiros.

*

Segundo affirmações dignas de credito, a carne de tubarão é prato muito agradavel. O processo habitual para dar caça a esses monstros é um anzol de proporções formidaveis. A maneira mais heroica de capturalos é simplesmente lutando com elles a punhaladas, cousa que praticam na Oceania os valentes caçadores que se dedicam a tão perigosa profissão.

LLOYD BRASILEIRO

SERVIÇO DE PASSAGEIROS

PROXIMAS SAHIDAS DO RIO DE JANEIRO

EUROPA	NORTE	SUL
Cant. Guimarães ... 30 Março	LINHA RIO — BELEM	LINHA RIO — PORTO ALEGRE
Bagé ... 15 Abril	João Alfredo ... 28 Março	Cte. Alvim ... 27 Março
Raul Soares ... 30 Abril	Cte. Ripper ... 4 Abril	Cte. Capella ... 3 Abril
Ruy Barbosa ... 15 Maio	Rodrigues Alves ... 11 Abril	Cte. Alcidio ... 10 Abril
Alte. Alexandrino 30 Maio	Manáos ... 18 Abril	Cte. Alvim ... 17 Abril
Cuyabá ... 15 Junho	Pará ... 25 Abril	Cte. Capella ... 24 Abril
Cant. Guimarães ... 30 Junho	João Alfredo ... 2 Maio	Cte. Alcidio ... 1 Maio
Bagé ... 15 Julho	Cte. Ripper ... 9 Maio	Cte. Alvim ... 8 Maio
Raul Soares ... 30 Julho	Rodrigues Alves ... 16 Maio	Cte. Capella ... 15 Maio
Ruy Barbosa ... 15 Agosto	Manáos ... 23 Maio	Cte. Alcidio ... 22 Maio
Alte. Alexandrino. 30 Agosto	Pará ... 30 Maio	Cte. Capella ... 29 Maio
Cuyabá ... 15 Setemb.	LINHA MANÁOS — B. AIRES	LINHA MANÁOS — B. AIRES
Cant. Guimarães ... 30 Setemb.	Duque de Caxias. 6 Abril	Baependy ... 23 Março
	Baependy ... 16 Abril	Alte. Jaceguay ... 3 Abril
	Alte. Jaceguay ... 26 Abril	Campos Salles ... 13 Abril
	Campos Salles ... 6 Maio	Santos ... 23 Abril
	Santos ... 16 Maio	Affonso Penna ... 3 Maio
	Affonso Penna ... 26 Maio	Duque de Caxias .. 13 Maio
	LINHA SANTOS — PENEDO	Baependy ... 23 Maio
	Cte. Vasconcellos. 30 Março	LINHA RIO — LAGUNA
	Cte. Vasconcellos. 30 Abril	Asp. Nascimento. 30 Março
	Cte. Vasconcellos. 30 Maio	Asp. Nascimento. 15 Abril
		Asp. Nascimento. 30 Abril
		Asp. Nascimento. 15 Maio
		Asp. Nascimento. 30 Maio

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

ARISTIDES LOBO, 115
Telephone 8 - 3957

DIARIAS DESDE 15$000

A MORTE DO REI

... No dia 15 de janeiro, a questão da culpabilidade foi posta em discussão. A Assembléa admittiu a sua existencia, por unanimidade.

* * *

Restava a questão da pena.

O escrutinio se abriu em 16 de janeiro, ás 10 horas da noite. Durante vinte e quatro horas, os setecentos e vinte e um deputados foram, um após outro, á tribuna, afim de se pronunciar sobre o caso, em alta voz.

Começando a chamada dos departamentos pela letra G, foi concebida esperança, porque, desde o começo, ou mais ou menos desde o começo, a Gironda — doze deputados que se julgavam inclinados á indulgencia — se iam pronunciar.

Si é preciso crer em Harmond (de Meuse), Vergnaud lhe teria dito, na vespera, á tarde: "Eu ficaria sozinho com a minha opinião, pois não votaria a morte". Elle presidia e, do alto da cathedra, votou a pena de morte.

Oito dos deputados de Bordeaux votaram como elle. Desde então, os hesitants abriram mão dos sus propositos.

A 17, ás dez horas da manhã, um "montaguard" escreveu do seu banco: "A pena de morte parece ser a mais justa."

Nesse dia, ás oito horas da noite, o escrutinio estava encerrado.

Vergniaud proclamou o resultado, que, ainda que elle o tivesse, por fraqueza, participado, feria de morte o seu partido, tanto quanto ao rei: "Votantes, setecentos vinte e um; maioria, trezentos e setenta e um. Pela morte, trezentos e oitenta e sete votos; contra a morte, ou pela morte condicional, trezentos e trinta e quatro". "In extremis", a 18, os girondinos levantaram a questão do *sursis*. Era muito tarde. Os seguidores da maioria estavam agora solidamente ligados ao carro da Montagne victoriosa. Robespierre, Couthon, Tallien, Barére pronunciaram appellos ameaçadores: de Bry, que, na vespera, tinha desenvolvido, num *tract*, uma opinião favoravel ao *sursis*, votou contra. Esperava-se a "magnanimidade" de Danton.

Quando elle se pronunciou contra, a direita fez um "oh!" de decepção, mas foi com outras exclamações que ella acolheu o duque de Orléans.

Na vespera, elle tinha votado a morte do rei; quando, a fronte aljofrada de suor, elle veiu murmurar sobre o *sursis*: "Não!" a direita, implacavelmente gritou: "Não se ouviu!" O principe Egualdade repetiu: "Não!"

Nada faltava a essa tragédia shakesperiana. Nada! Nem mesmo essa especie de fratricidio.

* * *

Luis XVI havia pedido tres dias para se preparar para a morte. Esses tres dias, em que elle se mostrou de uma valentia serena, engrandeceram o desgraçado principe.

Foi elle executado em 21 de janeiro, no meio de uma cidade literalmente consternada. Talvez temessem coisa peor, pois que, segundo o testemunho de dois marselhezes muito hostis ao rei, Paris tinha ficado literalmente em estado de sitio.

Um grande carro verde, escoltado, fortemente, por

De
LOUIS MADELIN
(Da Academia Franceza)

soldados, levou o rei destbronado á *praça antes chamada Luis XV*. Ali, onde se levantava a estatua do mau rei ("Aprés moi, le déluge"), o "bom rei" de 1789, ia morrer.

Elle subiu com passo firme os degráos do cadafalso: elle ficou ahi maior que si estivesse em um throno. O executor era Samson. Elle escreveu, no dia seguinte, uma descripção curiosa da execução: "Elle mesmo auxiliou a tirar as suas vestes. Mostrou-se pouco disposto a deixar que lhe amarrassem as mãos, que elle entregou quando a pessoa que o acompanhava (o confessor) lhe disse que era o ultimo sacrificio...

Elle subiu ao cadafalso e quiz avançar até á frente, como para falar. Mas logo lhe fizeram ver que isso era impossivel. Deixou-se então conduzir ao local onde o amarraram, e elle gritou, alto: "Povo, eu morro innocente!" Em seguida, voltando-se para mim, elle nos disse: "Senhores, eu sou innocente do que me accusam. Desejo que o meu sangue possa cimentar a felicidade dos francezes."

A crer em Sauterre, houve, nessa occasião, um tumulto; o carrasco pareceu hesitar. Sauterre, que fazia varrer as ruas, apressou a execução. Não se ouviu então mais que "um grito que a guilhotina abafou". O carrasco, muito impressionado, ajuntou: "Para render homenagem á verdade, elle enfrentou tudo isso com um sangue frio e uma firmeza que nos espantaram. Estou convencido de que elle havia adquirido aquella firmeza nos principios da religião."

Um *meusieu*, muito patriota, escreveu ao departamento: "Elle morreu com firmeza!" Houve gritos de "Viva a Nação!" Mas a população, em massa, guardava um morno silencio, em que Mme. Jullien quiz ver a "majestade romana".

* * *

Na verdade, uma terrivel emoção empolgou todos os corações. Os dos votantes mais que os outros. Elles ficam aniquilados.

"Semana fatigante — escreveu um "montaguard". Dessa "semana fatigante", cheia de destinos, uns vão, dois annos antes, morrer, de Vergniaud a Robespierre; os outros conservarão uma especie de *alienação* mental (no sentido exacto da palavra), que fará desviar as suas vidas. Tudo muda para elles: não vão ver a vida, dahi por deante, senão através da guilhotina de Luis XVI.

A Revolução tambem muda de caracter. "Rotos os caminhos, escreve um convencional, vae ser preciso marchar de qualquer modo". Sim, mas com que sombrio frenesi! Certamente, esse frenesi, que os constrangerá ao terror, os levará a uma prodigiosa victoria sobre "os tyrannos" da Europa: porque, para ter condemnado um rei, elles serão obrigados a reduzir todos os reis da terra. E todos — expostos á morte, si fracassam — estreitarão os caminhos, constituindo essa *oligarchia do regicidio*, assegurada, somente, no dia em que um outro "tyranno", Bonaparte, virá fundar o governo forte, que prometterá resguardal-os das represalias.

Mas, quando se levantava, em 1789, a aurora de uma revolução, esta tinha por fim, em verdade, a guerra eterna, o terror necessario, a formação de outra olygarchia e a dictadura de um homem?

E foi a tudo isso que o voto de 17 de janeiro conduziu a "Revolução da Liberdade".

JUSTO!

OLAVO BILAC, o saudoso principe dos poetas brasileiros, notavel pela sensibilidade, pela volupia nos poémas dos aureos tempos da estroinice, artista engenhoso e immaculado do esplendido livro "Tarde", é por muitos chamado o cantor da carne, quando o deveriam chamar o cantor do céo.

Não obstante a sua sensualidade, mostra elle mais predilecção por tudo quanto brilha no céo azul das phantasias, do que pelas estrellas da Terra, — as mulheres, as flores.

E' na mais interessante pagina do livro do Creador, é na zona mais luminosa da abobada celeste que alcança elle maior notabilidade entre os bons versejadores do seu tempo. E independente da "Via Lactea", onde até conta num bonito e famoso soneto que alta madrugada abre a janella, pallido de espanto, para conversar com os corpos luminosos que pairar parecem na vastidão do infinito, — em "A Morte de Tapyr" canta a primeira estrella que a medo entre as nuvens apparece no alto, vindo outra após na esphera immensa e fria e outras mais, até ficar o céo coalhado de estrellas, — em "Tarde" refere-se-lhes tambem muitas vezes e vezes muitas se refere ao sol em artisticos decasyllabos, em perfeitos alexandrinos, não olvidando nos bem acabados versos barbaros do "Cantilena" as estrellas quando surgem na tarde, quando brilham mais vivas, quando morrem na aurora acompanhadas da esperança que igualmente surge e brilha e morre; canta-as com prazer indefinivel, pois são ellas as antigas companheiras de palestra nas madrugadas, depositarias dos segredos delle, as suas melhores amigas.

*

Tinha Bilac um amigo chamado Thales Lobo, môço apaixonado por encantadora senhorinha que lhe não retribuia o affecto com sinceridade.

E Thales Lobo queixava-se-lhe amargamente da ingratidão de Alice, a namorada cruel; e o vate, sempre de bom humor, sorria, pilheriava acêrca do trivialissimo assumpto amoroso.

De tarde. Estava o poeta muito triste e distrahido, sentado ao pé de pequenina mesa de marmore, na antiga confeitaria Castellões, quando chega Lobo assaz aborrecido. Alice não o tinha tratado bem. Começa o choramingas a maldizer-se.

O poeta, sem levantar a cabeça, ouvia-o e escrevia com o lapis no marmore da mesa.

Thales Lobo volta os olhos para ver o que está Bilac a rabiscar, e lê esta sextilha intitulada

---

A MA' ESTRELLA DE UM AMIGO

Alice
me disse:
dá geito
ao Lobo
que é bobo
perfeito!

— Essa má estrella refere-se-me á sorte ou a Alice? interroga Thales.

— Ao mau fado. Nem podia ser outra cousa...

— Podia. Para você, quando uma virgem morre, uma estrella no céo apparece tão linda como a minha Alice que tanto me faz soffrer!

E o poeta a sorrir e em voz baixa:

— Prohibo-o de se me queixar, quando padecer de amor por Alice!

— Prometto.

— Fóra de caçoada...

— Já não soltarei palavras ao vento.

— Justo!

HORMINO LYRA

CARNAVAL DE 1930
Columbia
VIVA TONAL SEM CHIADO
Peçam para ouvir os successos em
Discos COLUMBIA
5161-B FOI SEM QUERER — Marcha (M. Amaral e M. Aruian) — Januario Oliveira, com orchestra.
TEU QUEBRANTO — Samba — Januario Oliveira, com orchestra.
5168-B E' ASSIM — Samba — (R. Bergmann) — Ildefonso Xorat e seu conjuncto.
A CASINHA QUE EU FIZ CAHIU — Samba — Ildefonso Xorat e seu cojuncto.
5172-B QUE SERÁ' DE MIM — Samba — (H. Prazeres) — Januario Oliveira, com acompanhamento.
OLHA O PINGO — Embolada — (H. Tavares) — Januario Oliveira, com acompanhamento.
5151-B COMTIGO EU NÃO VOU — Samba — João da Gente) — J. Oliveira, com Jazz Columbia.
GOSTO — Samba — (J. M. Abreu) — Januario Oliveira, com Jazz Columbia.
MARICOTA — Marcha — (J. F. Freitas) — Januanuario Oliveira, com Jazz Columbia.
DA'-ME A AMNISTIA DO TEU AMOR — Marcha (P. Cabral — J. Oliveira, com Jazz Columbia.
DANSA DE CABOCLO — Embolada — (H. Tavares) — J. Oliveira, com acompanhamento.
O CARREIRO — Canção — (H. Tavares e O. Marianno) — J. Oliveira, com acompanhamento.
MISSANGA — Marcha — (Sinhô) — Januario Oliveira, com Jazz Columbia.
WALLY — Valsa — Januario Oliveira, com orchestra.
A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO RAMO
Distribuidores Geraes
BYINGTON & Co.
Rua General Camara, 65 — Rio de Janeiro
S. Paulo — Santos — Curityba — Porto Alegre — Rio Grande — Recife
A MARCA PREFERIDA
Rangel

Bromil é o melhor remedio para combater as Tosses.

Bromil desentópe os pulmões, sòlta o Catarrho e dá bem-estar.

Bromil é de grande efficacia contra os accessos da Asthma e da Coqueluche.

ANNO XXIV

FON FON

NUMERO 12

SERGIO SILVA, Director

Rio de Janeiro, 22 de Março de 1930

As cigarras da Cidade...

PASSADO o delirio da temporada carnavalesca, com seus dias de festa e de *brouhaha*, cheios de guizos tilintantes e de sambas e canções da moda, a cidade, parece, ficou tomada de uma esquisita nostalgia.

Dá nella, dá nella!...

E não era assim, não, a Cidade Maravilhosa... Mesmo sem carnaval, ella guizarreava sua ruidosa e communicativa alegria por essas ruas afóra, descuidada e feliz, a cantar, a cantar, de noite e de dia, chovesse ou fizesse sol, como na fabula da cigarra imprevidente.

Por que, porém, essa estranha mutação? Por que a nevoa dessa envolvente melancolia que desceu sobre a cidade alácre e jovial, habitualmente tão expansiva?

E' que as cigarras estridulas da sua alegria jazzbandeante, já não fazem soar, á porta dos estabelecimentos commerciaes, as notas agudas e trepidantes, ou suaves e langorosas das suas victrolas.

As victrolas eram as cigarras desta cidade de encanto, de sol e de mulheres bonitas, a cujos corpos flexuosos imprimiam rythmos bizarros de *foxes* saltitantes, de tangos suaves e lentos, de "emboladas" remexidas, de toadas barbaras e voluptuosas ou harmonias classicas, espiritualizadas.

Porque toda mulher tem em si uma harmonia especial, que as victrolas revelavam, mais ou menos discretamente: esta tem a mystica e serena musicabilidade de um nocturno de Chopin; aquella lembra uma valsa de Strauss; a loira que ali passa, com seus olhos azues de céo triste, perdidos no infinito, faz pensar nos *lieder* de Schubert; outras dão a impressão de uma sonata de Beethoven. Estas as espiritualizadas, as eleitas da harmonia interior, toda alma... Mas, ha, ainda, as que, nas ondulações caprichosas de seu corpo, exteriorizam seu rythmo proprio e irrequieto em meneios e requebros deliciosamente encantadores e... tentadores. São as que nasceram com alma de fox, de tango, de charleston, de shimmy, de samba, de cateretê. Ao contrario de suas irmãs espiritualizadas e sonhadoras, ellas materializam a musica nas flexões corporeas de um "rebole-bole" do outro mundo. São a tentação suprema da cidade essas mulheres de quadris musicados, que as victrolas das nossas ruas traziam numa agitação trepidante e bulhenta de jazz.

Victrolas... cigarras estridulas da cidade, com que saudade vos recordo, agora, quando silenciosas, já não encheis a terra carioca com a *Bimba dagli occhi pieni*; ou o *O tu che in seno agli angeli*, da *Aida*; *Mi chiamavano Mimi*, da *Bohemia*, ou um trecho do *Lohengrin*; com o *Tiger rag*, *Milonguita*, *Nunca mais*, *Um beijo não é peccado*, *Atraca, atraca*, o *Bonde da Alegria* ou *Por causa do Bonifacio!*

Com o vosso continuo, incessante cigarrear foi-se a alegria esfusiante e communicativa da cidade, que ficou triste, triste...

As mulheres já não se requebram como antes e as mulatas dengosas já vão perdendo aquelle geitinho sacudido dos quadris, que a vossa musica rythmava.

Na calada da noite, desta noite em que vos recordo, nostalgicamente, cheio da vossa saudade, da saudade das tardes luminosas e azues, que pareciam dançar de alegria ao som das vossas musicas, chegam-me aos ouvidos, vindas de longe, as notas do fox *I want be loved by you* e, a seguir, do samba *Confessa*:

Confessa que tu me tens amor,
Confessa toda tua paixão.
Confessa, meu bemzinho, confessa,
Que eu já leio nos teus olhos
Toda a tua confissão...

E eu, de mim para mim, confesso que vos tenho amor, e que tenho uma louca saudade de vocês, que eram as deliciosas e encantadoras cigarras da Cidade Maravilhosa, desta linda Cidade-Mulher, que nasceu para viver num eterno reboliço de quadris...

ELCIAS LOPES

Os veranistas das Paineiras reuniram-se em um jantar de despedida para homenagear as familias Alencar Araripe e Octavio Milanez, que acabam de seguir para uma estação de aguas em Cambuquira. O grupo acima foi tomado por occasião desse agape, vendo-se ahi, ao centro, a senhorita Vera Araripe, que se acha ladeada pelas senhoras Elza Milanez e Fontainha.

MADRIGAL

A correr, toda a noite todo o dia,
O regato de liquido crystal,
Cantava sempre a velha symphonia
Da magua e da tristeza universal!...

Mas o regato é outro, desde o dia,
Em que teu corpo esbelto e divinal
Foi accordal-o da melancolia
Numa caricia languida e sensual...

E agora, toda a noite, todo o dia,
Através do ensombrado mattagal,
Canta a canção risonha da alegria,
— O regato de liquido crystal!...

R. MAGALHÃES JUNIOR

Realizou-se a bordo do "Salt-Lake-City" uma recepção, que o commandante daquelle cruzador offereceu á officialidade da Marinha de Guerra brasileira e á sociedade norte-americana desta capital.

GLYCINIAS

Sonhei hontem, comtigo. Foi um sonho lindo, que me deixou ainda mais saudoso dos teus olhos azues, do teu sorriso voluptuoso e do teu cabello fulgurante de princeza loira. Foi um sonho lindo, que me trouxe, na sua doce e piedosa miragem, a illusão de que ainda vivias para o meu amor....

Tu estavas ao meu lado, numa praia deserta. Longe da cidade. Longe da civilização ruidosa. Longe da ambição humana. Sobre a areia doirada faiscava o sol da manhã. E só nós dois ali. Nós dois e o mar, que tocava nas notas das ondas uma suave canção matutina.

Mas foi tudo um sonho. Um sonho que passou, como têm passado todos os nossos anseios e todas as nossas horas de felicidade...

Promovida pela escriptora Rachel Prado e a sra. Nathalina M. Kramer, realizou-se, no mez passado, em Friburgo, um lindo festival de arte, que obteve o mais franco successo. Nelle tomaram parte senhoritas da alta sociedade friburguense e muitos veranistas do Rio, todos tambem da nossa "élite". Essa festa, de que damos aqui varios flagrantes expressivos, foi levada a effeito em beneficio da Santa Casa e do Abrigo Amor a Jesus, daquella cidade de veraneio.

MEUS LIVROS

A' RIBEIRO COUTO

Com que lythargica doçura
Olho meus livros nas estantes,
Enfileirados, vigilantes,
E todos bem da mesma altura!

As alegrias que lhes devo
Valem os golpes que soffri!
Num Lamartine dorme um trevo
Que ha muitos annos recebi...

Como esquecer Goulart de Andrade,
Raymundo, Alberto e Monçaraz?
"Mil e uma noites"... Scheherazade...
Manoel Bandeira e Moreás!...

Perto das obras de Balzac,
Que abrangem vastos horizontes,
Tenho as "Poesias" de Bilac
Junto ao "Verão" de Martins Fontes.

São todos elles meus amigos.
Falam-me todos com fervor!
Mas eu prefiro os mais antigos
E gosto mais de tal autor.

Conheço alguns profundamente,
Outros releio com saudade...
Nenhum me deixa indifferente
E raro aquelle que me enfade.

Dos meus poetas favoritos
Sei varias paginas de cór:
Adoro os versos esquisitos
De Rodenbach e Jean Lahor.

Dentro das folhas de um Banville
Guardo uns bilhetes apagados.
Meus livros são como os soldados
Que tomam parte num desfile...

Sempre solicitos e unidos,
E cada qual no seu logar,
Defendem todos, confundidos,
A fortaleza do meu lar.

Do livro "Meu Sonho de Belleza".

Faianças

À que não veio...

Os senhores, sem duvida, habituados ao tumulto de uma grande cidade, devem conhecer todas as sensações modernas do amor.

Oh, si as conhecem!

Mas, conheçam ou não as conheçam, imaginem este episodio. Este caso, que é mesmo serio, deve ser contado em estylo modernista...

Vejamos. Telephonema.

— Você vem hoje?

— A que horas?

— Ás 3 ½.

— E' muito cedo para mim.

— Oh, senhor! Parece até que a sua "bonequinha", como me chama, não merece tal sacrificio...

— Mas, não é isso...

— Não se excuse. Já sei. E' má vontade... Pois olhe, eu sou uma moça. Soffro a vigilancia da familia, e, no emtanto...

— Está bem! Irei. Farei a sua vontade.

O telephone é desligado. Automovel. Uma corrida louca. Local do encontro. Elle salta, esbaforido. Olha o relogio: Mulas! Chegou com um avanço de um quarto de hora... E, agora? Lêr um pouco... E' melhor...

Mas, que diabo! O livro lindo que vinha com o cidadão afobado, ficou no automovel. E' uma pena... O livro era de Octave Mirbeau: *O Calvario*. E, depois, só a declamatoria valia uma fortuna.

As horas passam. Tres e vinte... Tres e vinte e cinco... Tres e trinta... Que é della, a "bonequinha?"

O rapaz pensa comsigo: "Ella virá... Um incidente minimo é que a retem em casa..." E para illudir a sua inquietação, que se esboça, declama, mentalmente, os versos de Francis Jammes...

"Je n'aime que'elle, et je
[sens sur mon cœur
la lumiére bleue de sa
[gorge blanche.

Où est-elle? où était donc
[ce bonheur?

. . . .

Viens, viens ma chére
[Clara d'Ellebeuse;
aimons-nous encore si tu
[existes.
Le vieux jardin a des
[vieilles tulipes
Viens toute nue, ô Clara
[d'Ellebeuse!..."

Mlle. Lucena, cujo sorriso de bailarina russa, parece dizer: «Como me fica bem esta fantasia!»
(Photo De los Rios.)

O homem que espera o amor e sonha, através a arte de um poeta contemplativo, já está impaciente...

De novo consulta o relogio de ouro: 3 e 40 minutos. Que é d'ella, a "bonequinha" de Domergue? E, mentalmente:

"Viens, viens, ma ché-
[re... Clara"...

E o ponteiro do relogio, inexhoravel: 4 menos um quarto... Daqui a instantes: 4 menos dez... E cinco horas, finalmente.

O homem sente o coração bater n'um desanimo.

Dois desastres num só dia?

E' demais! perdeu uma mulher bonita e um livro lindo.

Qual dos dois mais preciosos? Uma mulher substitue um livro; mas um livro não substitue uma mulher... Eu quizera perder dez livros lindos de uma só vez! E ficar com "ella"... Mas, o homem, que espera a sua bonequinha, não sabe mais raciocionar. Volta desolado. Como vae ser longo o seu regresso! E agora, como está deserto o seu apartamento!

Numa ironia triste, o amoroso repete os versos de Francis Jammes, em *De l'Angelus de l'Aube à l'Angelus du Soir...*"

"Le vieux jardin a de
[vieilles tulipes...
Viens toute nue, ô Clara
[d'Ellebeuse..."

Ella parece dizer:
— Vejam só que linda «fantasia»...

Arte de sonho e belleza

E' um grande mal que todos nós, homens da penna, commettemos, em levar pela mão as candidatas a um logarzinho na literatura. E' um mal porque, em geral, as mulheres são demasiado vaidosas. No começo, quando necessitam do nosso patrocinio, ellas se deixam conduzir, pacientemente, pela nossa mão, como si subissem a escada de Jacob. Mas, logo que se apanham lá em cima, ellas nos olham com aquelle desdem soberano, o desdem olympico dos deuses. Porque então, estando no alto — no alto da montanha, — seja o Capitolio, ou o Parnaso, ellas já se julgam deusas, por sua vez. Deusas como a Venus do Capitolio. Deusas como a propria Erato, Melpomene ou Polymnia — já que estamos no dominio das idéas de arte e de fastigio.

E, francamente, é doloroso a gente receber como premio do seu gesto de altruismo e desprendimento uma ingratidão que envenena a nossa alma e o nosso desejo de ser benevolente...

Mas, ás vezes, temos que ceder ao assedio de um amigo. Outras vezes, é a propria candidata que se impõe á nossa admiração. Quando não é isso, dá-se o caso de lhe não podermos dizer, francamente, que a sua vocação está errada. Em summa, ha tantas razões que nos levam a condescender com as neophitas das letras...

Será este o caso da poetisa desta nota? Não! Oh, nem por sonho se vá pensar que a poetisa Lia Corrêa Dutra é a inspiradora deste commentario! O soneto que aqui apparece, assignado por ella, não é uma obra prima; é mesmo a obra de uma principiante. Mas não é favor resaltar as qualidades que ella possúe como cultora do verso.

Baudelaire dizia que fazer um poema éra saber apenas arrumar as palavras de modo que ellas depois offerecessem uma combinação magistral de pedras preciosas, pelo seu colorido e harmonia. As pedras estão em nossas mãos. O que é importante é saber combinal-as.

Lia Corrêa Dutra não está longe de saber combinar as gemmas raras que as suas mãos de rosa fazem scintillar, á hora violeta de um crepusculo, ou ao clarão macio de um luar melancolico...

SONETO

Minha imaginação é uma abelha doirada
Zumbindo, ébria de luz e tonta de calor,
De azas abertas, na alegria da alvorada,
Vôa, de sonho em sonho, em vez de flôr em flôr...

Minha imaginação é uma lyra encantada
Que, vibrando em canções de esperança e de amôr,
Vem banhar de harmonia a minha alma encantada
E embalar, docemente, o meu mundo interior.

Minha imaginação é um livro de figura-
Ha nelle, imagens de ouro e paisagens estranhas
Que eu miro, folha a folha, em doce encantamento...

Minha imaginação é a nuvem que, na altura,
Galga o espaço infinito acima das montanhas
E avelluda, depois, o azul do firmamento!

LIA CORRÊA DUTRA

Carta de um lyrico

Garôta — Naquella tarde luminosa, tu me perguntaste sorrindo:

— Gostas do mar?

— Não! — disse eu.

— Pois eu gosto immenso...

Depois, comecei a me queixar da tua volubilidade, da inconstancia com que tratavas os teus affectos — inclusive o meu — ao mesmo tempo em que attribuia tudo aos teus dezoito annos irrequietos e á tua existencia feliz de libellula de um jardim maravilhoso...

Mas não te disse porque não gostava do mar. Sim, eu não gosto do mar. Elle é traiçoeiro. As suas ondas, como bem comparou Shakespeare, são pérfidas como as mulheres.

Pérfidas e volúveis. Apenas essa perfidia e essa volubilidade são attenuadas pela idéa de que, emquanto umas se vão, outras vêm. As mulheres tambem são assim. Hoje, vão-se estas; amanhã, virão aquellas.

Mas o mar, Garota, é odioso não só porque as suas ondas se assemelham ás tuas irmãs de sexo. Todo elle é odioso porque lembra a alma feminina. Ás vezes está sereno. Offerece uma impressão de estabilidade e doçura. Mas ai de quem lhe caia no fundo das aguas! Porque, as suas aguas, que ora são verde-garrafa, ora verde-esmeralda, ou côr de mercurio, ou azul-marinho, ou turqueza, ou laranja, são traiçoeiras e insondaveis: guardam no seu seio as perolas custosas

os coraes, as algas mais lindas, os musgos, as conchas bizarras, lavores estranhos, e, ao lado de tudo isso, os monstros ferozes que atacam o destróem o homem.

Não ha imagem mais fiel da alma feminina do que o seio insondavel dos pelagos profundos.

Dirás que repito logares-communs. E lembrarás as sereias formosas.. Mas si as sereias existissem, ainda seriam outros perigos temiveis. Não é isso o que a lenda nos ensina? Ulysses, aquelle da *Odysséa*, como acreditava nellas, — para evitar que os seus marinheiros se deixassem vencer pelos seus encantos, fel-os taparem os ouvidos com cêra...

Não, Garota, eu não gosto do mar. Mas gosto de ti, que és voluvel como as ondas e encantas os meus olhos melancolicos como as sereias traiçoeiras.—

Teu Y...

O piano da minha vizinha

Victor Hugo tinha o habito de escrever deante de uma janella aberta, de modo que visse o azul do céo. A' noite ou á tarde, Baudelaire gostava de trazer o seu gato ao pé de si. Mistral, si não fosse o seu cão inspirador — aquelle que morreu de desgosto sobre a sepultura do poeta —, não teria escripto o seu magnifico poema *Mireille*. Octave Mirbeau fumava desesperadamente. D'Annunzio, magistral cabotino, — ainda hoje só escreve aspirando um lenço embebido de perfume...

Bilac bebia café e fumava para escrever sonetos lapidares como os da *Via Lactea*. E Alphonsus Guimaraens? Conta-se que a sua inspiração lhe era dada por uma coruja, que lhe servia de tinteiro.

Os pequenos poetas e escriptores têm, tambem, os seus habitos. Querem saber qual é o meu?

A bem dizer um homem como eu não se póde dar ao luxo de ter habitos para escrever... Escrevo como posso: no conde, sobre a perna, na barca, no omnibus, nas mesas dos cafés — emquanto o engulo e o "garçon" nos amola; e escrevo em casa, na redacção, com os minutos contados...

Mas quando o horario não é muito rigoroso, eu me dou ao capricho de ter os meus habitos...

Por exemplo: gosto de escrever ouvindo a melancolia de um piano. Prefiro os violinos; mas como estes são raros, os pianos os substituem com vantagem.

Esta nota, por falar nisso, está sendo escripta numa dessas horas musicaes...

Aqui, a minha vizinha, que é uma loura como as heroínas de Shakespeare, e possue olhos de contas, muito azues, como os das bonecas, parece que advinha o meu desejo.

Coitadinha! Ella não é lá muito forte nas melodias. Ella não sabe aquellas coisas lindas de Schumann, de Schubert, de Massenet, de Chopin... Mas faz o que póde: interpreta motivos populares, canções, arias, rhapsodias, tangos...

Ah, os tangos!

A minha visinha possue um repertorio onde se lêem estes titulos: "Cicatrizes", "Ausencia", "Yo te quiero", "Lagrimas"...

Ora, o tango é a musica feita de rythmos que se desenrolam dentro da nossa alma como si fossem sombras de perfumes e attitudes de dôr... Attitudes de dôr!

(*Continúa na pag.* 34)

Mlle. Helena Cornet não é bem uma «Maria Antonietta» de Momo; é, antes, um lirio que desabrocha do coração de uma rosa...

(Photo De los Rios.

Não sabem o que é isso? Nem eu... Mas a verdade é que os senhores entendem o que eu não sei definir, mas que os tangos, as melodias e as canções definem sem falar...

E ahi está porque, quando ouço o piano da minha v i z i n h a loura, comprehendo melhor a belleza inutil da poesia e por que podemos chorar, quando amamos alguem que está longe de nós... E' o milagre da musica...

No emtanto, a minha vizinha, que me vê, todos os dias, passar á sua porta, com esta cara feia, nem imaginará que o seu piano me inspira...

A FESTA INAUGURAL DO FLAMENGUINHO

Organizado por elementos pertencentes ao quadro social do Club de Regatas do Flamengo, acaba de surgir no mundo sportivo carioca o novel Flamenguinho, que realizou a sua festa inaugural no domingo passado, na séde do glorioso rubro-negro. Estão nesta pagina alguns aspectos da primeira festa do Flamenguinho, que foi brilhante e animada.

A parte final da festa com que o Flamenguinho se apresentou á nossa sociedade foi o baile offerecido no «rink» da rua Paysandú, e que teve grande brilho mundano.

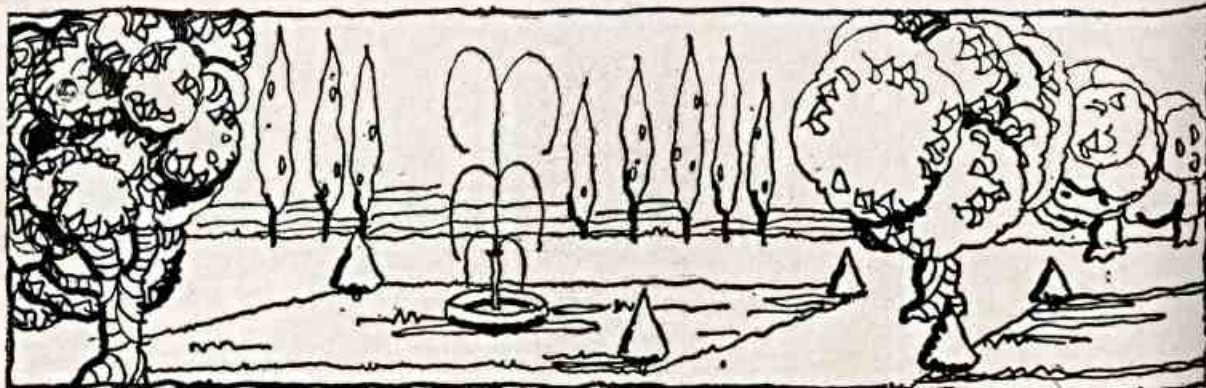
MANHÃ DE BRUMA

Nesta manhã nevoenta,
as arvores do pomar
têm estremecimentos femininos...

Sob os lençóes da bruma,
que se vae dissipando,
uma mangueira-rosa
esconde avidamente
os pomos humidos de orvalho
na folhagem profusa.

Porque o sol,
como um urso esfaimado,
estraçalha nos dentes a neblina
e mette na ramagem
o focinho rosado
para lamber a pelle cheirosa de seus pomos...

EUGENIO GOMES

Um expressivo flagrante do baile do Flamenguinho, realizado domingo á noite.

O ADELO

No silencio luminoso do dia, sobe no ar o triste pregão das ruas:

— Compro roupas usadas!

Todo o bairro modorra no bochorno que o sol espalha. Faz um calor de rachar, como o da opereta famosa, de rachar as pedras. Uma fulguração enche o espaço. Nem uma folha se move. Ao longe, canta um gallo, preguiçosamente. E o triste pregão das ruas sobe no espaço:

— Compro roupas usadas!

Estou só. E triste. Medido na penumbra do aposento defendido pelos estores. Aquella voz é a voz da humildade e da miserias, que arrancam o pão aos mais vis misteres, subindo até meus ouvidos. A voz da multidão anonyma, faminta, explorada, abastardada, ignorante e ávida que vara a luz e o ar em pleno dia, traindo no seu som aspero e magoado ao mesmo tempo um que de revolta secular, de revolta fermentando lentamente através dos centenarios:

— Compro roupas usadas!

Roupas usadas! Quantas tragedias nos que as compram! Quantas tragedias nos que as vendem! Uns entregam o seu terno domingueiro para aviarem na pharmacia a receita do filho doente. Outros trocam por alguns nickeis o derradeiro casaco ou as calças roubadas ao companheiro para beber e para jogar. Numa porta, a viuva recente regateia o preço das alfaias do marido e, noutra, a mãe miseravel entrega tremula, esporeada pela miseria, as reliquias do filho... Indifferente, ás dôres e as baixezas, o pregão continua a vibrar:

— Compro roupas usadas!

Elle proprio, o que apregôa, é um pária que vive da miseria alheia e mercadeja, sem escrupulo moral ou physico, o fato do escrofuloso e os colletes dos desgraçados. De comprar a uns por mesquinho preço e de vender a outros com mesquinho lucro, vive o adelo ambulante. E o seu grito é como que o uivo de sua propria lastima.

— Compro roupas usadas!

A monte lembra o belchior andejo. Vae passando e levando para mysteriosas transacções todas as roupas usadas da nossa alma. Só e triste, medito longamente. E, no silencio luminoso do dia, sobe no ar o triste pregão das ruas:

— Compro roupas usadas!

AS LEMBRANÇAS DO CARNAVAL

Claudine, filhinha do sr. Maurice Cellier, e uma graciosa «marquezinha» de carnaval...

CERTOS ENCANTOS DO AMOR PLATONICO

POR BRASIL GERSON

A carta me chegou do norte, e eu sou muito grato ao funccionario postal da cidade distante que teve o carinho de encaminhal-a até a minha casa, em S. Paulo.

Ha destes episodios curiosos na vida dos homens que escrevem. Ás vezes alguém faz uma apresentação de um vizinho de quarto de hotel e pergunta-lhe:

Você não o conhece de nome? E' um escriptor muito interessante...

E o vizinho, com uma ignorancia incrivel, que irrita:

— Ainda não tinha esse prazer... E' a primeira vez que me falam desse nome...

Em compensação, ha sempre, muito longe, um moço ingenuo que lê o que a gente escreve, e um funccionario postal muito amavel que sabe onde a gente móra...

Pois a carta me chegou do norte, e dizia assim:

"Preciso de um conselho seu para dar á minha vida uma orientação melhor. Aqui na minha terra todo o mundo faz caçoada de mim, porque acha que eu sou um romantico platonico e que as minhas victorias no amor são apenas moraes. Na sua opinião, que devo eu fazer? Que pensa o senhor do amor platonico?"

Eu respondo:

— que no amor a gente nunca sabe quando é que anda bem, quando é que anda mal, e que homem nenhum tem o direito de achar errada a maneira de amar de um outro homem.

O dr. Paulo Pott, do romance novo de Pitigrilli, metteu-se a fazer experiencias de toda a sorte sobre o amor, e no fim chegou á conclusão de que elle só tem uma verdade unica, eterna: é aquella verdade da Margarida, do "Fausto", desfolhando uma flôr e perguntando ás petalas:

Sr. J. Sardi, o novo ministro plenipotenciario da Venezuela junto ao governo brasileiro, chegado a esta capital segunda-feira ultima, a bordo do "Orania».

— Gosta de mim? Não gosta de mim?

O nosso mestre supremo foi Casanova, para mim maior que D. Juan. E Casanova quanta vez foi platonico? Quanta vez Casanova teve que se contentar, no amor, apenas com a victoria moral?

Você saberá, meu querido amigo do norte, que historia é essa da victoria moral?

E' a conquista quasi que definitiva, é a conquista de todos os reductos, menos o ultimo...

Levando em conta que a desillusão é quasi sempre um complemento natural de todos os romances de amor, por que então a victoria moral em certos romances não ha de ser satisfatoria tambem?

Creia que o mais importante, em todos os assumptos romanticos, é um momento imprevisto, que resolve todos os problemas...

Rodolpho Valentino amou platonicamente, durante muito tempo, uma das mulheres mais bonitas de Nova-York. Dançava com ella nos cabarés, e era, deante della, um romantico platonico. Por que? Porque o momento que os aproximou criou, para elles, esse ambiente, e depois, com a intimidade, o outro ambiente nunca mais poude apparecer...

Si você gosta de ser platonico, seja platonico. E' um direito que você tem.

Si você não gosta, não seja.

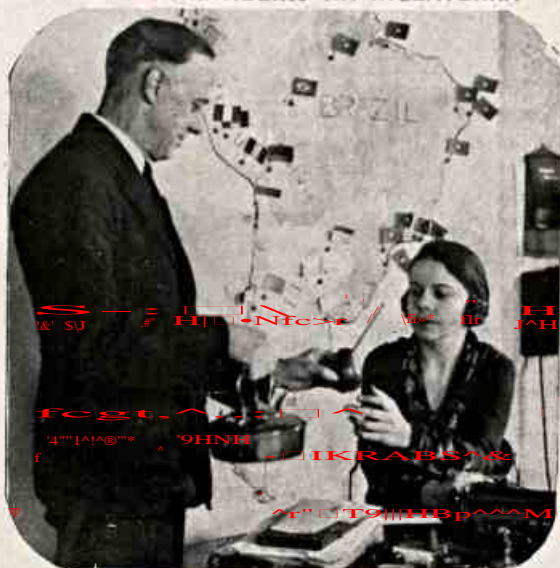
Mas como é que se faz para não ser platonico? — perguntará você.

Muito simples: não sendo...

E parta deste principio: faça questão de não deixar nunca para amanhã o que póde ser feito hoje, e risque dos seus conhecimentos esta phrase ignobil: "Na mulher não se deve bater nem com uma flôr..."

Seja valente. E' preferivel que uma mulher diga de um homem que elle é "malevo" a dizer que elle é gentil...

Este elogio — "Il est trés gentil..." — não passa de um desaforo que as francezas inventaram para marcar os abastados coroneis nacionaes...

O MATTE BRASILEIRO NA INGLATERRA

Tem-se a impressão de que esta scena é a de um film que se passasse num «arranha-céo» da Norte America, numa hora de intervallo para o café brasileiro, e no interior de um daquelles escriptorios de companhias que movimentam milhões de homens. No emtanto, este flagrante pode receber esta legenda simples e expressiva: O s. Leonard Matters, deputado trabalhista, por Londres, á Camara dos Communs, e director da «Review of Central South America», é o introductor do matte brasileiro naquella casa do Parlamento inglez. Num «tête-á-tête» galante, elle offerece uma bombilha da excellente infusão á sua secretaria».

alto fallante

NOTAS MEDICAS

O dr. Arthur Lopes, joven medico formado pela nossa Universidade, cuja these mereceu os melhores louvores e é um trabalho notavel de sciencia, escripto em linguagem formosa pela singeleza.

A opinião de uma suffragette, de uma feminista britannica sobre o homem contemporaneo em face da mulher, com ser um juizo respeitavel, não deixa de ser suspeito, muito suspeito mesmo.

POIS bem, uma dessas respeitabilissimas e temerosas senhoras, segundo informações do exterior, acaba de attentar contra a justiça divina, fazendo tremer de indignação a ossada millenaria de Adão, que não se sabe por onde anda.

O homem moderno — disse a suffragista ingleza — jamais alimentará a idéa de fazer uma mulher feliz... Vejam a injuria, a injusta accusação atirada, calma e perversamente, á face de nós todos, que, ha seculos, vimos endeusando a mulher, erigindo-lhe um verdadeiro culto, um tanto profano, é certo, mas de accordo com a sua propria naturaleza, com as suas manhas e artimanhas de gatinha voluptuosa.

ENGANA-SE, porém, quem pensar que a "bocca de anjo" da illustre suffragette apenas se abriu para dizer somente aquillo. Ella acrescentou ainda que, entre a idéa de fazer uma mulher feliz e a de se atirar da Torre Eiffel ao solo... o homem moderno preferiria esta ultima...

NO emtanto — é ella ainda quem tem a palavra — a mulher mostra-se cada vez mais... maravilhosa (de accordo), como esposa dedicada (de accordo, com restricções) e, para demonstrar a confiança que tem nos maridos, dá-lhes a chave da porta (a grande novidade!), trancando-se por dentro, mal sôam as 22 horas, para incutir-lhes a certeza de que os considera os reis do lar! (Vejam só!)

BEM duvidosa majestade essa, que se poderá enquadrar na phrase sediça: — é muita honra para um pobre marquez...

OLIVEIRA MARTINS, nas suas "Cartas da Inglaterra" escreveu que são tres os sexos existentes na loira Albion: o masculino, o feminino e o neutro, que elle attribuia ás velhas inglezas. Parece-me, porém, que elle errou, porque, no neutro, deveriam ser contempladas todas as suffragistas, todas as feministas da... Inglaterra, da China, do Brasil, das Arabias.

UM lampejo de bom senso altenúa, porém, no seu final, os effeitos da arenga matrimonial da suffragista britannica, que acaba reconhecendo e declarando que "as esposas ajuizadas devem conceder toda a liberdade a seus maridos, não deixando, no emtanto, de lhes fazer perguntas, quando voltam á casa, tarde da noite, procurando saber onde estiveram, por onde andaram...

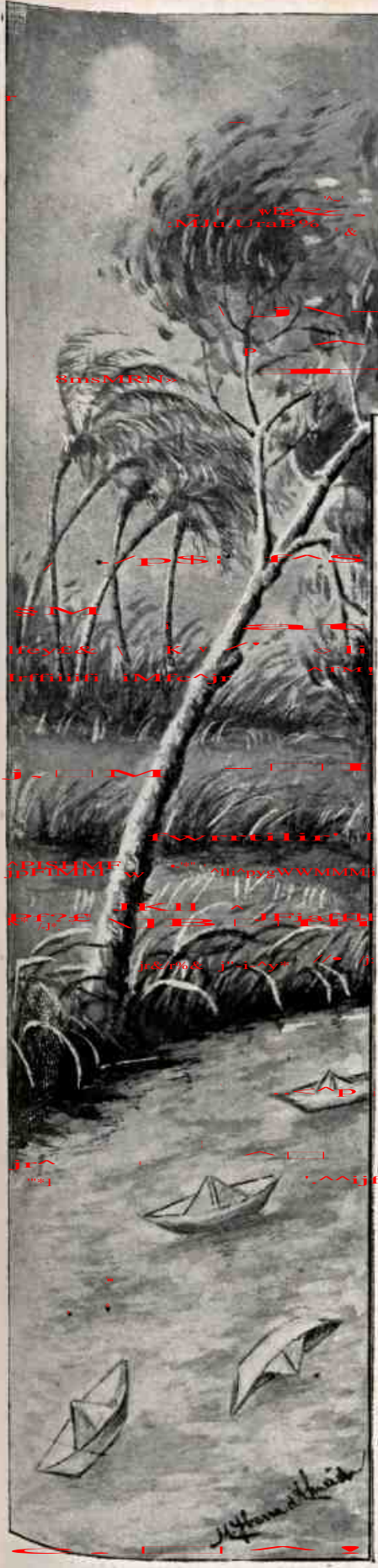
E, interessante — conclue — elles nunca sabem ou nunca podem responder.

A maldade, na mulher, é innata. Com seu geitinho de gata de garras mettidas em luvas de pelica, ellas sabem, no emtanto, disfarçar o melhor possivel, esse fundo de maldade ancestral, atavica, que é a arma com que jogam sempre que têm um fim em mira, um objectivo a realizar, uma conquista de ordem social ou amorosa a fazer.

E porque são assim, na sua bizarra e incomprehendida psychose, é que, como homem, sempre acabo por lhes perdoar o mal que me possam fazer. E ainda vou mais longe; ás vezes: beijo-as gostosamente pela delicia do mal que me proporcionaram...

Paradoxal, pois não é?

MAX LINDER.

O dr. Francisco Araújo pertence á ultima turma que deixou a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. E' cearense e fez um curso brilhante. Sua these de doutoramento — «Valor clinico da esplenocontracção adrenalinica nas megaloesplenias» — foi approvada com distincção.
(Photo Annunciato.)

O VENTO

O coração da terra offega nos teus suspiros!

Eu te adivinho quando, subtil, em secretas surdinas, na bacchanal do luar, entre a orgia dos pollens e dos perfumes, incendendo o sangue das papoulas, inflammas, ó aromalissimo satyro, o coração das flores de tão accesa volúpia que, ao amanhecer, todas as rosas acordam chorando de alegria, chorando pelas lagrimas do orvalho, na alegria das corollas que se desfolham, desmaiadas...

Ondulas, em oiro e esmeralda, com brandas virações, o marfolho dos trigaes maduros, e as alvas cristas de crystal das ondas, arrepiadas ao teu affago, ennovelas, trauteando.

Porque as colmeias esboroaste e os flavos cortiços destruiste, zimbram na tua voz o zumzum de todas as abelhas, o sussurro zonzo de todos os zangões.

Rabequista louco, fazes de cada fresta de choupana ou de cada desvão da floresta uma corda estranha em que zunir a tua melopéa presaga, e nos bambuaes desatas uma orchestração mal assombrada de avenas e de cálamos!

Bohemio, menestrel do assobio, cambaleante, bebedo da essencia das corollas que desvirginas, nas tuas sarabandas pelas alamedas, arrastas, como um rei noctambulo e doido, uma cauda longa, sussurrante, de folhas e de petalas!

Deus somnambulo ou ensandecido, ris, na gloria do teu delirio, pelo orgulho macabro da escuridão que ao teu lado espalhas, ris pela gloria de emmudecer as cascatas e a symphonia barbara dos mares, ris, dominador da treva, alma da tormenta, pela gloria de apagar todas as estrellas do céo.

Poderia querer-te, bemdizendo-te, confidente de palmeiras, fecundador de canteiros, tecelão das paineiras, poderia cantar-te pela fome que matas, enfunando as azas dos moinhos, moendo o trigo e offerecendo, dócil e misericordioso, o pão, mas antes te maldigo! Não pela ruina que deixas em cada ninho, pelos beiraes humildes que arrancas, pelo gemido das arvores que desgalhas, pelas aves mortas no caminho, — mas pelos meus barquinhos de papel que levaste na corrente, como os meus pobres sonhos pela vida sem amor, num destino sem gloria...

EDVARD CARMILO

Trepações

AS notas sensacionaes do carnaval deste anno foram fornecidas pelas meninas solteiras que invadiram certos centros de diversões onde nunca deviam ser permittidas, si houvesse uma policia de costumes... em Berlim...

Em um club, uma dellas se excedeu bebendo *champagne*, resultando representar papel tristissimo e censuravel.

Em um hotel de luxo, outra se divertia quebrando garrafas e copos, que a intervallos eram atirados ao chão, gestos acompanhados de gargalhadas metalicas, mui semelhantes ás de Momo...

"Farra", eis o programma que com escandalo foi adoptado por avultado numero de meninas na idade ainda de collegio, ao invés de andarem soltas pelos salões ruidosamente carnavalescos...

* * *

MADEMOISELLE appareceu radiante na sua linda *toilette* encarnada e durante toda a noite dançou, disputada pelos innumeros amiguinhos, que foram prodigos em gentilezas naquelle fantastico baile de carnaval, no hotel de luxo...

Uma noite como raramente se repéte, escaldante de enthusiasmo, estonteante de prazer, noite guizalhante de alegria, vivida dentro de um grande sonho de felicidade.

Musica, flores, *champagne*, o ether volatilizando-se dos tubos de metal, serpentinas ligando corações através dos salões illuminados, a volupia plena dos sentidos.

E, quando a noite morria, quando fugiam os ultimos pares para os ninhos de seda, *mademoiselle* desejou prolongar a delicia daquelle momento carnavalesco, dirigindo-se a certo restaurante-"dancing", arrastando atraz de si um bando de amigos, rapazes da *elite*.

Então, a gentil creaturinha deu ainda mais expansão ao seu genio alegre, exhibindo os seus conhecimentos de bailes, vivamente applaudida no samba, no maxixe, seduzindo nas danças classicas, quando, em gestos largos, o seu corpinho moreno se destacava, surgindo da *toilette* encarnada para o encanto da assistencia.

Depois, na hora de regressar á casa, houve uma gargalhada franca, pois *mademoiselle* affirmava, brejeiramente:

— Agora tenho de dizer á mamãe que passei uma noite insipida, que não encontrei amigos para dançar, porque só assim ella deixará que eu vá a outro baile... desforrar a tristeza que hoje me invade...

Que diabinho interessante!

AS LEMBRANÇAS DO CARNAVAL

Elio é o «sheik» e Ylen é o seu ajudante de campo. Parece que andaram a correr, no galope doido dos corceis, os desertos da Arabia. Mas não foi! Elles fizeram foi um "bonito», no carnaval, o que, aliás, muito agradou ao seu illustre progenitor, sr. Eduardo Eyer, director do Instituto Freuder.

FILHA do sul, de impressionante belleza, *mademoiselle* ganhou fama de quem não liga absolutamente aos rapazes da cidade.

Cortejada, sempre se mostrou esquiva, e as linguas palradoras andaram desanimadas, porque não conheciam nenhum *casinho* digno de registro e de commentario...

Mademoiselle olhava a todos por cima dos hombros, superiormente, com desdem, e passava.

Uma coisa assim... até parecia do outro mundo.

Mas... quebrou-se o encanto, e fartaram-se as linguas em commentar o apparecimento de *mademoiselle* no baile carnavalesco de certo club genero livre, em companhia do herdeiro do nome de um estadista de destaque.

Um lindo par, divertido, alegre, que soube aproveitar o reinado de Momo, dançando, dando expansão ás reservas do coração, e fazendo ralar de inveja muita gente boa.

Até que, afinal, a formosa creatura desencantou...

* * *

QUE estravagancia, o gesto da linda moça, fugindo á companhia do noivo para entregar-se aos prazeres de um baile de mascaras, cuja frequencia deve ser evitada por familias que se prezam!

Gesto deselegante, o fazer acreditar que estava em casa, repousando das fadigas do bulicio das ruas, quando, na realidade, despedindo-se do noivo, a garota foi reunir-se a duas outras amiguinhas, fantasiando-se ás pressas, para passar o resto da noite num club, cujo ingresso é pago á porta, e onde toda a especie de gente penetra para *sambar*.

Meio improprio, ambiente de impudor, que uma creatura de educação e de sentimentos elevados não deve frequentar, sem que delle saia diminuida, envergonhada de si propria.

Pois, foi justamente num dos taes *clubs* de frequencia duvidosa que as tres garotas seismaram de passar a noite, entregues ao desregramento das danças lubricas, delirando no *can-can* desenfreado, longe dos olhos da familia...

Miserias dos tempos que correm...

Primo de Rivera : : :

Primo de Rivera, a quem a morte acaba de procurar, tão inesperadamente, em Paris, poucos dias passados após a sua quéda do poder, era uma das mais prestigiosas figuras do exercito de Hespanha. As portas da Historia, abriu-as elle, para gloria do seu nome, com a ponta da sua espada. E nunca mais o arrancarão de lá, porque elle, na realidade, não era um politico de escól e ignorava bastante essa complicada sciencia de governar os povos, supria tal deficiencia com o seu talento e o seu patriotismo. Foi o reorganizador da paz, da ordem e da probidade economica no seu paiz; mas foi, tambem, e sobretudo, o pacificador de Marrocos, que ha dezenas de annos sangrava a Hespanha gloriosa, consumindo-lhe as melhores energias e sujeitando-a, muitas vezes, a vexames innominaveis. Quando sobre o seu tumulo cahir o pó dos seculos, essa obra formidavel chegará para engrandecel-o aos olhos de todos os bons patriotas.

Acompanhado de sua exma. familia, chegou do Maranhão, cujo governo acaba de deixar, o commandante J. Magalhães de Almeida, que viajou a bordo do paquete «Pará», do Lloyd Brasileiro, e teve nesta capital concorrido desembarque. O ex-presidente maranhense, que acaba de ser indicado para a vaga aberta no Senado Federal com a renuncia do sr. Bricio de Araújo, foi recebido e cumprimentado, ainda a bordo, pelos representantes das altas autoridades, membros da bancada e da colonia maranhense e innumeros amigos de s. ex. São aspectos do desembarque do commandante Magalhães de Almeida o que fixam as nossas photographias.

A PENSÃO DE DONA AMBROSINA

CONTO DE MARIO POPPE

DONA Ambrosina Silveira, desde que perdêra o marido, victima de um catarrho chronico, considerava-se a creatura mais infeliz deste mundo.

Não porque lhe faltasse o carinho, a que se habituára, do esposo, um homem de costumes castos, todo elle devotado á familia.

A infelicidade de dona Ambrosina repousava na absoluta carencia de recursos materiaes para viver, pois o marido, durante a sua estadia no mundo, não lográra reunir peculio para deixar a familia ao abrigo da miseria, no momento de fechar os olhos para sempre.

Só, sem dinheiro para as mais comesinhas necessidades, ella pensou em montar uma pensão, porém, tudo dependia de conseguir o capital para os moveis.

Chorou as magoas a um velho companheiro do marido e conseguiu dinheiro para realizar o seu desejo.

A casa de hospedes de dona Ambrosina, numa rua transversal ao Cattete, era confortavel, embora de apparencia sóbria.

Logo nos primeiros dias, após installada, a casa se encheu.

Diarias relativamente baratas, bôa cozinha e um ar de limpeza, attrahente.

Entretanto, o negocio, tão auspiciosamente começado, entrou logo em crise.

Dona Ambrosina esforçava-se em agradar aos hospedes, multiplicava-se em cuidados, mas os moradores da pensão, como as pombas do soneto de Raymundo Corrêa, se iam um a um, partiam para não mais voltar...

Quando interpellavam os retirantes, estes davam as melhores informações sobre a pensão da dona Ambrosina, bôa comida, cama limpa, mas... era a casa de hospedes mais triste do Cattete.

Assim, dona Ambrosina, depois de alguns mezes de dura experiencia, acossada pelos credores, fechou as portas e voltou á primitiva condição de viuva necessitada, vivendo ao léo, angariando espórtulas.

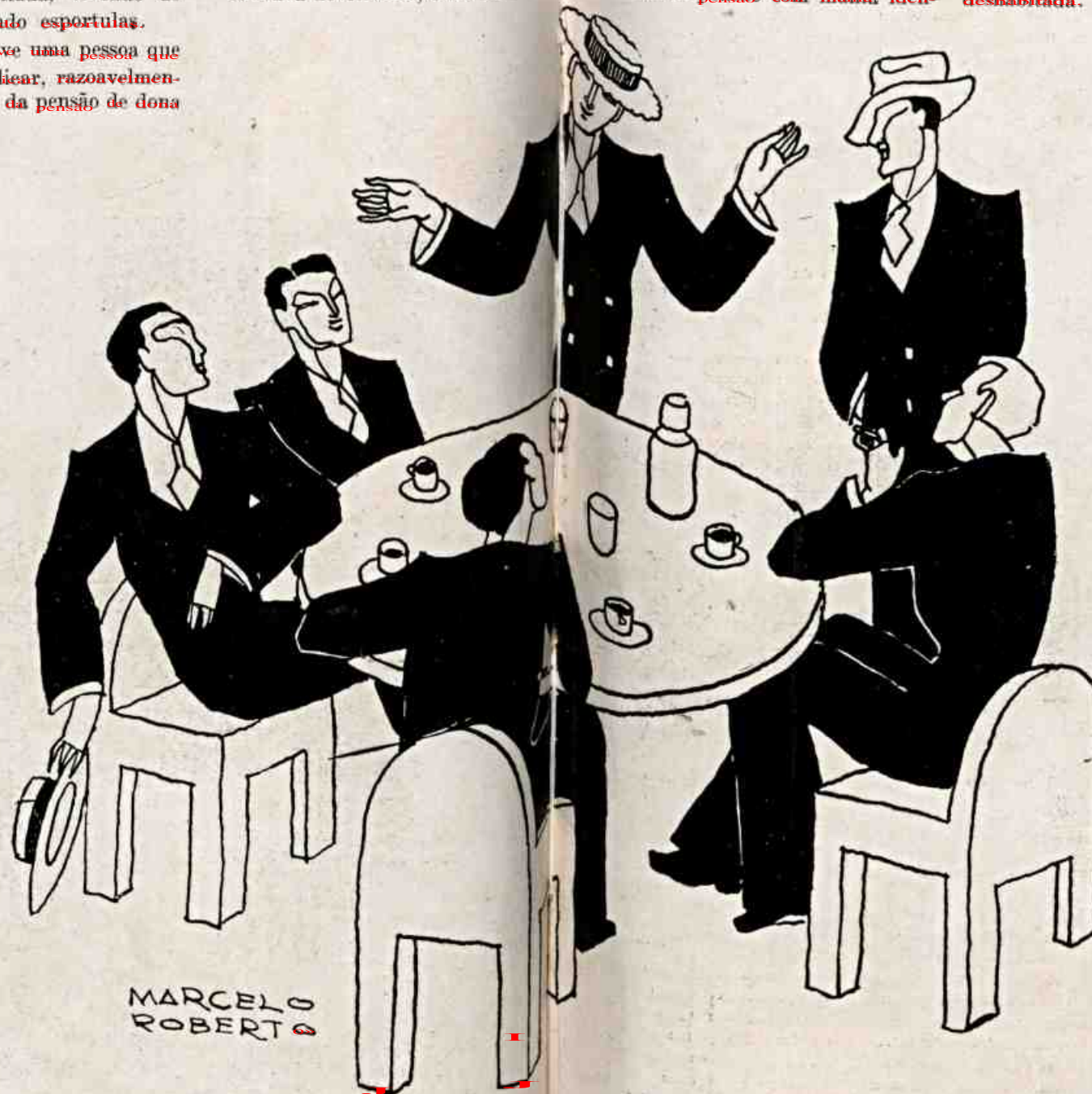
Nunca houve uma pessoa que soubesse explicar, razoavelmente, o fracasso da pensão de dona Ambrosina.

Até que, afinal, ha dias, Mucio Monteiro, um estroina que tem percorrido quasi todas as pensões do Cattete, contava, numa roda de amigos, por que a pensão de dona Ambrosina fechou as portas.

A viuva do Silveira, o homem do catarrho chronico, seismára em não admittir mulheres na sua pensão.

Era um horror!

Mucio Monteiro, uma vez, lendo uma novella hespanhola, onde encontrára uma proprietaria de pensão com mania identica, teve a idéa de fazer uma pilheria com dona Ambrosina.

Disse-lhe que tinha uma senhora de suas relações, professora de linguas, uma franceza, bonita, *coquette*, para morar numa sala de frente ha muito deshabitada.

Dona Ambrosina metteu as mãos nas cadeiras e alteou a voz, em tom de censura:

— Mas o que o senhor está pensando, doutor Mucio?!

— Penso que é uma hospede excellente, correcta no pagamento, que não negacêa preço...

— Francezas, na minha casa?! Isto é uma pensão de gente seria!

— Pois a minha recommendada é uma senhora honesta.

— Franceza... Franceza... Não, eu, aqui não quero mulheres!...

— Por que, dona Ambrosina?

— Ora, onde entra mulher desapparece o socego. Já sei... Começam as palestras de corredor, os hospedes entram a achar graça em ficar palitando os dentes em casa, esquecidos de que o lugar dos homens é na rua...

— A senhora acha?

— Não, doutor Mucio, nesta casa a unica mulher serei eu, mais nenhuma.

— Nenhuma?

— O senhor me entende, perfeitamente...

Ahi está desvendado pelo Mucio Monteiro o mysterio do fracasso da pensão de dona Ambrosina.

Uma pensão, sem mulheres é uma casa triste, inhabitavel.

Uma casa onde não se falla mal da vida alheia, sem a graça dos *potins*, póde lá interessar a alguem?

Dona Ambrosina não é uma creatura desgraçada, infeliz, como pensa e parece a muita gente que se commove com a sua miseria.

O que ella não tem é geito para *negocios*, como sabiamente affirma Mucio Monteiro, um profundo psychologo e conhecedor de todas as pensões do Cattete...

"PUSSANGA"

«Meu caro Peregrino Junior:

Quero dizer-lhe algo da impressão que me causou a leitura amavel de «Pussanga».

Um livro intrinsecamente nosso. Pelos personagens. Pelo scenario. E pelos dramas.

Pelos personagens, porque os protagonistas de suas scenas revelam, sempre, um fundo traço da alma brasileira, ao influxo das fatalidades mesologicas, nas provincias selvaticas da Amazonia.

Pelo scenario, porque nenhum meio, tal o amazonico, é mais legitimamente nosso, nos seus aspectos, nas suas paizagens e até na sua grandeza.

Pelos dramas, porque os episodios que lhe constituem os motivos de enscenação literaria, se acham de tal maneira ligados ao ambiente geographico, que, sem elle, se tornariam creações aereas, sem maior relevo, á mingua de moldura propria.

Afora isso, «Pussanga» é ainda estranhamente nosso pela linguagem, que entremostra, a quando e quando, em vocabulos regionalistas, os inesgotaveis recursos das nossas possibilidades verbaes.

Assim, o sentimento de brasilidade, que os reaccionarios da arte erigiram, no seu orgulho nacional, á condição de um principio esthetico, em nenhum livro, nesses ultimos tempos, mais do que em «Pussanga», se patenteia e se affirma.

Para isso deve ter precipuamente contribuido o facto dos seus episodios se desenrolarem, quasi todos, na scenographia verde da Amazonia.

Pois, estou que dalli somente, do nordeste e das coxilhas do Rio Grande do Sul é que nos podem advir motivos para uma literatura que seja incontestavelmente nossa.

O Brasil de lances dramaticos de heroismo inglorio ou de aventuras anonymas; o Brasil, rico de lendas e soffrimento obscuro; o Brasil que não tem historia e, por isso mesmo, fala melhor á imaginação, encontrando-a, não é o Brasil das grandes cidades e dos littoraes habitados; é o Brasil das campanhas, onde o gaúcho arma o rancho, como uma tenda de arabe, em meio a um deserto verde; é o Brasil do nordeste, onde o homem luta corpo a corpo com o sol; é o Brasil da Amazonia, onde o cearense desterrado sonha no tejupar, olhando as aguas do rio, ou erra, como um selvagem, perdido na matta enorme...

Seu livro, porém, tem, ainda, outros muitos titulos a recommendal-o, que não, apenas, essa feição caracteristicamente regional.

Ha nelle um estranho poder pictural de expressão, que accende a tintas fortes o colorido ornamental das paizagens e empresta uns estremecimentos de vida á narração, em geral, commovente, dos episodios.

Esse poder, em certas paginas, se accentúa de tal maneira, que chega a transmittir-nos, como naquelle maravilhoso conto a que V. denominou "Carimbós", em felizes recursos onomatopaicos, a musicalidade nostalgica de um «batuque» africano, ecoando melancolicamente, dentro da noite morta, no silencio da floresta sem fim.

A sua aguda visão de observador faz, a seu turno, com que V., em relação aos homens, se mostre um psychologo percuciente e, quanto aos factos, revele, não raro, louvaveis qualidades de sociologo.

ARIEL

Esse esplendido renovo,
sonho em flor numa criança,
alma de luz e de mel,
esse, é o filho mais novo,
a esperança
de Oliveira e Silva — Ariel.

Em summa, meu caro Peregrino, seu livro é uma obra de arte e de pensamento digna do seu espirito, e com isto terei feito, por certo, o seu melhor elogio.

E aqui estou, prazenteiro, a felicital-o por mais essa laurea — que não lhe será a ultima — com que V. enriqueceu galhardamente a sua palma romana de triumpho nas letras.

O amigo e confrade

Raul Machado.»

O presidente Julio Prestes entre amigos e admiradores, após a celebração da missa em acção de graças pelo seu anniversario natalicio, no dia 15 do corrente, na egreja de S. Bento, em S. Paulo.

O ANNIVERSARIO DO PRESIDENTE JULIO PRESTES

Por motivo do transcurso de seu anniversario natalicio, a 15 do corrente, o exmo. sr. dr. Julio Prestes de Albuquerque, presidente de São Paulo e presidente eleito da Republica, recebeu, naquelle dia, as maiores demonstrações de apreço do seu Estado e do Brasil inteiro, que se associou, de modo expressivo, ao regosijo de São Paulo.

Na capital paulista, realizaram-se varias solennidades em homenagem a s. ex., sobresahindo as do Mosteiro de São Bento e dos Campos Elyseos de que offerecemos nesta pagina dois aspectos photographicos, tomados especialmente para *Fon-Fon*.

O dr. Julio Prestes, presidente do Estado de S. Paulo e presidente eleito da Republica, entre as altas autoridades do clero paulista que foram cumprimental-o no palacio dos Campos Elyseos, pelo anniversario de s. ex. Vêem-se ahi, entre outros, d. José Marcondes Homem de Mello, arcebispo de S. Carlos; d. Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo de S. Paulo; d. Domingos de Sillos Schellon, abbade do Mosteiro de S. Bento.

Balcão Florido

GYRASOL E SENSITIVA

Uma carta perfumada, de mulher, sempre desperta na alma da gente um anseio de mysterio e de infinito. Porque toda mulher é uma palpitação do amor infinito, a encher de sonho e de illusão a caverna de Ali Babá do coração dos homens.

A senha com que abril-a, a palavra magica com que enchel-a de encanto e de deslumbramento?

— Amor!

E, por isso mesmo, é que o divino poeta florentino exaltava *le donne che avuevano intellecto d'amore*, no numero das quaes — não sei se me enganarei — incluo a amiguinha distante que assim se dirige ao gyrasol doirado do meu balcão, á espera de "um pouco do oiro quente de suas petalas."

"Helianthe — Você, cujo nome tráe o sonho inquieto e insatisfeito que em sua alma vive; você, que volteia quietamente as multiplas petalas doiradas de seu coração para um sol maior e mais doirado, diga-me — é desse sol, que está tão longe e que você procura, que lhe vem a alegria que cobre de oiro suas petalas partidas? E esse sol tão distante, tão coberto de nuvens, tão perdido no azul, tão desfeito em sonhos — esse sol impossivel como o infinito das distancias — valerá a pena, Helianthe, que a gente creia nelle — crer sem esperar — pelo simples conforto de crer em qualquer coisa?"

Se valerá a pena gyrar, sempre gyrar em derredor do sol... immaterial de minha fantasia e da minha illusão, em torno do qual venho realizando o circulo vicioso da vida?

Mlle. Nair Morterá, num lindo sorriso de doçura feminina...

(Photo De los Rios.)

Ai de mim — pobre de mim, si assim não fosse!

Nas petalas aurifulgentes da helianthe que faz o gyro incessante da minha inquietação, sempre a ansiar e a desejar, é que encontrei o conforto de crer ainda em todas as coisas bellas da vida, mesmo naquellas que são feitiços, illusorias, passageiras, como o amor das... mulheres. Porque as coisas da vida nem sempre devem ser vistas através da sua realidade; e sim através do prisma de idealidade e de illusão que ellas crear na alma de quem as saiba ver com olhos de saiba ver com olhos de encantamento, tocados de fascinação, illuminados pelo divino sortilegio da fantasia. Assim, até a dor, o soffrimento, as tristezas e as decepções mais amargas e crueis, descem sobre o coração da gente com a suave consolação de uma benção crepuscular... Essa — "a fé doirada e boa com que sei illudir e attenuar a realidade", como escreveu Sensitiva.

E Sensitiva — um pseudonymo que deveria ser o nome da "judiasinha" paulista que, um dia, penetrou as sombras quietas da minha vida com o feitiço encanto de uma... miragem — duvida ainda que eu tenha um passado, uma historia, um coração...

Para que recordar?

"As petalas de oiro" do gyrasol do meu balcão, que fallem por mim — ellas que aurifulgem, agora, quietamente volvidas, num aceno cari-

cioso e acolhedor, para a alma distante e desconhecida que lhes pediu "um pouco do seu oiro fluente".

REPUXO DE PETALAS

No luxuoso salão de sua residencia, um lindo bungalow de linhas elegantes e graciosas — seu ninho de noiva, como ella dizia — minha querida amiga, madame B., recebia as pessoas da intimidade do casal, no numero dos quaes gentilmente me incluia.

Casara, ha pouco: três mezes, se tanto. Na sua physionomia tudo indicava alegria, serenidade, paz interior. E era de ver a graça com que ella passeava sua figurinha gentil, de um lado para o outro, a fazer as honras de dona da casa, distribuindo sorrisos, attenções e solicitude ao circulo de amigos que ali se achava reunido. Poucas pessoas, e todas antigos conhecimentos seus e de seu marido, o joven clinico de nome firmado nas rodas medicas.

Como parecia feliz aquelle casal de pombinhos, ambos bellos, moços, cheios de enthusiasmo... Falara-se, já, de um sem numero de coisas: modas, saias curtas, saias compridas, banhos de mar, thermometro a 40° á sombra, pequenos escandalos sociaes, vida alheia, e a conversação parecia não mais sahir do terreno tão monotono e explorado — quando uma gurya de olhos vivos e scintillantes, como dois diamantes negros illuminados, exclamou:

— Mas, por que, numa casa de noivos, não se fallou ainda do assumpto que mais de perto os poderá interessar?... Está prosaica demais, não é, a palestra assim como vae, para um ninho de amor como este!

— Que queres então que se converse, Lygia, tu que sempre discorres sobre dez e mais assumptos ao mesmo tempo, uma verdadeira Babel de coisas que não teem a menor relação umas com as outras? — perguntou-lhe, a sorrir, a dona da casa.

— De que quero que se falle? Naturalmente, dos encantos e delicias do noivado, da lua...

— Que lua, que cousa alguma, não digas tolices, Lygia! — observou uma matrona de aspecto venerando — avó da graciosa gurya, emquanto a malicia de um sorriso corria pela sala.

— Sim, não ha nada de mal em fallar-se sobre o amor. E' tão lindo, tão cheio de encanto! — adeantou, a olhar docemente para o marido, a formosa recem-casada.

— O amor, sim, é realmente lindo e cheio de encantos. O casamento...

— O casamento? — diga, professor, dê sua opinião a respeito, sem receio — disse o joven medico, dirigindo-se a um seu velho mestre.

— O casamento é a psittacose do amor, e este, por sua vez, é a espiritualização da sensualidade, na phrase de um grande pensador.

— Bonito! Deve ser isso mesmo, professor! — exclamou a espevitada gurya de 14 annos, a bater palmas. — Mas... como é que se explica isso em linguagem mais clara?

Tableau.

Uma linda cigana que leu a «buena-dicha», pelo carnaval, mas que tambem podia dal-a, si quizesse...

JARDIM ALHEIO

PREMIERS AUTOMNES

Pale et lente, si pale en
[sa robe d'été,
Si lente en ses langueurs,
[oh! si pale et si lente,
Elle va, promenant sa
[douleur nonchalante,
Par les prés sans parfum,
[sous le ciel sans clarté.

Et voici qu'en son cœur,
[serré d'une agonie,
L'adieu d'un cor se trai-
[ne en de mornes abois...
Oh! s'en aller ainsi, quand
[les feuilles des bois
S'entassent, pour mourir,
[parmi l'herbe jaunie!...

Mourir aussi, mourir avec
[les feuilles d'or,
Dans la douceur et la
[tristesse de l'automne,
En écoutant pleurer la
[bise monotone,
Sourire au soir qui tom-
[be, et rêver qu'on s'en-
[dort!

ANDRÉ RIVOIRE.

Um elegante vestido de «faille» negro, de Jean Patou, de Paris.

Outro vestido moderno e elegante de Jean Patou. E' de «mousseline» negra.

UM RAIO DE LUAR...

No ir e vir da praia
— pernas sem meias, blusa solta á bataclan,
não se encontra uma só, que se distraia,
nenhuma — girl ou miss ou já maman,
ninguem que se distraia
fixando a Lua Grande, que desmaia
religiosa e pagã,
pagã pela nudez redonda e plena
e religiosa pela placidez
e pela beatitude extatica e serena,
ai! — de volupia mystica, talvez.

E'... No ir vir da praia,
nem o mar, nem a lua
— qual Selene, ou Diana!
— qual Neptuno, qual Naya,
nessa espectacular Copacabana!
No ir e vir da praia,
ellas só vêem a rua
e a rampa em formigueiro,
ou a passagem do "auto-sorveteiro",
ou a borrasca louca das "baratas"
que abrem descarga sem pretexto algum,
emquanto o mar desata cataractas,
e o algaraze vozeio
dos rapazes dos clubs no passeio
deixam no ambiente puro um horrivel Zum-zum...

Ora, calcúla tu o desencanto
com que ando por ali...
Nem procuro um recanto,
para, ao menos, em summa,
namorar uma espuma
e entre os dedos fisgar um tatuhy...
Pois... entretanto...
por mais que isso impossivel nos pareça,
deixa-me te contar,
uma menina de uns dezoito annos,
sem chapéo á cabeça,
mas vestida com gosto, com decencia
e uma suave elegancia,
num trio singular
com a nurse, gorda e austera
como uma secretaria de abbadessa,
e um irmãozinho na primeira infancia,
dois ou tres annos, nunca mais,
por uma dessas noites veranis
desse Março de plena primavera,
estava ali no Arpoador,
desfiando madrigaes
á Mãe-Lua, em colloquios infantis
com o irmãozinho e a ama
chapéo á mão, por causa do calor,
longe do Posto Quarto
onde o proprio sorvete fisky é chamma,
e onde certas toilettes á vontade,
blusa entreaberta, chapins sem meia,
scenographia viva á bataclan,
nos fazem esquecer a Lua-Cheia
e a sua grande bençam luminosa,
tão beatifica — tão religiosa!
tão redonda, tão núa — tão pagã...

ICARAHY

A bizarria das pedras bem o mostra!

E si a calma oceanica das angras fascina e acorrenta os britannicos, louros, seccos, esguios e "spleeneticos", é porque aquella praia branca, aquelle mar ciciante, aquelles montes verdes e aquelle fundo brasilico, intensamente, profundamente e puramente brasilico, dão um aspecto especial, singular, inedito, a olhos acostumados á bruma londrina e á aspereza da Escossia.

Mas Icahary, brasileiramente, conserva o seu brasileirismo, desde a denominação, até mostrar, na ponta do seu arco, a praia das Flexas.

E embora os habitos anglo-saxonicos, e estylos britannicos das casas, procurem modificar o facies daquelle bello recanto de Nictheroy, a alegria que reina, esfusiante, no fervilhamento nocturno da praia, é tropical, genuinamente tropical, é morena, é estuante, é brasileira!

Embora a algaravia rispida, procure fazer-se ouvir, é abafada pelo ruido do mar nas pedras, que diz coisas em lingua cabloca, porque o mar no Brasil é brasileiro, e ainda se recorda das igaras finas e velozes como settas, carregando homens fortes como bronze, do qual furtavam a côr.

Agora são os yoles tripulados por homens brancos, de cabellos louros, que vêm roubar alegria e vivacidade do verde das nossas florestas, do vermelho do nosso sol.

Mas quando o sol morre rubro, defronte da praia branca, por traz do cabello verde das palmeiras, lá, do outro lado da Guanabara, aquella pedra esquisita, a Itapuca, se assemelha a um filho de Arariboia, sioso da taba e do nome de seu pae, a lembrar que aquillo é brasileiro, só brasileiro!

A bizarria das pedras bem o mostra!

São guerreiros, que ficaram junto ás Flexas, attentos ao arco da praia, para defender a nossa brasilidade.

CANDIDO DUARTE

EM S. LOURENÇO

O casal Nilo Goulart, em companhia do dr. J. Gurgel Dantas, senhora e filha.

EM CAMBUQUIRA

Os veranistas, reunidos no Parque, mandam saudades ao Rio...

Alguns aspectos interessantes da administração Affonso de Camargo

Na actualidade da vida publica brasileira, o nome do eminente presidente do Estado do Paraná, exmo. sr. dr. Affonso de Camargo, com ser a expressão de uma individualidade de escól, tem ainda o alto mérito de assignalar, em accentuado relevo, a obra notável de um administrador. Porque o illustre patricio, á frente dos destinos de sua terra natal, tem alli realizado, com o critério seguro do estadista experimentado que é, uma ampla e salutar politica de bem publico, inspirada no seu nobre patriotismo, objectivando sempre os mais elevados interesses da communhão paranaense, e positivada, de modo concreto, numa acção constructora, continuada, persistente, serena e efficiente, qual a que se affirma e patenteia, neste momento, em todos os departamentos da actividade, do trabalho, do futuroso Estado do Sul.

O dr. Affonso Alves de Camargo, presidente do Estado do Paraná, leu em fevereiro ultimo, perante o Congresso Legislativo do Estado, a mensagem referente ao segundo anno da sua administração naquella unidade federativa.

Da leitura desse documento resalta a efficiencia da administração Affonso de Camargo, a qual vem dotando o Estado de novos e magnificos elementos de prosperidade e bem estar. A propaganda intensiva do matte (o principal producto paranaense) no Brasil e no estrangeiro; a cruzada do trigo; o amparo ao commercio de madeiras, de largas possibilidades no Estado; o desenvolvimento da instrucção primaria, com a creação de novas escolas e seu melhoramento material e pedagogico; a ampliação das rêdes ferroviaria e rodoviaria; a construcção do porto de Paranaguá, de importancia vital para o futuro da economia paranaense — são, entre outros, aspe-

ctos eminentemente sympathicos dessa fructuosa administração estadual.

O Paraná, pelas suas magnificas riquezas naturaes, pela variedade de seu clima (propicio ás culturas typicas das regiões temperadas européas), pela fertilidade inexcedivel do seu solo, offerece perspectivas admiraveis de progresso e de prosperidade, estando, já, em plena phase de desdobramento desses recursos potenciaes.

O norte do Paraná, sobretudo, é uma das mais ricas regiões do Brasil, apparelhos reguladores, necessarios á defesa do nosso principal producto.

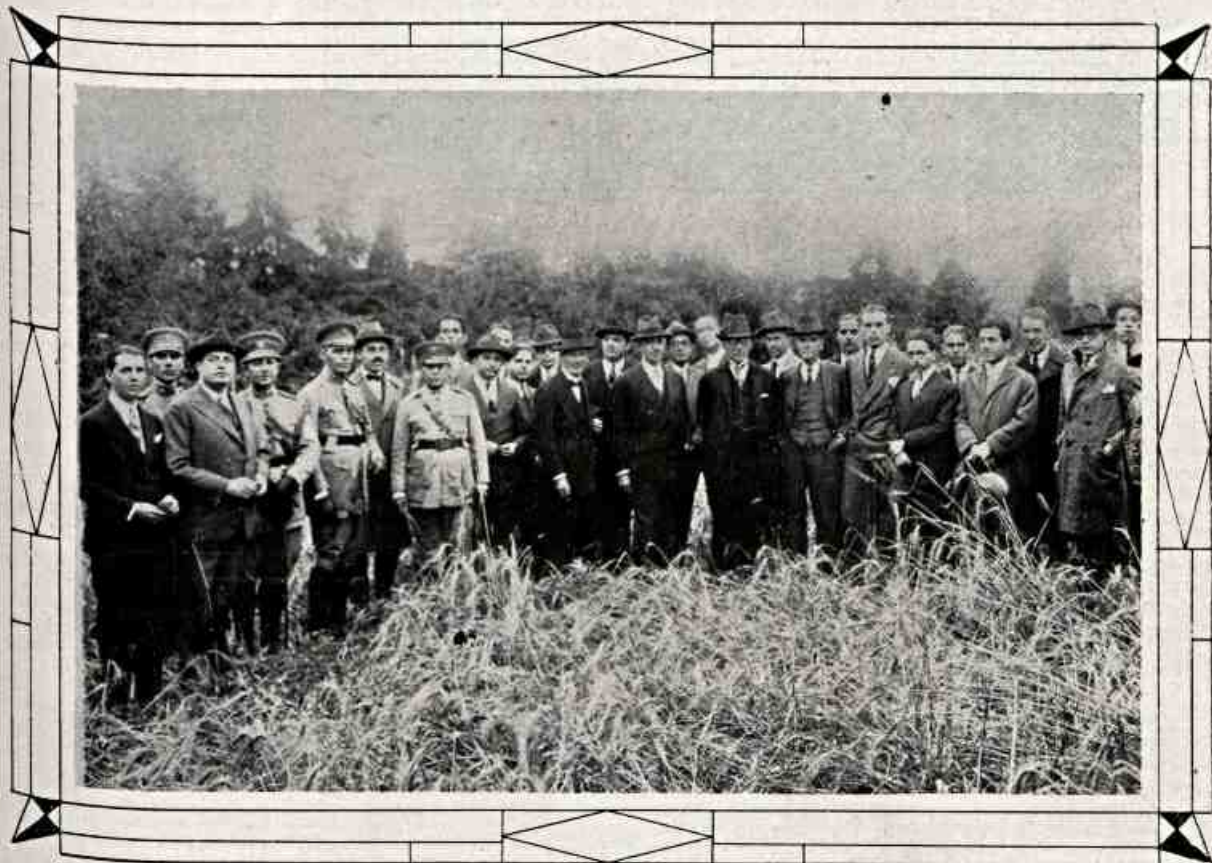
O Instituto do Matte, com séde em Curityba, que conta com a collaboração dos proprios interessados na sorte dessa preciosa bebida, é uma das ultimas e mais benemeritas conquistas do Paraná de hoje, sob o governo do dr. Affonso de Camargo.

*

ENTRE os problemas que têm merecido particular attenção preoccupado o meu governo, e, graças á nossa organização efficiente e aos esforços dispendidos o nosso Estado é uma das unidades da Federação onde a instrucção popular está mais diffundida.

O meu governo não tem medido sacrificios em pról da elevada obra do combate ao analphabetismo.

Attendendo ao patriotico appello do Governo Federal, deu-se grande incremento á educação physica nas escolas, designando-se para o seu

A situação economica do Paraná revela-se, não obstante a crise mundial que avassala os centros de producção, das mais auspiciosas, graças não só á multiplicação de recursos naturaes do Estado, mas ainda á sabia e feliz orientação do governo Affonso de Camargo. Basta attentar para o movimento dos negocios da herva matte, da qual foram exportados 317.740 kilos, em 1929, para os Estados do Rio, Bahia, Pernambuco, Pará e Ceará principalmente. Come-

O presidente Affonso de Camargo e seus auxiliares de governo assistindo á inauguração de um campo de cultura experimental de trigo, nos arredores de Curityba.

apresentando um indice de producção cafeeira não igualado por nenhuma outra terra no Brasil. A industria agricola do café tem sido amparada, de maneira efficiente, pelo governo Camargo, que tem acudido aos lavradores com os recursos financeiros necessarios ao custeio da producção e á sua evasão normal através dos do governo do dr. Affonso de Camargo, avulta o da instrucção publica, considerada pelo eminente presidente paranaense de notavel importancia para a bôa organização de um Estado.

Eis como, nesse sentido, se expressa o dr. Affonso de Camargo na sua brilhante mensagem:

"O problema do ensino é um dos que mais têm ensino, um professor para cada estabelecimento da capital.

Agora que o Estado já possue organização mais ou menos perfeita de ensino primario, normal secundario e superior, tenciono tratar com grande interesse do profissional, que será, sem nenhuma duvida, de notavel proveito para nossa gente."

çam a produzir os seus beneficos effeitos os esforços do governo no sentido da expansão do consumo desse producto, uma das mais ferteis fontes de riqueza do Paraná.

O café avulta, tambem, entre essas fontes de producção, tendo sido exportadas, pelo porto de Paranaguá, no anno passado, 217.706 saccas, no valor de 57.157:086$000.

Um aspecto de Curityba, a «cidade-sorriso», como a chamou o poeta.

As eleições para a successão presidencial, bem como a da renovação do terço do Senado e Camara federaes, decorreram, no Paraná, num ambiente de perfeita ordem juridica, tendo o governo Camargo tomado todas as medidas tendentes a assegurar a livre expansão da vontade eleitoral em todas as regiões do Estado. Referindo-se á attitude do Paraná em face da lucta politica pela successão presidencial escreve, na sua mensagem, o presidente Camargo: "O Paraná, logo que foi aberta a discussão sobre quem deveria substituir o benemerito Presidente sr. Washington Luís, credor da gratidão nacional, pelos inestimaveis serviços que vem prestando á Republica, foi dos primeiros a lançar e apoiar o nome do sr. Julio Prestes de Albuquerque, eminente presidente do Estado de São Paulo, em quem via e vê o continuador da grande obra da nossa restauração financeira, maximo serviço que o actual chefe do governo poderia prestar ao paiz.

Essa candidatura natural, dado o passado brilhante do candidato e a confiança que o seu nome inspira aos brasileiros pela sua cultura e capacidade de realização, viu-se immediatamente

A exportação de madeiras soffreu as consequencias damnosas da carencia de transportes ferroviarios, problema que a actual administração vem encarando com lucidez e promissora energia.

A situação financeira do Estado é das mais prosperas, não obstante os factores negativos da crise economica mundial de que sentimos os reflexos. A mais severa economia, acompanhada da maior vigilancia na captação das rendas, produz os melhores resultados attingindo a .... 30.172:120$399 a arrecadação total de 1929, o que revela um accrescimo de 1.72[illegible]:120$399 sobre a previsão orçamentaria.

"Pela fórma por que se estendeu a anemia economica — escreve o dr. Camargo em sua mensagem — affligindo todos os paizes e affectando as finanças publicas e particulares, por muito previdentes e seguros que pudessemos ser, não escapariamos dos seus effeitos. Entretanto, enquanto nas grandes praças nacionaes os desastres commerciaes avultaram, em nossa capital, no decorrer do ultimo anno, apenas se registraram 22 fallencias de commerciantes, isso mesmo de pequenas casas, de firmas que, provavelmente, não operavam com capitaes capazes de resistencia, mesmo em épocas normaes.

"O Thesouro estadual, deante da grave situação que culminou no segundo semestre do anno findo, quando a circulação monetaria se reduziu de modo assombroso, para evitar que os grandes serviços publicos fossem forçados a uma paralização prejudicial, foi obrigado a tomar medidas coherentes com o momento, restringindo despesas de serviços que não podiam ser suspensos e extinguindo outras referentes a obras de natureza adiaveis."

A ponte Ypiranga, na Estrada de Ferro do Paraná.

Prestigiada por 17 Unidades da Federação Brasileira.

Contrapondo-se á maioria das forças politicas do Paiz, surgiu a candidatura do illustre brasileiro sr. Getulio Vargas, Presidente do Rio Grande do Sul.

"O meu governo, embora mantendo absoluto apoio á candidatura nacional, assegurará, como lhe compete, em toda sua plenitude, a liberdade de voto."

A chapa Julio Prestes-Vital Soares foi sagrada, no Paraná, pela grande maioria dos eleitores.

*

Outro aspecto da linda capital paranaense, com o seu movimento caracteristico.

O pinheiro é uma das das grandes riquezas vegetaes do Paraná. Grandes extensões da terra paranaense encontram-se cobertas dessa linda arvore cuja coma, rica e serena, parece reflectir a privilegiada opulencia daquella unidade federativa. As florestas paranaenses offerecem as mais ricas e estimadas variedades de madeiras, desde as de construcção até as necessarias a obras de requinte e lavor artisticos. O governo Camargo tem amparado, com grande senso patriotico, a industria de madeiras naquelle Estado, incentivando a sua prosperidade e tomando medidas acautelatorias do reflorestamento das zonas devastadas pelo machado. O Congresso do Madeireiros, reunido em Curityba sob os auspicios do governo, marca uma brilhante etápa na vida economica do Paraná.

"Ao Syndicato de Madeiras do Brasil — salienta a mensagem — ora sob a presidencia do secretario da Fazenda, Industria e Commercio, foi em virtude de lei, confiado o mistér de organizar todos os serviços attinentes á defesa da madeira, o que está sendo feito com perfeita regularidade.

Por decreto n. 1.486, de 26 de agosto de 1929, foi baixado o regulamento da madeira, pelo qual ficaram determinadas as épocas proprias do córte do pinho, e estabelecidas as classes e bitolas da madeira serrada de modo a uniformizar os typos para a exportação."

*

CURITYBA, situada em um bellissimo planalto, é uma das mais adeantadas e prosperas cidades do Brasil. De clima admiravel, que se approxima dos mais estimados climas europeus, a capital paranaense offerece esplendidas perspectivas para a attracção de turistas e colonos estrangeiros. Os seus arredores, de uma belleza muito suggestiva, offerecem aspectos extremamente caracteristicos, com as suas colonias prosperas e bem tratadas, que dão uma idéa precisa da propria riqueza da terra paranaense. Curityba tem passado por consideraveis melhoramentos sob a administração Camargo, cujas vistas se têm voltado, para ella, de maneira carinhosa e fecunda. Os serviços publicos experimentaram reformas e bemfeitorias que os transformaram beneficamente, de accordo com a propria evolução material e cultural da cidade.

O Paraná pittoresco. Vista panoramica da praia da ilha do Mel.

GLYCINIAS

38 gráos á sombra. Calor de janeiro no mez de março. Temperatura escaldante. Enervamento. E eu pensando em ti, e olhando o sol, que queima a lombada vermelha daquelle predio que me espia. E sentindo, aqui dentro, nesta sala de redacção, o fogo do verão.

Ao mesmo tempo, me lembro que talvez não pudesse resistir á temperatura da tua presença, si estivesses aqui, com o inflammavel do teu amor, perto do fogo do meu coração... Imagino o que seria de mim si ao thermometro que indica a temperatura se viesse juntar, neste fim de verão ardente, marcando tambem 38 gráos á sombra, o thermometro da tua luminosa mocidade...

FILIGRANAS

O calor ainda não quiz ir embora. Está resistente e teimoso. Devia retirar-se com as eleições e ficou. Devia dar o fóra com o carnaval e continua. Espera-se agora que parta com a quaresma. Si o verão se prolonga e forte como tem sido, é o caso de affirmar como aquelle estrangeiro maldoso que, no Rio de Janeiro, ha seis mezes de calor e seis mezes de verão...

Ufa!...

«A HORA DO CAFÉ»

Acaba de ser instituida em Nova York, nos escriptorios da American & Foreign Power Company, a «hora do café», expressiva e intelligente propaganda do nosso paiz, que mereceu o apoio não só do consul geral do Brasil, mas tambem de toda a colonia brasileira naquella cidade. Os dois aspectos photographicos desta pagina fixam detalhes da primeira «hora do café», que se revestiu de grande brilhantismo e foi presidida pelo representante consular do Brasil em Nova York.

Enlace da senhorita Maria de Lourdes Passalacqua com o sr. Edgard Frota, realizado em São Paulo.

POEMAS DA DÔR SOLITARIA

MAURA DE SENNA PEREIRA

Da Religiosa Concentração

Não perturbes agora o meu pensamento, não me fales agora. Deixa-me na companhia dolorosa da minha alma. Este instante é para os meus mortos...

Sabes? Para aquelles que tiveram nas veias o meu sangue e o meu sonho e que viveram no meu lar, pertinho de mim, as horas de ouro que esta hora de dôr está resuscitando...

Sabes? Para aquelles que fecharam para sempre os olhos á inquietação deliciosa da vida e que moram agora num pequenino canteiro onde as violetas sonham na sua humildade azul...

Não perturbes agora o meu pensamento, não fales, não rias, não soluces. Eu quero estar na companhia dolorosa da minha alma. Este instante é para os meus mortos...

A Suggestão do Silencio

Neste grande momento, em que a paz atravessa o meu espirito e dá um beijo de consolo ás ramarias de dôr que cresceram nelle, tanto! tanto! que nem sei — sabes de que me lembro?

Neste grande momento, em que a minha alma triste e orgulhosa soluça o seu proprio descanso e estranha o seu proprio silencio — sabes de que me lembro?

Neste grande momento, em que não ouço os murmurios dos fios de agua do desengano que têm percorrido a terra das minhas horas — sabes de que me lembro?

Neste grande momento, em que uma sombra parecida com a do cypreste amortalha todas as minhas saudades — sabes de que me lembro?

Eu me lembro da Morte.

Enlace da senhorita Maria Novis Dias com o dr. Aloysio Vaz Dias, celebrado nesta capital.

Yvonne, a linda filhinha do sr. Luis Macina, tambem festejou Momo e fez um successo com a sua «fantasia»...

Fantasiada de «Arvore de Natal», a galante menina Neyla, filhinha do sr. Alfredo Leal V. da Costa e da nossa illustre collaboradora sra. Heloisa do Amaral Leal da Costa (Yára do Rio), fez um grande successo em Petropolis, durante o ultimo carnaval. Neyla apparece ahi entre suas amiguinhas Celina e Lucia Siqueira.

Maria Apparecida, filhinha do sr. Pedro de Oliveira e de d. Maria Teixeira de Oliveira, de Rio Claro.

Ecos do Carnaval

Um «gatinho» que só mostrou as unhas no carnaval...

Fernando e Yeda, filhos do casal Paulo Sete Pereira, e Lucia, filhinha do dr. Adimo Maciel Xavier. Tres foliões decididos do carnaval de 1930.

Fingindo de bailarina...

O verbo dizer tem consequencias perigosas. Todos os grandes acontecimentos do mundo geraram-se na essencia desse movimento grammatical. E na vida, sob todos os aspectos, o verbo dizer exerce um poder dictatorial.

As intrigas amorosas vivem do *eu digo*.

As pequenas perfidias sociaes incrustam-se no *disseram* como uma perola num casco de ostra.

E até as grandes homenagens feitas á virtude, ao talento e á belleza vão pedir ao verbo dizer o prestigio necessario aos seus enthusiasmos.

Ha creaturas victimas da acção deste verbo terrivel.

Tudo o que se falla está preso á intriga desse verbo tão irregular e anomalo como as lendas que se inventam á sua custa.

Eu nasci para ouvir dizer confidencias, desgraças, bellezas e vilipendios, todas as historias da humanidade.

E, depois de soffrer o castigo de as ouvir, accusam-me com o ultraje de as ter proferido por vingança e maldade...

Realmente, eu soffro uma contingencia singular...

Não fallo. Escuto... Ás vezes, sou bondosa... perdôo aos meus semelhantes as fraquezas dos seus instinctos... Até procuro harmonizar os dissidios que encontro á margem da vida... Mas tudo é esforço vão. Passados alguns tempos, aquelles que me confidenciam as suas desditas, as suas taras, os seus desvairamentos, revoltam-se contra mim e me ferem sem piedade com o inelutavel: *você disse que...* e segue a sarabanda de coisas que eu não disse por horror de dizer e que tenho dito tacitamente por prazer de discreção...

Dizer... Arte delicada que envolve tramas tão subtis... Dizer é bom... Não dizer ainda é melhor...

Ser dictriz é uma profissão meio abandonada no Rio, desde que Angela Vargas se foi para Paris envolta numa poalha cinzenta de tédio. Só Angela foi uma dizedora eminente, entre nós.

E hoje, quando eu atravessava a Praia de Botafogo, numa hora violeta de crepusculo, revolvendo na imaginação as crises de *disseram* que me crucificam agora, recordei a figura de Angela, tão lyrial e tão doce.

Ah, naquelle recanto de praia luminosa, quantas vezes nos reunimos, nós todos os espirituaes, os literatos, á volta de Angela Vargas... E nos photographamos, e nos dissemos palavras gentis, e nos fallámos em livros, em peças theatraes, em artistas gloriosos...

Fôra Angela Vargas que nos ensinara, por sua bocca admiravel, a amar e comprehender os nossos poetas.

Ella sabia dizer com a emoção de uma predestinada. E nos fazia sentir a sua scentelha de psychée estranha.

Tambem Angela, a grande dictriz, fôra victima imbelle do *disseram*.

Ella partiu sem dizer adeus.

E os que ficaram, na ansia de devassar-lhe a vida, entraram a dizer as coisas que se dizem por amor do ouvir dizer...

Angela, dizendo estrophes de belleza regia, fôra uma dizedora inimitavel no Brasil.

As outras creaturas que aqui ficaram a dizer, nem sabem o que dizem dellas proprias, de Angela, de mim, de toda a gente...

Dizer... Verbo cruel... Tu precisas fazer um exame de consciencia nesta época de quaresma e de jejuns...

Dize, por força de officio, aos meus amigos todos que eu nada digo, porque não tenho nada a dizer...

Um grupo galante que, sob o «commando» da senhorita Leza Araujo muito realce deu ao carnaval em S. Paulo.

Sete carnavalescas do Rio... que pintaram o sete, em homenagem a Momo...

Phrases soltas do corso:
— Que pena que o triduo de Momo dure apenas tres dias!
E a outra:
— Ah, si um triduo tivesse quatro dias!

FILIGRANAS

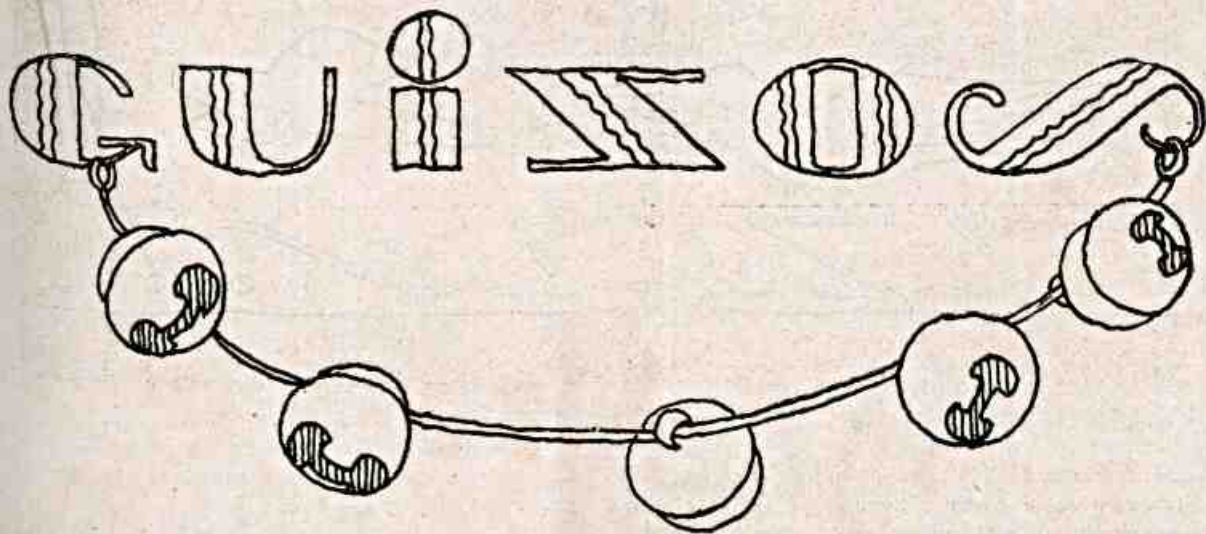
Os politicos, como occupam accidentalmente as posições, estão convencidos de que são elles que governam os povos. Esquecem por isso os homens de espirito, sobretudo os jornalistas e homens de lettras, os quaes, em verdade, são os que exercem a effectiva governação dos paizes. Porque elles criam, orientam, desviam as correntes da opinião publica. E a gloria do que escrevem não é passageira, fugaz, qual a dos politicos, porém perdura através de muitas gerações. Convencidos disso, os estadistas de genio sabem cercar-se de escriptores que preparem sua fama para a posteridade. A's vezes, a sua maior grandeza foi somente essa...

FILIGRANAS

O carnaval passou. Felizmente. O ribombo dos zabumbas, o guincho dos cornetins, os silvos dos apitos, os ganidos das gaitas e o estrugir dos maracás barbaros já se apagou até dos meus ouvidos, onde a memoria os conservou longos dias... Festa selvagem, orgiaca, popular, sem a menor linha, ella derramou a loucura pela cidade inteira e a transformou numa Babylonia nos dias das commemorações pagãs. Detesto no carnaval o indice dos grosseiros instinctos da plebe que elle exhibe a nú. Detesto no carnaval sua origem soez, do fundo das civilizações, epoca de escravos e servos tirarem a desforra...

A *PRUDENCIA*

A prudencia põe um obstaculo á impetuosidade natural do caracter; e, quando a razão reflecte longamente sobre as vantagens e desvantagens das cousas, inclina-se sempre para o bem e rejeita o mal.

Quatro figuras de carnaval que podiam ser pintadas por Gdeuze, o fixador das silhuetas fidalgas.

MARTYROLOGIO

Idéas, idéas...

Como é possivel tel-as, accusando o thermometro 38 gráos, dias seguidos, escaldando, queimando, torturando?

Ah! bemaventurados os que podem sorrir lá do alto das serras, em meio das hortensias, puxando á noite o cobertor para agazalho do corpo!

Que gente feliz, sadia de corpo e alma, locomovendo-se com desenvoltura, de bom humor sempre, para a hora do chá, isto e mais aquillo...

E nós, obreiros de todas as horas, curvados ao peso do trabalho que não cessa, fantasiando, manipulando o pão do espirito para as creaturas felizes que nos lazeres, nos momentos de ocio, carecem de leitura para matar o tempo...

Realmente, o mundo não está mal feito, e que seria da vida si ella fosse pautada numa só escala, o mesmismo, e calor, calor?

E si não é possivel ter idéas, força se torna escrevermos sem ellas, olhando para o thermometro com a esperança de que o mesmo desça...

OUTROS TEMPOS

A decadencia do Theatro e a do romance, ninguem mais contesta.

O theatro foi vencido pelo cinema, pois o publico prefere mais admirar o engenho dos artistas da téla, do que os do palco.

Até mesmo o drama lyrico falliu, e a Italia, seu berço, preoccupa-se actualmente em revivel-o.

O romance, como expressão literaria, destinada a retratar a sociedade, o meio, através da visão pessoal do escriptor, perdeu o seu encanto e a sua razão de ser, deante da desordem social dos nossos dias, despidos de poesia.

A vida vertiginosa, suffocada pelo utilitarismo torpe de todas as coisas, não permitte pensar, acalentar sonhos.

A brutalidade domina, eis tudo!

Que loucura seria a gente admittir a possibilidade do apparecimento de um Molière ou de um Balzac, como si a existencia actual comportasse, no seu scenario, figuras de tão imponentes estaturas!

Vamos sambar...

FUNCCIONARIAS...

Uma das provincias do Canadá cogita afastar de todos os empregos publicos as senhoras casadas que não tenham quem dellas defenda.

Nenhum emprego será dado ás mulheres casadas cujos maridos tenham com que ganhar a vida.

Não se trata de medida arbitraria, com o fim de hostilizar a mulher, incompatibilizando-a para o exercicio das funcções publicas.

Existem por lá sensivel falta de trabalho, e o legislador pensa corrigir o mal, pela exclusão das mulheres casadas que não necessitem de trabalhar, mas que, por sport, são pensionistas do Thesouro do Estado.

Nós, dentro em pouco, teremos necessidade de agir no mesmo sentido.

Actualmente, o homem luta para arranjar um emprego publico, o mesmo não acontecendo com a mulher, que o conquista facilmente.

Já chama attenção o vulto do elemento feminino nas repartições, onde os homens vão sendo minoria.

Com isto, parece que o serviço não ganhou em efficiencia, mas as repartições melhoraram de aspecto...

Ao lado dos empregados de casacos surrados, physionomia triste, denotando bolso vazio e cabeça atormentada pela canção dos credores, apparecem as funccionarias de vestidos de séda, pintadinhas, unhas brunidas, ar feliz de gente despreoccupada.

Quando se accentuar a crise de emprego para o homem, pelo lado de cá, não haverá outro remedio senão adoptar uma leisinha semelhante á do Canadá...

TREM DE PASSEIO...

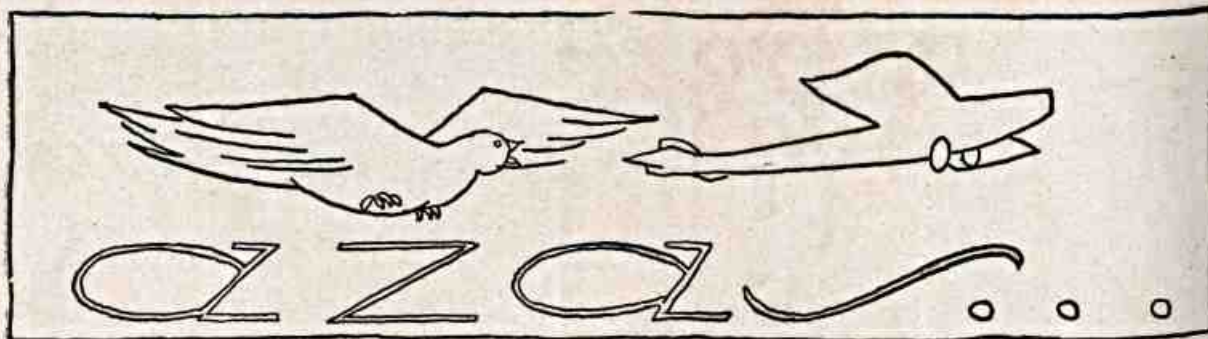
O desastre da Estrada de Ferro Therezopolis não só contristou os corações bem formados, pelo numero elevado de vidas preciosas que se perderam, como incutiu pavor, revelando o estado lastimavel da linha e do material rodante.

Viajar até a linda cidade de verão, constitue um acto de verdadeiro heroismo, pois o minimo que póde acontecer é despenhar o trem, serra abaixo...

Meditava justamente em taes horrores, quando os meus olhos deram com um aviso da Estrada, prevenindo ao respeitavel publico que o trem de passeio numero tal, que partia de Mauá ás tantas horas, não estava mais sujeito a baldeação, na serra.

Aviso interessante!

Trem de passeio... Só si fôr para o outro mundo...

MARION

Não sei, já não me lembro qual foi o philosopho que escreveu que "a verdade é um attentado ao pudor feminino." Não sei, nem mais quero saber quem o irreverente que, de modo tão pouco gentil, disse coisa tão linda e, pour cause... tão verdadeira.

* * *

Meu amor, vem commigo. Senta-te aqui, a meu lado. Assim... Prende ás minhas, enlaçando-as fortemente, tuas mãozinhas queridas e cheirosas, tão pequeninas e tão macias, que parecem duas petalas de rosa. Agora, avec tes **yeux aimés, perdant posmi les miens** *olha-me serenamente e, serenamente, dize-me:*

— Amas-me?

— Amo-te.

— Muito?

— Muito.

— Para sempre?

— Para a vida e para a morte...

— Meu amor, tu és a "adorada", e tambem todo o sentido, toda a razão de ser da minha vida...

— E a razão de ser da tua vida é...

— A illusão do teu amor.

— A illusão? Então, não crês no meu amor?

— Se creio! De todo meu coração, com toda a fé da minha exaltação...

— E por que dizes "illusão do meu amor"?

— Porque não é a verdade — nem a realidade — quem dá, quem semeia a felicidade na vida. E tu és a minha felicidade...

— E quem é que semeia a felicidade, não me dirás?...

Notavel mestre do direito, educador proficiente e querido de varias gerações da sua mocidade estudiosa, acaba de perder o Ceará, com o recente fallecimento do dr. Antonio Augusto de Vasconcellos. O vulto venerando que, ha pouco, desappareceu do scenario da vida, era uma das mais vigorosas affirmações da mentalidade e da cultura de sua terra natal e tambem da bondade da nobre gente daquelle rincão nordestino. Professor cathedratico da Faculdade de Direito e da extincta Escola Militar do Ceará, o dr. Antonio Augusto de Vasconcellos durante muitos annos militou na politica local, sendo eleito varias vezes deputado á Assembléa Legislativa do Estado. Como orador, de palavra fluente e phrase lapidar, deixou renome na tribuna cearense. Creou e educou uma familia numerosa e distincta, deixando formados e em posição de destaque social todos os seus filhos, entre os quaes, além do grande escriptor já fallecido, que foi Carlos de Vasconcellos, o desembargador Abner de Vasconcellos, illustre membro da magistratura cearense, o dr. Arthur de Vasconcellos, medico notavel, nesta capital, e os drs. Nilo, Jayme, Cesar e Waldo de Vasconcellos, conceituados advogados, tambem aqui residentes.

— Sim, dir-te-ei: a illusão que se possa fazer da verdade, o sentido de magia e de encantamento que se dê á propria vida.

— Tu não me amas...

— Adoro-te. E toda adoração envolve uma expressão de mysticismo, de coisa que só é verdadeira lá, no alto, no céo azul e infinito.

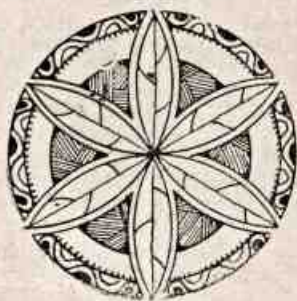
— Preferia que me amasses... em peccado...

— Em peccado? Agora sou eu que não te comprehendo... Que queres dizer?

— Nada. Não sei... Não sou nenhuma santa e só as santas devem ser adoradas, mysticamente. Eu, eu... sou mulher e queria ser não a illusão mas a realidade do teu amor...

— Querida! Como te amo! Assim, assim mesmo é que te quero! Escuta: dá-me teus labios quentes. Escuta: tu és a terra fecunda e peccadora da séara loira, farfalhante de beijos, do meu amor. E tu és tambem o céo azul e puro do infinito desse amor que tem algo de divino, porque é e será eterno.

— Querido! Sim... Assim. Ama-me sempre assim, com a exaltação pagã do teu beijo fecundante e com a doçura, a suavidade mystica de tua idealidade!

ICARO.

Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

PANTHEISMO

O SOL

Todas as manhãs, quando me levanto da minha noite de somno ou do meu seculo de insomnia, abro amplamente a janella do meu quarto e deixo-me innundar pela santa claridade do dia.

No fundo do meu ser, existe um atavismo mysterioso que me obriga a um culto solar. Contemplo a luz radiosa que enche o mundo e lhe dá vida; e, embevecido, murmuro um velho hymno do oriente:

"Os homens chaman-te Sol, mas eu não tenho coragem de te dar um nome, Senhor da Eternidade, tu que és mais poderoso do que qualquer nome! Salve, ó Senhor de muitas faces, por milhares e milhares de annos, salvé!"

O VENTO

Amo profundamente o vento, fecundante respiração da natureza. Elle acorda na minha alma o espirito de antigos ascendentes que f ô r a m aventureiros do mar e ao seu balanço escreveram os poemas da força e da bravura.

A' face da terra, é o vento quem me dá a mais completa sensação da liberdade. Elle recorda-me a palavra dos velhos livros quando nos falam do espirito de Deus boiando sobre as aguas. E os tibetanos o denominam com grande propriedade:

"Fremito do espaço."

Amo profundamente as caricias de seda desse fremito da immensidade...

O MAR

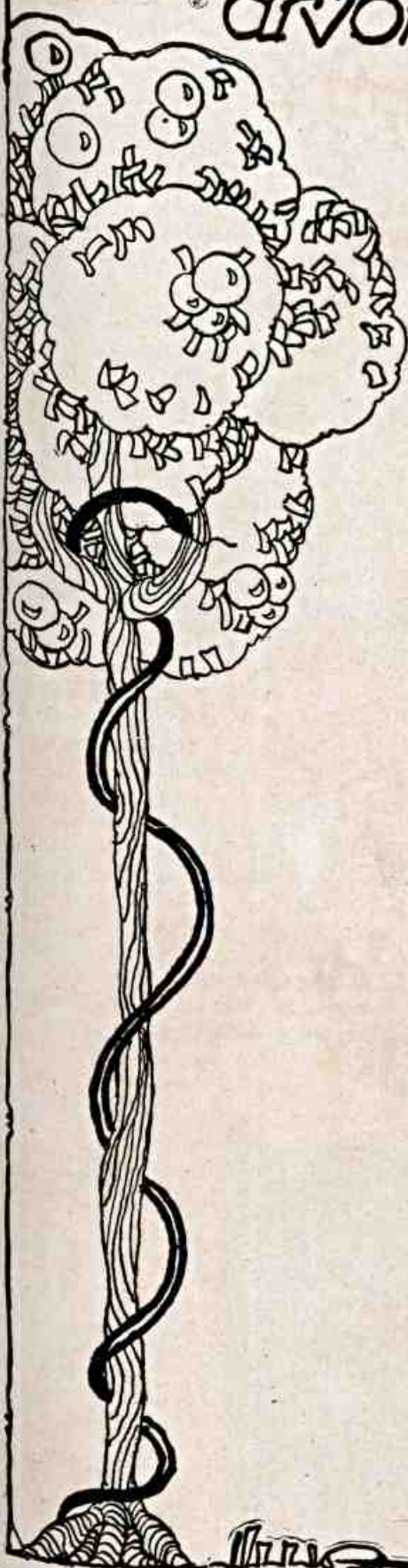
Cambiante nos aspectos, nas côres, nas atitudes, o oceano glauco reflecte o céo e, ás vezes, não reflecte mais do que elle proprio. Indifferente e traiçoeiro, liga os povos que parece separar e une a terra que parece desunir. Devorador de existencias e de riquezas, é a maior fonte de thesouros e o maior laboratorio do mundo. Paradoxal em tudo, é feminino em quasi todas as linguas. O sentir dos povos vio no seu caracter a feminilidade. O mar é mulher. E esta é "perfida como a onda", escreveu Shakespeare.

Amo o mar como amo a mulher. Apesar da perfidia.

O AMOR

E' impossivel definir o amor. Ninguem nunca o conseguio e ninguem jamais o conseguirá. Nem mesmo aquelles que mais profundamente o tenham sentido. O amor é indefinivel. E quem melhor o exprimio foi o poeta asiatico que compôz esta surata:

"Quando nada existia, o Amor sosinho existia. Quando nada mais existir, o Amor sosinho existirá."

Amor, fim e começo de tudo!

SORRINDO...

Entre amigas.

— Que collar mais lindo! Quanto te custou?

— Pouca cousa. Tres ataques de nervos.

*

A mãe. — Já te prohibi de ires á casa do Ernesto. Elle é muito mal educado.

O menino. — Por isso mesmo, o convidei para vir á minha casa. Eu sou muito bem educado.

*

— Você assegura que seu criado não mente nunca, não é assim?

— Exactamente.

— Pois elle assegura que você é um homem sem caracter.

*

— Vejo, Francisquinho, que tua irmãzinha tem a maçã menor. Déste-lhe a escolher? — perguntou a mãe.

— Sim, mamãe. Disse-lhe que podia ficar com a menor ou sem nenhuma, e ella escolheu a menor — respondeu o filho.

*

— Mas, como Andréa está custando a se curar dos nervos!

— E' que, quando se cura, o medico lhe apresenta a conta, e ella tem novo ataque...

*

O dono da casa (ao visitante)

— Vê este retrato? E' de um dos meus antepassados. Comprei-o em um leilão.

O visitante. — Sim, já o vi. Eu tambem estava no leilão. E, si tivesse dinheiro sufficiente na occasião, eu é que o teria arrematado...

*

— Papae, cem mil réis é muito dinheiro?

— Conforme, meu filho: é muito quando eu os ganho, e pouco quando tua mãe vae fazer compras...

*

Na gare da Central, antes de sahir o rapido paulista.

— Seu guarda, terei tempo de despedir-me de minha senhora?

— Depende...

— Depende de que?...

— Do tempo que levem de casados...

*

No circo.

O domador (ao empregado). — Mas, homem, tu deixaste outra vez a jaula do leão aberta! Qualquer dia destes, nos roubam tranquillamente...

*

— Quando eu era actor theatral, bastava-me ler ao publico um menú de restaurante para commovêl-o até as lagrimas.

— Certamente, você lia apenas os preços...

*

A esposa (sentindo passos na escada, ás tres da madrugada). — E's tu, Raymundo?

O marido (com a voz fraca). — Temo que sim, querida...

*

No carcere.

O veterano. — Por quanto tempo vem, collega?

O novo encarcerado. — Por doze annos.

O veterano. — Bem: como estou por toda a vida, quero pedir-lhe que me ponha esta carta no correio, quando sahir.

*

— Está vendo aquelle senhor? Pois elle é professor de urbanidade em um asylo de surdos-mudos.

— E que demonios ensina elle aos asylados?

— Entre outras cousas, lhes ensina a não falar nunca com as mãos cheias.

*

— Acha que este cachorro poderá prestar bons serviços de vigilancia nocturna?

— Excellentes, senhor, excellentes. Ao menor signal de perigo, o senhor só terá o trabalho de despertál-o, e elle immediatamente se põe a ladrar...

*

— Que idéa a de Ambrosina! Foi consultar um astrologo hindú sobre a época mais apropriada para se casar.

— E que lhe disse o astrologo?

— Olhou-lhe a cara, e a aconselhou a agarrar pelos cabellos a primeira opportunidade...

*

O patrão. — Que te disse o Luiz, quando lhe apresentaste a conta?

O empregado. — Disse-me que, si eu voltasse a amolál-o, em sua casa, elle me receberia a pontapés e depois me atiraria pela janella.

O patrão. — Disse isso? Pois volta immediatamente á casa delle, e lhe dize de minha parte que eu não tenho medo de suas bravatas...

*

— Sem duvida alguma, a mulher é mais formosa do que o homem.

— Naturalmente.

— Não: artificialmente...

PAIZAGEM CEARENSE

O açude de Canna Brava, na serra de Baturité, linda propriedade do distincto cavalheiro Joaquim Torcapio.

MUSICA PARA O SEU CANTO

Lys d'Orleans.

Primeiramente vieram dizer-me horrores de você!... Nem o ouso repetir!... Mas eu não pude crer!... Quem, você, com essa altivez sublime, com esse caracter superior que deslumbrou a minh'alma desde os primeiros annos de adolescencia, você ter pensamento mesquinho, um sentimento tão pobre? Você, moço moreno? Impossivel!... E eu não pude crer!... E ainda mais o quiz. Porque tive pena de você, que, por ignorar uma traição tão tremenda, não podia defender-se da accusação injusta!... Tive pena de você e a minha admiração cresceu!... Era você invejado! Eis a verdade. E por isso, por verem-no, moço, talentoso e bom, tramavam contra você! Mas ao invez da humilhação, do desprezo, você foi mais amado! Era mais uma gloria!...

Hoje, nova denuncia! "Que emquanto eu assistia, triste, ao brinquedo dos outros, você se divertia á grande!... Dançava e cantava! Parecia até que tinha perdido o juizo"... — Mentiram-me novamente! Você, o diplomata culto, com essa altivez admiravel, brincar, dançar, cantar pelas avenidas inundadas de confetti e serpentinas, embora fosse carnaval?!!...

Bem, dessa vez eu não descreio... apesar de não poder imaginal-o senão com a sua «pose» nobre na elegancia da casaca ou no fardão de embaixador, que você vestirá futuramente!... Emfim!... Pensa, porém, que me zanguei? Não! Você, mais que moço, intelligente, você é livre! Não tem compromisso algum que o impeça disto ou daquillo! Você póde brincar a seu bel prazer! Nada o impede, nem mesmo o meu coração, que chora de saudades suas!...

Além do mais, contentou-me immenso saber que se divertiu como um rapazinho qualquer, o diplomata nato!...

Primeiramente, porque o julgava muito sizudo e até me dava medo!... Depois, porque, com esse gesto tão commum, pueril mesmo, você desfez a grande mentira (basta que eu só o saiba), com que iniciaram a campanha contra você!

E você sorriu tanto! Você dançou, dançou!... Fez bem, sabe? Você tem bom genio! Estou radiante! Dançou, sorriu, brincou e cantou tambem! Você cantou! Que pena que não o houvesse visto, ou por outra, não o tivesse escutado! Você cantou! Se a sua voz, que fala apenas, em uma conversação qualquer á meia voz, é já, pelo timbre educado, uma surdina de Chopin, imagino que maravilhoso deve ser o seu canto! Você cantou! Foi porque estava muito feliz ou por parecel-o, hein?...

Sabe-se lá o que se passa em cada alma!... Você cantou! Que linda deve ser a sua voz, tenor do meu sonho!

Venha cantar para eu ouvir, moço moreno!

FILIGRANAS

Em geral, os homens gostam de metter á bulha as mulheres que escrevem, como si escrever fôsse privativo do sexo masculino. Não penso assim. Considero, do ponto de vista das manifestações de intelligencia as mulheres absolutamente iguaes aos homens.

Entretanto... a mulher, feita para amar

Senhoritas que tomaram parte na «kermesse» realizada em Jacarépaguá, em beneficio do Centro de Assistencia Medico-Cirurgica Regional daquella localidade, vendendo flores na «Barraca das Accacias».

e ser amada perde de certo modo, tornando-se autora. Um critico francez declara que ella põe de parte seu maior encanto, que era pertencer a um só, para passar a ser de todos os que a lisonjeiam e admiram...

Não sei si o critico a que me refiro terá razão de todo ou somente em parte... Não sei...

BANHOS E BANHISTAS

De Astaroth

A terra Carioca, este canto lindo creado por Estacio de Sá, aberto ao mundo por D. João VI, saneado por Oswaldo Cruz e embellezado por Pereira Passos e Antonio Prado, merece ainda uma cousa que lhe faz falta.

Cidade situada á beira-mar, debruçando-se sobre a mais bella das bahias do mundo, o Rio de Janeiro não tem balnearios.

O unico que possúe, situado a muitos kilometros do centro urbano, é construido sobre uma praia de pequenas dimensões e possúe quartos subterraneos para a mudança de roupas, quartos situados sob a camada de cimento e asphalto da rua.

Antigamente, o Rio possuia verdadeiras praias na Guanabara, como, por exemplo, o Boqueirão do Passeio e o Flamengo, praias longas, onde havia estabelecimentos balnearios.

Esses estabelecimentos eram sordidos e velhos barracões, aliás dignos da cidade colonial que o Rio foi até 1905; mas nelles o carioca achava quartos para mudar a roupa e não havia ninguem que fosse obrigado a andar kilometros, em roupa de banho, pelas ruas de uma cidade civilizada.

A civilização e o progresso acabaram com as praias naturaes que havia no Rio, e os caes, avançando mar a dentro, trocaram as areias limpidas de Santa Luzia, Boqueirão, Flamengo, etc, por *quebra-mares* de lagedos hoje negros e cobertos de mariscos.

Não mais se vê a curva branca, de fina areia, que cercava os bairros littoraneos da Guanabara.

No emtanto, fazer praias é muito mais facil do que fazer caes; a natureza vae aos poucos creando de novo a praia do Flamengo, graças ao rio que nella desembóca.

Porque não refazer com a mão do homem as praias que a mão do homem destruiu?

Em uma cidade á qual queremos fazer um centro de turismo, em uma cidade que possúe a seus pés uma das mais bellas bahias do mundo, é uma falta imperdoavel a ausencia de praias.

Temos Copabacana, Leme, Leblon mas... tão longe do centro urbano! Além disso, essas praias sobre o Oceano Atlantico não são a mesma cousa que as nossas antigas praias da Guanabara.

Alli ha o perigo do mar grosso, sempre agitado e sempre traiçoeiro, não sendo poucas as vidas preciosas que tem roubado; dentro da Guanabara ha menos perigo e mar menos agitado.

Não temos balnearios, nós, habitantes de uma cidade situada debaixo do trópico, de uma cidade moderna, capital de um paiz novo! Somos obrigados a tomar banhos de mar sobre lagedos cobertos de mariscos e ostras em lugares improprios como a antiga praia de Santa Luzia e Ponta do Calabouço!

Somos obrigados a andar kilometros, semi-nús, em roupa de banho, pelas ruas da cidade, porque não possuimos balnearios onde, a trôco de dinheiro, possamos mudar as roupas!

Somos forçados a patentear, aos olhos espantados dos estrangeiros civilizados, um espectaculo desconhecido para elles, — o trajecto pelas ruas, de gente semi-núa!

Somos obrigados a fechar os olhos aos abusos das pessoas impudicas e indecentes que têm garbo em mostrar publicamente, á luz do sol, os seus dotes plasticos de Venus e Adonis suburbanos.

A policia, por sua vez fecha os olhos a esses escandalos e raramente, e durante um espaço de tempo diminuto, fiscaliza o uso dos roupões.

Ha pouco tempo, vimos, na rua do Cattete, ás cinco horas da tarde, um mancebo que lia um dos jornaes da tarde, encostado a um poste, vestido unicamente com a camisa e o calção de banho!

Os policiaes passavam e repassavam nas plataformas dos bondes e.... seguiam o seu destino.

Quando, porém, um estrangeiro qualquer, vae para a sua terra dizer verdades como essa nós, açulados por um patriotismo ultra jacobino, esbravejamos atacados de xenophobia.

Isso porque vivemos a esperar que elles, os estrangeiros, apontem os nossos defeitos para depois agirmos.

Somos indolentes, não gostamos de nos amofinar com essas pequenas cousas e para isso fazemos o possivel para achal-as naturaes e até originaes.

Imaginemos a trabalheira infernal da policia, a evitar que as almofadinhas e melindrosas andem a exhibir suas bellezas em roupas de banho pelas ruas!

Como se arranjariam os pobres policiaes para impedir que a gente "chic" continúe a fazer semelhantes exhibições?

Analysado friamente o trabalho dos policiaes, teremos por conclusão a certeza de que assim como está é que está certo.

Lógo... fiquemos na indolencia, façamos como o Jéca do caso que vou contar.

Um viajante, que vinha de uma faz lida para a "gare" de uma estação do interior, trazia, sobre o animal em que montava, duas mallas que vinham difficultando a sua marcha; ao passar por uma palhoça, viu, assentado sobre o calcanhar e fumando, um jéca.

— Olá, amigo! Bôa tarde.

— Bâs tarde!

— Você está occupado?

— Nhôr, não.

— Você quererá ganhar cinco mil reis?

— Tarveis...

— Leve-me esta mala até a estação da estrada de ferro.

O matuto olhou para a mala, coçou a barba e, virando-se para o interior da palhoça, chamou:

— Barbina!

— Qui é? — disse uma voz de minina.

— Nois tem feijão ahi?

— Têmo.

— E farinha?

— Tombem.

— E carne secca?

— Um cadinho.

O jéca acomodou-se novamente no calcanhar e respondeu ao viajante:

— Não quero seus cinco mil reis, nhôr não.

UMA NOITE FUNEBRE (conclusão)

dei accordo de mim, quando avistei a villa. A primeira coisa que me feriu a vista, foi a minha mão esquerda, que estava toda salpicada d'um liquido viscoso, côr de sangue estragado. Por uns instantes acreditei que me havia batido com fantasmas. Depois, lembrei-me do vaso quebrado. Devia ter cahido com a mão no liquido espalhado, que se tornou espesso pelo tempo. A sensação, alterada pelo medo, foi, sem duvida, o que me perturbou o espirito, fazendo-me acreditar n'um perigo de morte.

"Finalmente, acrescentou meu companheiro, suspirando, o mais esperto dos homens não póde jurar que possa em qualquer circumstancia ser senhor de si. Pois a machina humana, tão resistente, em dados momentos, é, em certos outros, a propria fragilidade. *Booh! menschlich dummheit!*

Eterna canção...

Por velho principio não gosto, em absoluto, de escrever sobre as mulheres.

A primeira vez que me abalancei a isso, fazendo, aliás, vagas referencias, leves commentarios, sobre os cabellos curtos, fui de tal modo hostilizado, que resolvi, a bem da paz por que a humanidade anseia, metter a viola no sacco e aguardar o advento de melhores dias.

Lembro-me, porém, de que certa sirigaita, côco raspado por dentro e por fóra, virou-se para mim, indignada, e exclamou:

"Você é atrazado. Não *envolva-se* nisso, que é tempo perdido."

Corrigi mentalmente o pronome que a jovem, com toda a calma, expulsára do lugar competente, e fiquei a matutar na possivel relação existente entre a grammatica do senhor João Ribeiro e o *côco* devastado da illustre moça.

Como se vê, não era possivel lobrigar relação entre duas coisas tão antagonicas...

Renunciei, portanto, a fazer qualquer referencia á volubilidade da moda feminina, e sinto que, assim, perdi inexgottavel thema para os meus escriptos, mas ganhei um pouco de tranquillidade e de sympathia, coisas que se não desprezam.

E já não é pouco.

Outros, para conseguil-o, commettem maiores tolices. Tornam-se poetas, por exemplo, e haja cesta e paciencia de Yves para lhes render a classica homenagem.

Desembaraçados e ingenuos, lançam-se á industria de sonetos, soffregos, ansiosos. Depois... Depois é o que se sabe. Mãos delicadas devolvem ao industrial inhabil a mercadoria celebre, e o pobre homem fica horas inteiras sem atinar com a verdadeira causa do desastre...

Emfim, podia ser peor.

E que se consolem com o que por ahi dizem certos espiritos originaes: Que um mau poeta é e sempre foi mais supportavel que uma optima poetisa.

Aliás, para ser franco, e sem querer, nem de leve, ferir a sensibilidade das trovadoras, provincianas ou não, reconheço que uma poetisa póde ser perfeitamente legivel e, o que é melhor, capaz até de produzir bons versos.

O seu a seu dono.

Sejamos justos e tenhamos a serena coragem de lhes dar o que merecem.

Por minha parte, sem o menor constrangimento, seja onde fôr, a torto e a direito, vou dizendo que ellas são capazes de tudo que ha de bom neste mundo, neste e no outro, mesmo porque, segundo dizem, é muito mais agradavel o odio de Stalim e seus compadres, que simples antipathia de mulher...

DERMEVAL DE OLIVEIRA.

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÃO — E . . . DETESTAVEL

MARIDO SEM USO

Da Werner Bross

Cinema ELDORADO — Uma comedia alegre, com situações absolutamente inverosimeis, mas que n'essa inverosimilhança assenta o espirito das situações. Não estamos em frente d'um prodigio, mas o publico saiu claramente bem disposto d'uma exhibição que o obrigou a rir um bocadinho. Conrad Nagel que ultimamente se tem apresentado em trabalhos de maior alcance artistico, interpreta uma figura, que elle faz de brincadeira, tão abaixo se encontra das suas muitas possibilidades. May Mac Avoy, aquella figurinha de boneca que nunca d'isto passou, é que está no seu logar. Concluindo: é um filme alegre sem grande valor cinematographico.

Cotação — SOFFRIVEL

O CAPITÃO MATA-SETE

Da Pathé De Mille

Cinema IMPERIO — Dizem que a imaginação humana é a melhor imagem do infinito. Não tem limites. Esta comedia-drama da Pathé De Mille é, em questão de poder imaginativo qualquer cousa de original. Estamos em presença d'uma scena alegre. Os nossos olhos vão seguindo contentes o desenrolar dos quadros. De repente, encontramo-nos em pleno drama. Emoção intensa. Quando o coração está preso do momento dramatico, eis que caimos em deliciosa situação de comedia. Não é um filme; é uma montanha russa. A interpretação é perfeita. Carol é uma figurinha deliciosa, que sempre nos interessa e nos prende. Boa direcção e boa technica.

Cotação — BOM

ENTRE A LEI E O CORAÇÃO

Do Programma Serrador

Cinema PALACIO — Incontestavelmente Anny Ondra é uma das maiores artistas que hoje vivem nos *studios* europeus. Vale mais pelo seu talento do que pela sua belleza physica e sabe aproveitar das suas qualidades dramaticas muito para alem do que lhe podem ensinar os seus directores. Por isso mesmo, ella está um pouco acima d'este filme dramatico, cujo enredo é excessivamente vulgar e não lhe dá margem a trabalhos superiores. Em todo o caso, a scena do tribunal foi bem vivida, não só por Anny Ondra, como pelos seus companheiros. O momento é emotivo e o publico sente-o. A direcção, sem grandes relevos, é acceitavel. A parte technica fraca. Concluindo o arrasoado sobre este film que esteve na tela apenas tres ou quatro dias, accentuamos na

Cotação — SOFFRIVEL

4 GIGANTES DO BEM

CESSATYL - CALCEON - SYNOROL e DIGESTIVO EYER

CESSATYL — Cessa qualquer dôr em poucos minutos — infallivel contra os resfriados ou grippe.

CALCEON — a salvação dos dentes das creanças — fazendo passar todo o periodo da dentição sem molestias.

SYNOROL — a melhor pasta para dentes sendo formula do prof. *Dr. Frederico Eyer.*

DIGESTIVO EYER — o melhor remedio para o estomago — combatendo rapidamente as digestões difficeis e as dôres de estomago.

GRATIS — enviaremos amostras de qualquer desses preparados a quem mandar nome e endereço certo de 30 senhoras ou senhoritas da mesma localidade, para — CESSATYL — Caixa Postal 1751 — Rio.

LEIAM

Todas as Quartas-feiras

SELECTA

A RAINHA DA ARTE MUDA

Á VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAES

Um desengano

— Senhorita!... Senhorita!... Quer ouvir-me?

Malisa, acostumada aos galanteios dos moços desoccupados que enchem a rua, não se dignou voltar a cabeça.

— Senhorita... Ha tres dias que a sigo da fabrica a sua casa. Não mereço uma palavra? Um olhar pelo menos?

Ella se deteve, surprehendida, circumstancia que o outro aproveitou para se aproximar com o chapéo na mão. Elle era alto, bem trajado, sympathico de semblante e expressivo nas attitudes.

— Asseguro-lhe que ha tres dias que a sigo. Talvez a senhorita não o tenha notado. Anda sempre tão abstrahida... tão triste e pensativa...

Malisa sorriu. Involuntariamente, respondeu com bagatella á insinuação do desconhecido. E o idyllio teceu corôa de rosas, enlaçando os corações jovens plectoricos de ansias e illusões.

Dias depois, Malise soube que elle estava quasi a concluir o curso de direito. Em seguida, installaria seu escriptorio, e depois... Julgou ver um mundo de promessas nos olhos escuros e no sorriso de Edmundo. O que elle não expressou, rumorejou seu coração ebrio de felicidade. E Malisa viu-se vestida de branco, adornada de flores, embellecida pela emoção. Daria um adeus á fabrica, á pobreza de sua casa, á sua vida de triste abelhinha... A primavera voltou a brilhar deante de seus olhos doloridos pela insomnia e pelas lagrimas. E um céo de venturas apagou as nebulosas perspectivas de seu horizonte.

Uma tarde, em que, á porta de sua casa, trocava algumas palavras com Edmundo, foi surprehendida pelo pae. Malisa ficou desconcertada e não soube proferir uma palavra siquer. As lagrimas velaram-lhe os olhos. Conhecia o genio violento de seu pae e esperava a explosão de sua cólera. Passado o segundo de indecisão, penetrou na casa, deixando que os dois homens esclarecessem a situação.

Dez minutos depois, viu que Edmundo penetrava na sala de jantar. Sentiu vergonha de sua pobreza, de que o rapaz observasse a misára casa onde residiam e na qual sub-alugavam dois aposentos. E reparasse tambem no velho mobiliario, na humildade em que viviam. E receiou que houvesse qualquer exaltação entre Edmundo e seu pae, pobre estrangeiro sem educação, que se vestia ainda com os trajes trazidos de seu paiz vinte annos antes.

— Vem, Malisa... Este cavalheiro quer visitar a casa para conhecer-te. Concordei. Virá ver-te duas vezes por semana.

Dentro de uma hora, Malisa viu, com satisfação, que dois homens conversavam amistosamente.

— Para dar mais seriedade ás relações, preciso co-

de Sofia Espindola

nhecer seus paes — declarou o senhor José, pae de Malisa.

— Não ha inconveniente algum nisso.

— Pois no proximo domingo os convido a virem almoçar comnosco. Minha mulher é boa cozinheira, e sabe fazer uns pratos esquisitos.

No dia seguinte, Edmundo annunciou que seus paes acceitavam, muito satisfeitos, o convite.

— E vae trazel-os aqui? — perguntou Malisa, com desalento. Esta casa é tão velha... Os moveis estão tão usados...

— Oh! Que importa, minha querida? Meus paes adorarão tua belleza, tuas virtudes...

E chegou o domingo. Edmundo, com seus paes e mais dois irmãos, tiveram occasião de festejar as saborosas comidas preparadas pela dona da casa e o bom vinho escolhido pelo senhor José.

O dia transcorreu alegremente para toda a familia. Os paes de Malisa se multiplicavam em attenções para com seus futuros parentes, emquanto que o joven par, alheio a tudo em torno delle, desenhava planos para o porvir...

Desde aquelle dia, quasi todas as noites Edmundo, acompanhado ás vezes por seu pae, outras por seus irmãos, se sentava á mesa do senhor José, o qual, para apresental-a dignamente, se via obrigado a gastar as suas economias.

— Seja tudo por nossa filhinha... — costumava dizer a sua mulher. — Ella saberá recompensar-nos, quando fôr esposa de um doutor...

E, ao dizer isso, sorria contente, cruzando as mãos sobre o volumoso ventre.

Uma noite, após o jantar, o senhor José se julgou com o direito de perguntar a seu futuro genro qual era o endereço de sua residencia. Edmundo, depois de toda sorte de desculpas por seu imperdoavel esquecimento, deu um endereço, de que o senhor José se appressou a tomar nota.

— Pois no domingo iremos cedo a sua casa.

— Domingo? — perguntou Edmundo, contrariado.

— Tem algum compromisso?

— Não... não... Nesse caso, vão almoçar...

— Si isso é um convite, acceitamol-o de bom grado — disse o senhor José, alegremente.

Sabbado á noite, Edmundo se despediu, galante e amavel como sempre.

— Espero-os amanhã.

— Até então... — disse-lhe Malisa, sorrindo-lhe com doçura.

No dia seguinte, os paes de Malisa se vestiram com o seu melhor traje. Malisa gastou suas economias para comprar um vestido de seda bordado e um chapéo de palha. Estava radiante. A felicidade parecia abrir-

UM DESENGANADO

(Concluido)

lhe as portas de ouro para que por ellas entrasse com a esperança brilhando no fundo de seus olhos. Absorta em cem idéas differentes, chegou até a casa cujo endereço fôra dado por seu noivo. Era uma bella vivenda circumdada por jardins.

O senhor José apertou o botão da campainha, e appareceu um empregado.

— Somos os convidados de Edmundo — disse o pae de Malisa, amavelmente.

— Mas aqui não mora nenhum Edmundo.

— Como?!...

— Ha cinco mezes que a familia está na Europa. Não ha, portanto, ninguem para recebel-os — respondeu o porteiro, com insolencia.

— Mas... — objectou o senhor José, que não sahia de seu assombro.

— Já são tres familias, em menos de quatro mezes, que se apresentam aqui, convidadas por esse Edmundo. Algum individuo que não tem nada a fazer, com certeza... Ora... ora... Passem bem!

O senhor José resmungou palavras fortes em seu idioma patrio, mordendo os labios de raiva.

Ah! Si eu chegar a encontrar esse tratante! Miseravel! Enganar-nos assim!... E tu, para que choras agora? Vamos depressa para casa, si não queres que sobre ti descarregue toda a minha ira.

Quando Malisa se viu só no pequeno quarto que lhe servia de dormitorio, se poz a chorar mais copiosamente. Não lamentava a farça que aquelle homem havia representado, levando á sua casa amigos e mulheres como seus paes e irmãos. Nem tambem os commentarios ironicos que essas scenas de certo haviam provocado nos actores, seres mais vis que o homem que lhe mentiu amor, pois para ter uma boa mesa quasi todos os dias tinham representado seus indignos papeis. O que lamentava era, apenas, sua esperança fracassada, a enganosa visão de felicidade, a ficticia estrella que lhe assignalava um caminho cheio de flores, o desengano de deixar para sempre o rude trabalho da fabrica, de ter um lar feliz, filhos risonhos, talvez... Havia sonhado com um mundo impossivel, se julgou transformada na humilde aldeã que aguardava em sua choça o principe azul posto em seu caminho mais tarde pela fada madrinha... E, de repente, depois de subir tão alto, de ter tão perto de si o altar onde se consummariam as mais bellas realidades, o desengano a precipitara ao abysmo, onde, desilludida e chorosa, ora se achava á mercê da unica realidade da vida: a dôr...

A SOMBRA

— Tu, depois de tantos annos...

Sem soltar a mão que estreitava com calor contemplou com attenção carinhosa o semblante pallido e devastado do amigo da juventude.

— Mudei muito, João Carlos?

Antes de responder, o outro vacillou.

— E' evidente que não representas os vinte annos que tinhas ha quinze annos, Juliano — murmurou, com sorriso forçado. — Mas não creias que mudaste muito.

Juliano sorriu tristemente. Sua roupa surrada, seu ar de resignação melancólica revelavam o homem chegado ao humbral da miséria e da desesperança.

João Carlos notou-o logo. Ao segurar-lhe no braço, passou-lhe pela mente a imagem de um moço loiro, bonito, que ria sempre. E aquella imagem de dez annos antes era a daquelle velho prematuro, vestido modestamente, sobre cujos angustiados hombros a vida parecia pesar como uma montanha.

— Pobre Juliano! — pensou.

Puzeram-se a andar, rua acima, entre o estrépito do trafego, um pelo braço do outro.

— Onde estiveste todos estes annos? — perguntou Juliano.

— Em toda parte — respondeu o outro, vivamente.

Contou-lhe suas viagens, emquanto caminhavam entre as pessoas. Suas aventuras na Hespanha, nas Antilhas...

— Agora vim fundar um jornal no Rio — accrescentou, sorrindo. — e conto comtigo, que foste o jornalista mais brilhante de teu tempo, Juliano, meu amigo.

Nada queria perguntar-lhe. E palavra de si mesmo, de seus grandes projectos, de suas esperanças, adivinhando um drama obscuro e profundo na vida daquelle amigo da infancia, que de novo encontrava depois de dois lustros.

— Acompanhar-me-ás, não é verdade?

— Acompanhar-te-ei, João Carlos — disse o outro, esboçando um pallido sorriso.

— Magnifico! Vem jantar commigo. Explicar-te-ei como quero fazer meu jornal.

Entraram em um restaurante da avenida, cheio de gente e de musica.

Emquanto João Carlos falava sem cessar, Juliano escutava, abstrahido, a musica da orchestra, e sua alma ia longe...

* * *

— Aqui, installei as officinas do jornal, sabes?

Depois do jantar, haviam caminhado alguns quarteirões. Juliano, animado pelo vinho do restaurante, parecia outro. Sua pallidez havia desapparecido, e elle falava quasi alegremente.

Mas, ao ouvir as ultimas palavras de seu amigo e director, se deteve bruscamente e se tornou livido.

— Aqui? — balbuciou.

— Aqui mesmo. E' uma casa antiga, mas serve. Queres subir commigo?

Juliano, presa de estranha agitação, murmurou uma negativa.

— Agora, não... E' muito tarde... Tenho o que fazer...

Seu amigo olhou-o com curiosidade.

— Bem. Como queiras. Espero-te aqui, amanhã, ás dez da noite. Assim, começas a escrever-me uns artigos. O primeiro numero do jornal apparecerá na proxima segunda-feira. Não deixes de vir. Até amanhã...

Viu-o afastar-se pela rua deserta, abatido e triste.

— Que terá o pobre? — pensou comsigo, suspirando.

E entrou no velho edificio onde ficavam as officinas do novo jornal.

* * *

— Não escreveste nada ainda, Juliano?

João Carlos surgiu na porta, e contemplou, sorrindo, seu amigo, que, com o cotovelo apoiado á mesa, se achava em attitude meditativa.

— Estás doente?

— Não... Não... Estou perfeitamente... Deixa-me, que vou escrever.

A porta fechou-se. Juliano levantou-se de seu assento, e começou a passear pela sala, cujos unicos moveis eram duas cadeiras e uma mesa coberta de tinteiros, de lapiseiras, de laudas de papel em branco. Pela janella entreaberta, chegava apagadamente o rumor confuso da rua nocturna, o barulho dos automoveis, as conversações dos transeuntes.

Longo tempo esteve passeando pela sala, absorto em seu sonho. O sino de uma egreja proxima deu meia noite.

O homem estremeceu, vivamente. Deteve-se, e apoiou a fronte na parede descolorida. Seus labios sem sangue se moviam, mas nem uma palavra sahia delles, como si estivesse falando com uma sombra.

E a sombra estava ali.

"Laura! Laura!"

Os soluços roucos, desesperados, sacudiam-lhe o peito, e suas lagrimas gottejavam pelo descolorido papel celeste da sala.

Viu-a de novo, como outr'ora, ha dias de sete annos atraz, morena e risonha, sempre com uma canção nos labios, sempre com um raio de luz nos sombrios e amorosos olhos.

"Sete annos..."

Elle contava, então, vinte e oito annos, e ella, Laura, dezenove. Fôra o unico amor de sua existencia aquella moreninha que o amou tão pouco tempo.

"Laura..."

A sombra estava ali, com elle, na sala deserta. Elle tinha a impressão de escutar uma das canções que ella cantava, no passado dulcissimo e remoto...

Approximou-se da secretaria. Durante breve tempo esteve escrevendo com mão firme.

João Carlos ouviu um ruido dentro do compartimento proximo. Accorreu, aterrado, e ao penetrar na sala de seu redactor, viu este cahido sobre a mesa, com um revolver na destra convulsa. Um fio de sangue gottejava da face arrebentada, e gottejava sobre uma lauda, onde leu o seguinte:

"João Carlos:

"Nesta sala morei com ella. Aqui ella morreu, com o filho que nascia para morrer. Sua sombra veiu buscar-me, e eu vou com ella. Perdôa-me. Adeus! — Juliano".

H. P. BLOM[illegible]

Usae PEARS com regularidade... e uma pelle macia bem cuidada será a sua recompensa

PB/26/8

BOLAS PARA TOILETTES

Feitas do sabão transparente original e moldadas para caber na mão. São sabonetes extremamente refrescantes e proprios para climas quentes. Em tres tamanhos.

SABONETE PERFUMADO TRANSPARENTE

Em fôrma oval. Perfeitamente concentrado e de longa duração. Seu perfume é deliciosamente refrescante. Muito usado em climas quentes.

QUER GANHAR SEMPRE NA LOTERIA?

A Astrologia offerece-lhe hoje a RIQUEZA. Aproveite-a sem demora e conseguirá FORTUNA E FELICIDADE. Guiando-me pela data de nascimento de cada pessoa, descobrirei o modo seguro que, com minhas experiencias, todos podem ganhar na loteria, sem perder uma só vez.

Milhares de attestados provam as minhas palavras. Mande seu endereço e 500 réis em sellos, para enviar-lhe GRATIS «O SEGREDO DA FORTUNA». Remetta este aviso — Endereço: Sr. Prof. P. Tong. Calle Pozos 1369. Buenos-Aires — Republica Argentina — Cite-se esta Revista».

CONSEGUIU AFINAL — Venho por meio da presente fazer-vos conhecedor de que soffrendo ha tempos de uma TERRIVEL TOSSE, que apezar de ter usado para combatel-a diversos preparados, a nenhum destes cedia, fiz uso do

PEITORAL DE CAMBARA'

de SOUZA SOARES,

conseguindo, afinal, a cura radical com este milagroso preparado.

Santa Leopoldina, Novembro, 1910.

Vendemole Castellani.

(Firma reconhecida.)

O Peitoral de Cambará de Souza Soares, encontra-se á venda em toda parte.

ESPIRITO ALHEIO

O chefe. — O senhor está se fatigando passando em revista esses expedientes sem importancia. Não gosto dos trabalhos inuteis. Vamos ver: classifique-os por ordem alphabetica e atire-os ao fogo.

— Não tenhas receio. Estão falando do desarmamento.

A criada. — Lembra-se a patrôa o quanto se preoccupava em adquirir outro jarro igual ao da sala?

A patrôa. — Sim... e por que?

A criada. — Por nada... E' que não precisa mais se preoccupar por isso...

Ella. — Nada! Não m'o negues. Vi-te sahir do cabaret.

Elle. — Mas, minha filha, querias que eu passasse alli toda a noite?

Experiencia arriscada

De Douglas Newton

Contrabando de alcool! — Um interessante e divertido artigo para nossos jornaes! Sinto, porém, um calafrio pela espinha abaixo quando me recordo da occasião em que foi para mim, semelhante assumpto, mais do que um simples artigo de periodico...

Na verdade, fui colhel-o como materia para o meu diario, mas obtive-o tomando quasi parte na narração.

Partimos para uma agradavel praia tropical onde todas as cousas que nos rodeavam eram brilhantes e bellas. Tinhamos deixado atraz essa esteira de fogo, — as arenosas ilhas do oeste indiano, conhecidas por ilhas Bahamas, e que são chamadas, com razão, o Paraiso dos Contrabandistas.

Foi d'ahi que milhões de libras do liquido prohibido, grandemente ambicionado, passaram em contrabando para os Estados Unidos.

Diante de nós, muito fechada, estendia-se a bahia de Florida Coast, com suas centenas de pequeninas ilhas e enseadas, com suas arvores crestadas de sol. Uma formosa região, algum tanto desvalorisada pelo facto de encontrar-se infestada de guardas armados e astuciosos.

Elles tinham tambem as suas vistas voltadas para nós, bem sabiamos. Achava-me num barco comprido, rapido e forte, chamado *Hell-Cat*, carregado inteiramente de não sei quantas dezenas de centenas de dollares de whisky Bourbon, de whisky escossez e irlandez falsificado, de "*cocktail gin*", de vinho do porto e de outras cousas mais.

Sentia-me, até então, perfeitamente á vontade no *Hell-Cat*. Era uma bella embarcação construida para um millionario que gostava de ir de sua residencia em New Jersey ao escriptorio em New York, numa pressa verdadeiramente americana.

Eu entendia que no canal de Florida nada havia que nos embaraçasse em absoluto. Verdade é que um pequeno barco patrulha experimentou dar-nos caça ao anoitecer do dia anterior, mas apenas o notamos, quando ainda parado, apressamo-nos, distanciando-nos.

Encontrava-me, então, inteiramente satisfeito da vida, e estudava calmamente toda a região, procurando encontrar a enseada secreta onde teriamos de ir descarregar nossa mercadoria prohibida.

Quando eu estava assim a ruminar, ouvi o homem do leme, de repente, praguejar forte e furiosamente.

E, em seguida, uma voz melliflua, a meu cotovello, soprou-me: "Não conseguirá, afinal de contas, levar a cabo a sua perigosa experiencia, sr. reporter."

Olhei com desprezo para o ponto de onde me chegava a voz, e encontrei a curta, bojuda e bamboleante forma do Capitão Abe Stente.

Elle moveu a gorda e jovial cabeça para a pôpa. Voltei-me e vi um navio das mais desagradaveis proporções tendendo as aguas em nossa direcção, numa velocidade de trem expresso em linha desembaraçada.

Subiu-me o coração á bocca á simples vista de tamanha rapidez. Tinha-se p o s t o, evidentemente emboscado, por detraz d'alguma daquellas ilhas para perseguir-nos no momento preciso: deixou-nos, porisso, entrar tanto quanto possivel para fazer-se ao largo. Senti exactamente o que deve sentir um rato quando vê um grande gato vir correndo á retaguarda.

Abe Stent imitou com tregeitos melosos e estudados o que devia ter lido em meu rosto.

Uma estada de sete annos na Penitenciaria, sr. Reporter — disse elle. — E' o que isto significa.

Era o meio mais amavel de avisar-me de que a diabolica e velocissima embarcação era da Patrulha Fiscal.

— Para o senhor? — interroguei agitado.

— E para o senhor tambem — respondeu-me com um novo tregeito.

— O sr. Roberto é o que se chama — um cumplice —, antes, durante e depois do acto.

— Sou um jornalista! — gritei. Nada pódem fazer contra mim.

— O senhor faz-se notar especialmente pela sobrecarga — disse elle. — E a especie de mercadoria que traz não é das mais innocentes. Receei deixar transpirar alguma cousa. Elle soubera com muita precisão da minha estada a bordo do barco... Não obstante, apezar de sentir-me inquieto com o facto, tinha confiança em seu caracter.

Voltamos por conseguinte, e com velocidade nos afastavamos da praia que a agua jorrava pela prôa. Seguiamos a corrente, admiravelmente. O barco perseguidor numa ondulação que fazia quasi de todo submergir a prôa, vinha em diligencia policial..., mas puz-me de pé no "Hell-Cat".

— Graças! — exclamei. — Estamos no bote mais ligeiro destas regiões maritimas.

— Estariamos, — chasqueou Abe Stent, — se não fosse *um*!

— Hein?

— E este *um* é *aquelle!* — respondeu-me numa careta significativa.

Eu não estava lá muito satisfeito, como era natural.

Avançavamos com tal presteza que o vento zunia em torno de nossos ouvidos. Embriagava-me com a agitação de nossa temerosa aventura. Uni-me, teso, á borda do barco para conseguir firmar os pés, porque fendiamos com ruido o mar cujas aguas agitadas se elevavam acima do bote. Nós arremessavamos assim, corrente á fóra, para ganharmos o mar largo. Eu nunca tinha experimentado corrida igual sobre o mar, rapida, veloz, arrojada, desde um passeio feito em hydroplano por sobre as aguas de Southampton. Com trinta a quarenta milhas á hora.

Mas, apezar de irmos nessa marcha ligeira, o *bruto*, atraz de nós, tornava-se mais ligeiro ainda. Esperou até quasi obtermos uma victoria sobre elle para mostrar-nos toda a vantagem de uma das suas rapidas arrancadas. Vi seu grande e brutal "*forefoot*" dar investidas mais cerradas todas as vezes que a prôa avançava a ondear, cruel, e a pôpa baixava nas aguas. Era o mais impio dos monstros. E por detraz delle, surgiu, de repente, um bote americano de capturas, que não era, em absoluto, um asylo para acoutar-me.

O gordo e pequeno Abe Stent arrastou-me com indifferença para o pequenino salão onde podiamos conversar sem gritar. Co-

Experiencia Arriscada

(Continuação)

mecei a achar que a calma de Abe Stent provinha não da certeza de poder escapulir, mas de uma questão de habito.

Abe Stent estava acostumado a ser perseguido, a ser ameaçado de prisão, e, ainda mais, a ser ferido.

Abe Stent nada receava, parecia, de facto, um simplorio com uma occupação humilde n u m a misera cidade.

E, no emtanto, era o mais notavel dos compradores de contrabandos do mar de nossos tempos.

Eu conhecia muita cousa a respeito de Abe Stent. Trabalhei alguns annos, num jornal nesse calmo porto de mar onde Abe Stent possuia uma pequena propriedade e uma bella reputação pelas ervilhas e demais productos de sua horta.

Esta era a sua reputação publica, a unica que assentava a seu feitio moral, todo blandicias: Sua reputação privada era inteiramente diversa. Muito poucos o conheciam como o chefe bulhento que figurava nas mais perigosas e mortaes aventuras maritimas, ainda bem vivas no espirito de todo o mundo.

Limito-me a tornar conhecida a sua actuação d'agora, porque seriam precisos m u i t o s livros para catalogar suas illegalidades, relativamente á transgressões e a varias formas de astuciosa pirataria.

Necessito apenas dizer que era natural encontral-o envolvido no negocio de contrabando de alcool, e, mais ainda, fazer saber que era reputado. *"The Kin of the Boot Leggers"* dos E. U. de Marshalls, que pagava o tributo de sua muito prospera e feliz carreira collocando muito alto o preço de sua cabeça.

Era pura casualidade o meu encontro com elle nas Bahamas

Abe Stent, no emtanto, está acostumado a luctar contra aquelles que se empenham em disputar lhe a cabeça; d'ahi, a sua calma diante do grande, rapido e disforme cruzador que vinha em nossa perseguição e a sua desagradavel resolução de atirar-se com todos que o acompanhavam, na prisão.

— Bella embarcação aquella! — exclamou Abe Stent, voltando-se para olhal-a. — Foi construida com o dinheiro de um alto personagem e grande patife, para os seus cruzeiros.

Perguntei: "Ella nos alcançará?

— Esforça-se justamente para isto.

— Está encarregado especialmente de lançar-se a seus calcanhares?

— Sem duvida — e Abe Stent sorriu — Estão quasi alcançado o passaro — dirão agora — com relação ao pobre Abe. E' inteiramente facil fugir, enganar, ou, de qualquer outra fórma, embaraçar os ardis empregados por elles em toda a costa. Porque sou um homem methodico e gosto de descarregar a mercadoria pontualmente, submettem-se, por minha causa, a todo este calor, durante uns tres mezes já. Trouxeram seus dextros rapazes do Baixo Canadá, foram buscar o habil e intelligente Lizzie e entregam-se á toda sorte de campanhas para a minha exterminação. Esta é a parte principal da lucta

— E já lhe deram caça com esse *bruto?*

— Já — respondeu elle — e que se vae tornando monotono. Esta é a terceira descarga de mercadoria que difficultam. Terei de metter-me a f a z e r alguma coisa.

— Creio que não o conseguirá desta vez, capitão Abe — disse-lhe eu, com calafrios pela espinha abaixo. — *Aquella cousa* vae collocar a bordo toda esta mercadoria e fazer um juizo terrivel a seu respeito.

Eu não via outra sahida para a aventura.

O cruzador suggeria-me horriveis conclusões. Fendia de rijo as aguas, seguindo-nos as pegadas. Desenvolvia tal velocidade que nada mais, acreditava eu, tinhamos a esperar.

Eu estava numa tão forte tensão de nervos que subi ao convez para vêr o acto final do episodio que me ia atirar ás grades da prisão.

Aconteceu-me, então, por não me ter bem firmado nos pés, ir bater com as espaduas de encontro á armadura da tolda. Pareceu-me ficar por alguns minutos apenas, com a cabeça ao vento, porque, subitamente, o *Hell-Cat* teve um forte desvio, dando uma especie de salto mortal, (foi a sensação que tive) e um vagalhão tombou sobre mim e encharcou-me até os ossos; meus membros chocaram-se com ruido nas paredes da embarcação e conclui que ia morrer alli mesmo. V i n d o do mundo das estrellas, das estrellas vistas ao meio dia, ergui a cabeça e encontrei Abe encostado á coberta, criticando de mim.

— Convém dizer-lhe que — fallou elle — quando Jim (o piloto) entra em acção, é geralmente precipitado.

— Por que fez e s s a loucura agora? — perguntei.

Abe não esperou que eu terminasse para responder fez um signal com a cabeça em direcção ao nosso perseguidor.

Olhei. Estava duas vezes mais longe de nós agora, e gyrava num largo circulo, apitando de um modo estranho: fazia lembrar um cachorrinho que t e n d o levado muito distante sua prova de resistencia, procura retroceder, revoluteando, apoiando-se sobre as ancas.

Comprehendi, então, o que se passara, nosso piloto levou o *Hell-Cat* — *"about-ship"* a uma rota sem alvo fixo e voltara subitamente. Andamos á roda como um fuso em nossa embarcação, que seria perigoso se estivessemos em mãos de maritimos menos habeis. Nosso perseguidor procurava metter-se de novo em nossa esteira, mas tendo-se excedido, indo mais longe do que nós, somente agora diligenciava voltar para continuar de novo as peripecias da caçada.

— Bella embarcação! — chacoteou Abe, g r i t a n d o para mim, porque iamos velozmente como sempre. — Mas tem seus defeitos. E' uma velha tartaruga no que diz respeito á obediencia do leme. Já navegou por todos os mares e o Golfo do Mexico arruinou-a e poudo-a de lado; agora tem de metter em actividade as suas machinas para fazer o que fizemos.

Olhou de travez para a praia distante agora, e, num minuto, se tanto, tomou a si a direcção, a cargo de Jim. Deu uma ordem e o ruido de nossas machinas a gazolina diminuiu assim como a marcha da embarcação. Comecei a sentir frio nos pés de novo. O inimigo, n'outra arrancada, crescia para nós, jubilante.

Elle vinha bufando, a avançar terrificamente, fendendo de modo admiravel as aguas, o que me surprehendeu, porquanto, em marcha vagarosa, dava a impressão de estar sendo empurrado, de deslisar com difficuldade sobre o mar.

Um moço de forte compleição, inclinado para fóra, no convez, de face voltada para nós, preparava-se para chamar-nos á falla.

Notei, então que a prôa estava inclinada e que o navio se chamava — *Hell-Dog* — em homenagem, sem duvida, ao nosso *Hell-Cat*...

O capitão do navio patrulha inclinou-se mais ainda á proporção que se approximava, e gritou, de repente, de lá:

— Penso que tens verdadeira confiança em ti para não procurares experimentar agora melhor marcha fóra desta tua velha falúa, ou não procurares repetir a astucia de reviravolta de ha pouco... Que aconteceu Abe? Desmontaste o teu motor?

— Não temos pressa... — respondeu Abe. — Descançamos a respirar e a ventilar-nos.

(Continúa no proximo numero)

As danças dos nossos dias

(Ponderações de uma ex-collegial)

II

"*Minha amiguinha* — Riste de mim! Eu chorei... Trataste-me de *eterna collegial de avental negro*, e eu chorei ainda. Meu amor, mamãe — tão moça — finou-se ha dois annos, e, comtudo, não desappareceu para mim. No dia de hoje, sinto-me perto della, escrevendo-te junto ás violetas que espargi no tumulo da morta.

Vou ser o nuncio de suas palavras, dos conselhos que ella me déra quando eu ia passar as ferias em casa, na Fazenda. Mamãe falava das danças: — "As danças, minha filha, são a fatalidade dos nossos dias. Antigamente, eram artes e exprimiam até os delirios dos selvagens. No começo do seculo actual, quando eu era menina, as danças tinham cunho affectado e algum tanto rebuscadas, porém satisfaziam. E teu futuro pae — moço e eu, creancinha, alternando o affecto dos nossos corações limpos, num salão vasto — ás luzes calmas nas velas alvinitentes dos lustres. Seguravamos reciprocamente as duas mãos e tremiamos. E tudo era suave exteriormente, afim de commover com bens melhores. Musica em surdina, gestos delicados. Nasciam os corregos da felicidade, que raramente se vê hoje."

Ella depois commentava: — "Vamos a um salão de baile *á moda dos nossos dias*. O contraste disparata. Não ha o rigor de outrora. Não ha selecção, como não pode haver o bom-tom. Tudo começa mal. Ha até sujidades physicas. Os rapazes não se preparam para a exhibição, que é á luz dos reflectores electricos. Não se adomingam afim de parecerem melhores. E, com os ternos suadinhos do serviço diario, apresentam-se á noite no salão."

"Aproximam-se das moças (uma intelligente como tu, pondero eu, minha amiguinha!) e, com phrases triviaes de chapa, convidam-nas para o corrupio. Não lhes dão o braço, como seria mais elegante e delicado: achegam-se, grudam-se, acolchetam-se. Uma *bacchanal!* — como disse mons. Luiz Gonzaga, no ultimo retiro que te pregou no collegio."

Foi assim que mamãe me ensinou. E tu, com as tuas carnes puras, Ruthzinha innocente, com o teu rosto pensador e agradavel — meu amor, não comprehendes o mal em que te metteste! Eras tão ingenua e faz oito mezes que nos separámos, de forma que, sem duvida, ainda não coras de pejo ao valsares com um homem qualquer. Poderás dizer que não danças com desclassificado, mas eu, que me venho fazendo porta-voz de minha saudosa mãe, te direi que não ha escolha nos frequentadores dos salões modernos. E farias figura indelicada, fugindo de dançares com um cavalheiro, participante da sala onde tambem foi recebido.

Aspirava ser libellula ideal que adejasse em volta da tua imaginação, afim de coordenar tuas idéas nessas horas macabras. Tu, nessas horas, pensas em rectidão? pensas em que — anjo puro, jasmin claro! Dança com os teus irmãos. — Os irmãos não dangam com as irmãs?! E tu, minha sábia menina, concluirás...

Estou a escrever-te e, de minuto a minuto, furo a minha pasta verde com os cotovellos, e amparo, mãos em concha, as lagrimas redondas dos meus olhos. As danças — a perdição. E dizes-me: *Nasci amargurada, fui triste, soffro sempre. Preciso alegrar-me, estou gozando a vida. — o amanhã é incerto.*

Que calamidade! O peor mal é o de justificar os desaires com lógica errada. Se soffres, por que soffres? E não me contaste, certa vez, que a culpa dos espinhos é sempre nossa! E o unico gozo da vida estará na amêndoa enganadora do mal, só porque é fructo prohibido? O meu natural busca prazer no conchego da serenidade, que dura para sempre.

Jazz-band é epilepsia de musica, — palavras sensatas da brava *Ma sœur* Teresa, nossa professora de solfejo. O alcool, que excita temporariamente, faz esquecer as desgraças de quem perdeu os haveres no jogo? Estarei louca, minha amiguinha? Talvez. Nesse delirio de insania, pergunto-te: — Qual homem ás certas vae buscar sua noiva num baile actual? As moças dos *clubs* se desmerecem.

Minha rosa que se desfolha, temo que a tua innocencia fique no chão, amedronta-te ante Deus, que castiga, e conserva a tua castidade como bem eterno. A castidade é a força da mulher. A viagem pelo futuro é longa — e dolorosa quando as forças interiores da alma se perverteram. Sei que vives em más companhias: são ellas que dictam as palavras que recebo.

Noemia te dirá, — estou ouvindo, *que deixes de ser boba, que és tola*, e Naná, aquella perereca de Naná, irá buscar-te em casa para os *delirios da festa*.

Tenho uma visão horrorosa: — Vejo-te cirandando, bailando, bailando muito, bebeda, tonta, tonta, bailando...

Acordo-me e choro.

Adeus!

Rezo, e peço ao Pae de Misericordia a Sua piedade para as minhas orações, que são dirigidas a Ruth.

Beijo-te.

Clea, *eterna collegial de avental negro*.

WANDERLEY LIMA.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno .... 48$000
Semestre .... 25$000
Venda avulsa
em todo o Brasil, 1$000.
As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
TELEPHONES: DIRECTOR: 2-0377. — ADMINISTRAÇÃO: 2-4136
CAIXA POSTAL 97
RIO DE JANEIRO

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431.
Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

VERSOS

PURIFICAÇÃO

— O passado?... e que importa esse passado
de que eu mesmo me esqueço?... inuteis dias
em que ha, de quando em quando, um sorriso apagado
e, muita vez, a luz de umas lagrimas frias...

E' tão grande o presente! — o presente tão cheio
de ti, de teu amor!... Passaram as horas más,
horas feitas de sonho e galanteio,
em que todos estão e só tu não estás.

Porque eu vivi todo o passado, vagabundo,
aprendendo de cada amor uma lição,
para depois entrar, experiente, no mundo...
Mundo: — o amor... a ternura... a saudade... o perdão..

Porque antes de amar-te eu amei muitas vezes,
soltei o coração ao sonho e seus revezes,
para que elle aprendesse a soffrer e a chorar...
E soffreu, e chorou... e hoje tenho-o perfeito,
sei pagar, com o bem, o mal que me foi feito,
e sei amar, e sei soffrer: sei perdoar...

Dos amores que tive, nem saudade
me resta... Apenas, chêia de piedade,
cheia de subtileza, a impressão singular
de que andei pela vida, antes de conhecer-te,
amaciando o coração para querer-te,
purificando o meu amor para te amar!...

Léo Fontes

OPTIMISMO

E' tão triste esta vida e tão longa essa estrada,
Que é preciso sorrir sem pensar, sem querer.
Sorrir ao vir do sol, no canto da alvorada,
E sorrir inda mais vendo o dia morrer.

E a palavra interior, a custo sopitada,
Feita da raiva ultriz, ferina a mais não ser,
Calar para que nunca, em sendo pronunciada,
Vá o ouvido de alguem porventura offender.

Vêm cahindo uma a uma as folhas... E' o outomno.
Nessa desolação da matta resequida,
Sorrir como se visse uma campinha em flôr.

E ter ainda, na tristeza e no abandono,
Para quem encontrar no caminho da vida,
Uma phrase de fé e um sorriso de amor.

Sousa Netto

TEU PERFIL

Eu fumo, eu penso, triste e desolado...
Eu penso, eu fumo, eu sonho, e da fumaça
Que sae do meu cigarro, lenta e baça,
Vejo formar-se o teu perfil amado...

Ao meu pallido olhar, meio apagado
O teu lindo perfil passa e repassa...
Agora, a pouco e pouco se adelgaça
Pelo soprar da brisa carregado...

Accendo outro cigarro, e em vão procuro,
Do teu perfil o traço leve e puro,
Na fumaça atirada á viração.

Não o encontrando eu choro amargamente
E o meu pranto, rolando lentamente,
Vae formar teu perfil em minha mão...

Ernani Mendes Gonçalves

Saudavel e agradavel

O SUCCO de uvas Welch é ao mesmo tempo uma bebida deliciosa e um effectivo tonico para o organismo. Possue todos os predicados naturaes para restaurar as forças e auxiliar a digestão; estimula o appetite e actua como um laxativo brando. Convem tomal-o todos os dias. É verdadeiro sumo de fructa.

GRATIS—Sirvam-se dar-nos o seu nome e endereço, assim como do seu fornecedor, e enviar-lhes-hemos o nosso folheto ensinando maneiras de servir o succo Welch.

PAUL J. CHRISTOPH CO., 98 Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro

Succo de Uvas **Welch**